

10
anos

revista

Barbante

VOL. X - Nº 49 - 27 DE OUTUBRO DE 2022
ISSN 2238-1414



BARBANTINHA

Caderno especial escrito por crianças

Página 186



Palavras aos leitores e às leitoras

É mais um momento com vocês e feito por vocês! Momento em que a revista Barbante recebe nas suas mais diversas páginas gêneros textuais das mais diferentes formas que lhe dão um encanto único e singular. Sentimo-nos felizes com os textos cuidadosos dos nossos colaboradores, um cuidado que a Barbante também procura levar aos seus leitores.

Neste volume, a Barbante conta com as ilustrações da nossa querida fotógrafa Christie que traz a infância com uma beleza singular no clique da sua máquina e no seu olhar encantado de poeta da imagem. Isso para comemorarmos o mês das crianças e que cada uma delas possa ter os seus direitos respeitados e amadas como necessitam.

As seções desta edição estão distribuídas em Artigos, Cartuns, Cartas, Contos, Cordéis, Crônicas, Ensaio, Poemas e Resenhas. Temas e olhares variados dão a este número um caráter bem abrangente e especial, em tempos em que se faz tão necessário capturar todas as possíveis esperanças de um mundo melhor.

Além da contribuição de diversas pessoas nas seções citadas, contamos com a presença de nossos colunistas fixos: Araceli Otamendi, Daniel Bezerra, Dhiogo J. Caetano, Márcia Batista Ramos, Rosa Regis e Rosângela Trajano. Nossa gratidão a vocês por caminharem com a Barbante.

A nossa gratidão a todos que colaboram com a revista Barbante criando um laço afetivo de amor e cuidado entre autores que buscam fazer da literatura um meio de aproximar pessoas nos mais diferentes lugares com a alegria e solidariedade de quem escreve por amor e se dedica à arte da escrita com singularidade e maestria. Em especial, desejamos boas-vindas ao nosso mais novo colaborador Kim Bertran Canut da Barcelona, Espanha.

A Barbante apresenta, também, mais um número da sua irmã caçula, Barbantinha, um caderno especial escrito por crianças do mundo inteiro com ilustrações e textos! Nesta edição, crianças do estado de São Paulo, Rio Grande do Norte, Bahia, Sergipe e Paraíba. Convidem as crianças para participarem mensalmente desse caderno encantador e cheio da beleza de mundos imaginários aos quais só as crianças conseguem chegar!

Agradecemos aos/às nossos/as colaboradores/as e desejamos uma bela leitura a vocês,

Rosângela Trajano

Samuel de Mattos



Artigos

RESUMO

O seguinte artigo tem como objetivo discutir acerca da trajetória docente do Professor Marcos Lira de forma bem resumida, no entanto, antes de nos aventurar nessa história precisamos compreender o processo histórico da profissão docente e seus diversos paradigmas dentro do contexto brasileiro, para assim, entendermos quais pressupostos e contextos históricos do fazer docente o mesmo se constituiu e se configura.

Palavras chaves: Trajetória, Professor, Memória, Nordeste.

INTRODUÇÃO

Marcos Moreira Lira, sujeito dessa pesquisa é Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Maranhão e Professor de Ciências Humanas, possui 23 anos de idade, e já têm três anos de trajetória docente, lecionando Geografia e História no Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santa Isabel (2018 – 2019), Sociologia no Centro de Ensino Estadual Graça Aranha (2017 – 2019) e Educador no projeto Escola Comunidade Viva Deus (2017 - até o momento).

Para descrever essa trajetória partiremos dos seguintes Fundamentos Teóricos Práticos, Nóvoa (1999) para compreender o processo histórico de profissionalização do professorado, Arroyo (2002, 2004) com “Ofícios de Mestre: imagens e auto-imagens” e “Imagens Quebradas: Trajetórias de Alunos e Mestres”.

No processo de construção da pesquisa, os caminhos trilhados são a partir da perspectiva metodológica prática com base no Materialismo Histórico Dialético em Marx, Histórico-Cultural de Vygotsky e Epistemológicos práticos a partir dos escritos de Paulo Freire (1967, 1987, 1996), sendo os dados transcritos a partir da pesquisa qualitativa em Minayo (2001), com uma abordagem de Trajetórias de Vida a partir de Arroyo (2004).

Antes de tudo torna-se necessário reforçar, que parto da compreensão de que sou um sujeito constituído de uma identidade docente, o ser professor/educador que vem em luta contra os ideais do capitalismo que afetam a sociedade, oprimindo, excluindo, extratificando, matando-a e etc, sobretudo, dentro da área do campo da Educação, então, essa área é o espaço de onde se constrói minha luta e maior parte de constituição humana e epistemológica.

1 Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Graduado em Licenciatura em Ciências Humanas pela UFMA. Educador Popular no Movimento Sem Terra – MST; Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular – GEPEEP/UFMA e Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais – GENPEX/UnB. marcosliraoficial@outlook.com.

Ao escolher minha trajetória para ser abordada nesse texto, venho do entendimento de que educação praxica, humanizadora, libertadora e formadora de sujeito autônomo e consciente, tão defendida por Paulo Freire ainda existe e têm força, pelo próprio fato de que a mesma foi um dos maiores meios que me fizeram quem sou hoje e transformou minha realidade, levando-me em busca da formação política, liberdade e autonomia.

2. PROFISSÃO PROFESSOR NO CONTEXTO BRASILEIRO: OFÍCIOS DE

Mestre e Trajetórias de Vida.

O processo histórico de profissionalização do professorado com base em Nóvoa (1999), surgiu na metade do século XVIII, onde na Europa buscava-se esboçar o perfil de professor ideal, fomentando assim, a secularização e estratificação do ensino, onde a partir, dos Estados Docentes buscava-se o controle mais rigoroso dos processos educativos por tutela da igreja, logo, os professores eram recrutados pelas autoridades estatais.

Já no século XIX – XX, com base em Nóvoa (1999) e uma época de aumento de números generosos de congressos de professores, guiado por vários campos de saberes e onde os professores mantinham presença ativa, todavia, o campo da profissão professor passa por altos e baixos na história, nesse período vem a intervenção do Estado buscando causar um processo de homogeneização que colocasse o professor “como corpo principal, e não concepção corporativa do ofício”.

Nóvoa (1999) relata que desde o século XVIII, são realizadas a seleção de professores e têm-se a volta para antigo regime estatal, onde os professores passam a

ser submetidos a disciplina do Estado, na qual, o mesmo buscava criar um modelo ideal de professores com base no funcionalismo, diria assim, que me lembro um pouco da proposta atual de Escola Sem Partido quando refletimos sobre esse passado.

Ainda navegando no barco histórico do século XVIII, Nóvoa (1999) relata que não era permitido ensinar sem uma licença do Estado e que o professor precisaria se enquadrar num “comportamento moral” e que somente o Estado daria suporte legal ao exercício da atividade docente, assim, o professor necessitava de certas “competências técnicas” e de um título de afirmação profissional que era emitido somente pelo Estado. Com isso, para obterem os títulos, os professores eram vetados de terem “intencionalidades políticas”, não podendo ser agentes culturais e agentes políticos.

A história é feita de fatos ruins e bons, então chega-se a um momento em que o professor consegue modificar todo esse sistema condicionante, nos baseando em Nóvoa (1999), o século XIX é um momento de mudanças significativas ao professorado, surgiu assim, movimentos da classe com reivindicações profissionais e de ação educativa, levando-se

assim, um trabalho de relevância social e consolidando na construção do Estatuto e das imagens dos professores, com isso, as “escolas normais estão na origem de uma verdadeira mutação sociológica do corpo docente...”, dando-se graça ao avanço das instituições de formação com seus conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum.

Século XIX é retratado segundo Nóvoa (1999), como sendo o tempo da “ambiguidade do estatuto dos professores” e nesse processo surgiu com força a feminização do professorado, ou seja, a imagem de auto relacionar a profissão docente ao feminino, causando assim, dilema entre as imagens masculinas e femininas da profissão, algo ainda hoje presente e que posso dizer por mim, sofro com isso. No entanto, tal século é marcado pela conquista da coletividade dos professores em montar uma associação, causando no ensino normal um “novo” movimento associativo docente. Todavia, segundo Nóvoa (1999) “a escolha do modelo associativo mais adequado aos professores foi objeto de longas controvérsias bem como a sua filiação política ideológica”.

Ao pensarmos no professor brasileiro a partir do livro *Ofícios de Mestre: Imagens e Auto Imagens* de Arroyo (2002), ele evoca algumas categorias como Escola Plural, práticas e saberes e artes do ofício, o mesmo busca falar do movimento de inovação de propostas educativas do ângulo dos professores e das professoras da Escola Básica. Arroyo (2002) nos traz uma reflexão, de que quando se fala em educação automaticamente as pessoas fazem uma associação a instituição escolar, então, porque não o professor? E porque quando se fala em Saúde, logo, as pessoas associam ao Médico, ou seja, aos profissionais? Vemos assim, o retrato do processo de hierarquização das profissões no país, onde o professor fica lá em baixo e quase oculto.

É um contexto que já vem de algumas bases apresentadas pelo Nóvoa (1999), sendo ele social, econômico e político, nos condicionando a certos papéis e lugares na sociedade. Arroyo (2002), relata que “até a história da educação estudada pelos professores (as) é a história da escola, dos sistemas de ensino”, ou seja, os próprios professores antes tinham um ponto de perspectiva sobre a educação focados muito na instituição, reproduzindo as condições sociais que lhes eram enquadrados.

E desse ponto relatado por ele, que vejo a necessidade de se colocar minha trajetória como centro desse artigo, poderia aqui falar sobre o imaginário docente, ofícios de mestre, profissão do professor a partir de uma abordagem teórica bibliográfica, mas, torna-se necessário nesse momento nos apropriar do nosso imaginário docente como diz Arroyo (2002), a partir de nós mesmos e trazer “uma visão humanista e personalizada sobre a relação educativa, de que ela é uma relação de pessoas, de geração”, como ele mesmo fala, “os mestres no centro da pedagogia, não apêndices”.

Arroyo (2002) retrata que há imagens e auto-imagens confusas de mestre,

sempre em segundo plano, no distanciamento e fora de foco, e nos indaga “que imagens os professores veem de si? E que imagens a sociedade vê?”. O autor relata que nas greves de 79 é que auto-imagens dos professores se formam mais nítidas, ou seja, muitos espaços e oportunidades em que eles puderam estar coletivamente, os levou a se reencontrarem e compreenderem-se enquanto grupo, levando-os a uma identidade docente que é criada na relação com outro sujeito

docente, de autoreconhecimento e lutas por objetivos comuns.

Nesse momento compreendo que minha identidade docente foi criada em espaços coletivos e movimentos sociais, analisando isso percebo criticamente, como Arroyo (2002) destaca, que “voltar ao magistério e voltar a nossa própria história”, compreendendo “as transgressões políticas” que fizemos parte, fazendo o movimento também de voltar a nossa infância que constitui nossa história de professor.

E o modo como os sujeitos irão se comportar têm bastante influência de suas trajetórias de vida, que com base em Arroyo (2004), o educador deve se compreender e entender os sujeitos para que o mesmo possa ajudar com que eles entendam a si mesmos. Ou seja, conhecer nossas trajetórias de vida com base em Arroyo (2004) é compreender que tivemos uma formação no âmbito familiar, escolar formal ou não escolar, religioso ou não religioso, e que ocupamos outros espaços e passamos por várias vivências antes de sermos o que somos hoje. E um educador popular com base em Arroyo (2012), precisa compreender, reconhecer e respeitar os educandos, porque eles são produtores dos seus próprios conhecimentos e saberes, eles possuem seu modo de se organizar e têm suas próprias “pedagogias”.

3. UMA TRAJETÓRIA DE VIDA GUIADA POR PERSPECTIVAS METODOLOGICAS PRÁXICAS

Compreender minha trajetória a partir do Materialismo Histórico Dialético em Marx (2007) é perceber que sou sujeito formado por relações sociais com base no Trabalho e que as mesmas foram se modificando ao decorrer do tempo, num processo de transformação, processo esse dialético de idas, vindas e traços, que em algum momento no decorrer do tempo pareciam similares, mais já eram modificados, sendo eu sujeito formado a partir de condições sociais criadas pelo sistema capitalista, na qual condicionou muitas das minhas práticas enquanto humano e educador.

O que me mantém ainda racional dentro desse sistema é compreender com base em Vygotsky (1995, 1996, 1997, 2001, 2004, 2007), que tenho uma constituição histórico-cultural enquanto sujeito, que é influenciada também pelo sistema capitalista, todavia, fui formado por vários outros espaços sociais, como igreja, escola, rua, movimentos sociais, universidade, área rural, assentamento e etc., na qual me motivaram a ser um professor humanizado como diz Arroyo (2002). E muito dessa compreensão, me leva a ter ações pensadas sobre meu fazer docente e saber me afastar de certas constituições que foram ruins e me aproveitar daquelas que geraram significação² no sentido bom em minha vida, para que eu possa respeitar o saber epistemológico³ de outros sujeitos.

2 Compreendo significação a partir de Vygotsky, processo esses que se dá pelas diferentes formas do sujeito compreender falas, línguas, símbolos e práticas.

3 Saber epistemológico com base em Paulo Freire (1996) e Reis (2001), é compreender que o sujeito possui também sua constituição histórico cultural própria, a partir, de vários espaços que ele viveu, saber esse que

Muito de minha trajetória docente foi guiada pela perspectiva epistemológica praxica com base nos Escritos de Paulo Freire. Paulo Freire (1967) em *Pedagogia do Oprimido* pode me mostra como somos oprimidos dentro de um sistema capitalista e neoliberal, onde visa excluir e reter direitos do proletário³ que não detém o capital, mas, que possuem a força de trabalho explorada pela burguesia, que têm em mãos o capital e os bens de produção.

Logo, começo a compreender a Educação como Prática de Liberdade com base em Paulo Freire (1987), por me trazer a reflexão praxica de que uma Educação é libertadora quando a mesma se propõe respeitar o saber epistemológico dos sujeitos, visando ser construída na compreensão de suas relações com o mundo, e assim, poder levá-los a ter conscientização e emancipação humana em suas práticas sociais e de vida.

Com tudo isso, passo a refletir em minha vida o que é Autonomia, que com base em Paulo Freire (1996), é um processo onde o sujeito na sua relação com o mundo, busca respeitar os saberes epistemológicos de outros sujeitos a partir da construção de uma educação e prática docente e social ética, que promove a curiosidade e é mediada pela dialogicidade e amorosidade, fazendo com que os sujeitos se unifiquem enquanto coletivo e criem práticas para resolver seus problemas individuais e coletivos, dentro de um sistema capitalista que torna os sujeitos como seres de uma dialética da contradição.

Arroyo parte de uma perspectiva metodologia materialista histórica dialética, centrada nas práxis... influenciando por Vygotsky, quanto a uma abordagem da constituição histórica-cultural do sujeito. Apesar desse primeiro texto abordar “Ofício de mestre: imagens e auto-imagens” (2002), Arroyo (2004) em seu livro “Imagens quebradas: trajetórias de alunos e mestres”, vê o professor e aluno no mesmo campo difuso das contradições sociais do sistema capitalista, onde o Aluno, Mestre, Sociedade, Culturas e Minorias são sujeitos oprimidos dentro de um sistema maior (aí vem a abordagem materialista histórica dialética do capitalismo), por sermos todos oprimidos e alienados dentro de um sistema capitalista, ele condiciona nossas relações sociais e modos de vida...

Então, o educador segundo Arroyo (2004), cria uma imagem do aluno, assim, como ele cria do professor... porém, o professor se apegou há uma imagem de aluno, do seu tempo de aluno... e quando os alunos atuais que são educados por ele se comportam de modo diferente quanto ao seu tempo de aluno (o mestre), o mesmo passa a enquadrar o aluno como sujeito indisciplinado e mal comportado, por ele fugir à regra. Porém, o professor deve compreender que o aluno de hoje, não é o mesmo do seu tempo enquanto aluno... E somente o educador refletindo sobre sua trajetória de vida num movimento dialético é que ele vai compreender que os alunos de hoje vivem em outro sistema econômico e são alunos com formações históricas culturais diferentes da dele... e nesse choque se encontra uma imagem quebrada sobre o aluno, devido a não realização da idealização do professor sobre o aluno, pelo fato de não se ater as trajetórias e saberes do aluno.

Pensar na minha trajetória é compreender que a pesquisa qualitativa responde a muitas questões particulares, que com base em Minayo (2001), a mesma se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, uma realidade que possui assim, relações sociais que se modificam e se transformam a todo tempo, se dá pela sua prática de vida e de experiência, no qual deve ser respeitado e compreendido principalmente na relação professor-discente. ³ Parto da compreensão de proletário com base em Marx.

principalmente dentro de um movimento histórico dialético. Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001 p. 22).

4. COMO ME FIZ PROFESSOR: Nordestino, Assentado, Trabalhador Rural e Militante.

Marcos Moreira Lira, nasci na caatinga do Ceará, fui criado no interior de Independência-CE, conhecido como o sertão Araújo, vivia eu, Mãe, Pai e irmã numa casinha pequena e velha emprestada pelo meu tio, atrás dela tinha um espaço enorme de terra e no cantigueiro, na qual usávamos para plantar e sobreviver. Cansados estávamos de morar de favor, então, em 1998 conseguimos uma casa no projeto de Assentamento Muquém dentro de uma terra da União que ficava a 6km da antiga casa que morávamos.

Foi minha primeira experiência com a militância, entrar na lutar com minha família pela reforma agrária de um espaço onde não tinha energia, água encanada, escola e plantio, com apenas dois anos eu não entendia muito daquele mundo, mas, ainda tenho muitas lembranças. Aos meus seis anos de idade um grande sonho se torna real, a reforma agrária veio e com ela água encanada, escola para Jovens e Adultos, energia e políticas públicas para o campo, como bolsa família, auxílio para plantio e reforma das casas.

Mas, isso não era suficiente, pois vivíamos num espaço totalmente seco e quente, raramente se tinha vegetação verde e o poço geralmente faltava água, perdi a conta de quantas vezes andávamos com latas na cabeça, vindo das cacimbas que fazíamos atrás das paredes de açude para colher água. Plantar não me trouxe experiências tão boas, até porque a Roça ficava a 12km de distância e íamos a pé, além, da colheita ser escassa devido ao território que morávamos, todavia, fazíamos o que podíamos e não podíamos para sobreviver.

Me lembro até hoje da primeira vez que fui a escola, tinha meus 6 anos de idade e não gostava de estudar, para mim aquele era um mundo totalmente avesso a minha vida, pois de tanto sofrer, já tinha o sofrimento como forma única de se viver, e de tanto apanhar do sistema opressor ficamos as vezes dormente ao ponto de não sentirmos mais dor, contudo, me lembro muito bem das palavras que minha mãe falava ao nos levar na garupa da bicicleta para escola que ficava a 5km de distância, “vocês precisam ir à escola, para não passarem pelo que eu e seu pai passamos”, isso ela sempre falava ao subir grandes cercas com bicicleta nas costas e minha irmã e eu no braço.

Não entendia muito naquele momento o porquê dela ver tanto a educação como um processo de libertação frente ao que vivíamos, primeiro porque ela tinha parado de estudar e nem terminou a quinta série, e meu pai não sabia ler direito e só fez a terceira série, ambos haviam fugido de casa para se casar, mãe com 14 anos e meu pai com 18 anos, e tendo-me assim, como primeiro filho um ano depois.

Com o tempo hoje posso compreender, os mesmos não tinham tempo mais para Estudar, até tentaram entrar no EJA a noite perto de casa, mas, desistiam porque a noite estavam muito cansados e tinham que acordar cedo para irem a roça e trazer o que comer para casa, minha irmã e eu íamos as vezes para roça, geralmente nas férias, mas, enquanto havia

aulas, nossos pais ficavam em nossos pés para que não faltássemos um dia.

Passou-se um bom tempo, eu já tinha 10 anos de idade e não sabia ler, como

falei, a educação não era algo atrativo para minha vida, não porque eu a recusava, mas, o sistema me deixava cansado, hoje lembrando-me compreendi que eu era uma criança com dislexia, pois é, não sabia ler, via letras trocadas e escrevia de forma incompreensível, mas, como uma professora bruta do interior sem formação acadêmica iria identificar? Nossa professora, só tinha terminado o ensino médio e era muito conservadora.

Muitas vezes fui chamado de burro pela professora, funcionários e colegas

de sala, algo que marcou minha vida foi uma fala da professora que disse “você é muito burro, não devia estar aqui, seu lugar é na roça”, isso mexia comigo e me fazia ser violento e cada vez mais odiar a profissão do professor e até a própria escola. Chegava em casa, e minha mãe colocava livros em minha frente e ficava com um cinto dizendo

“se você não ler, vai apanhar”, eu olhava o livro e só via várias letras misturadas e começava a chorar, no entanto, ela não tinha coragem de me bater e lá vinha os sermões dela dizendo porque eu deveria aprender ler.

Tudo isso mudou, quando um dia resolveram pegar todos alunos que não sabiam ler e separaram em duas salas, éramos um total de 6 alunos numa turma de 45 alunos que não sabíamos ler e agora teríamos uma sala somente para nós. Todos ansiosos na sala e lá chega outra professora, era idosa e diziam que só tinha terminado o ensino fundamental, a mesma era muito amorosa e atenciosa. A educadora tinha tantas formas de ensinar e uma didática, que toda aula para nós não era mais um terror, mas, parecia que íamos brincar todo dia na escola, quando percebo em menos de 3 meses já sei ler e escrever, logo, se tornou prazeroso estudar e nunca imaginava que iria ter tanto afeto por uma professora, como eu tinha.

Descobrir o mundo da leitura e escrita me modificou bastante, foi o primeiro momento onde percebi que através da professora, pode sim dentro da escola existir pessoas amorosas e que através da educação eu poderia ser “alguém na vida”, todos meus sonhos foram restaurados e comecei a compreender aqueles conselhos dos meus pais. Entrei na quinta série com 11 anos, mudamos de escola para uma mais distante que ficava a 18km do assentamento, era eu o aluno com mais dificuldade na sala, mas, isso se modificou na sétima série, quando encontrei outras professoras amorosas, elas ensinavam geografia e português e tiravam muito do seu tempo para me ajudar, quando me percebi já era um dos alunos mais desenvolvidos na sala.

Aos 13 anos tive uma grande mudança em minha vida, meus pais resolvem sair do assentamento e viemos para a cidade Imperatriz/MA, chegando aqui foi outro choque, os alunos tinham uma relação com o mundo totalmente diferente da minha, sofria muito preconceito pelo meu modo de falar e de viver, tendo que me modificar para sobreviver a esse choque cultural.

Descobri aqui na cidade o que era faculdade e bolsas, algo que para mim era muito distante, logo, novos sonhos se traçavam, foi aqui em Imperatriz que percebi que minha autonomia e liberdade seria através da Educação, já era nítido que eu seria um professor, pelo próprio fato de sempre andar em carteira e carteira de cada colega ensinando eles

fazerem as atividades e revisando os assuntos para os mesmos, muitas até diziam “você vai ser professor”, mas, eu rejeitava e dizia que iria ser advogado.

Com meus 15 anos eu ensinava meus pais a lerem e ficava pegando nos seus pés para que eles voltassem a estudar, os mesmos começaram a maturar a ideia, mas, não vingou. Terminei o Ensino Médio e fiz o Exame Nacional do Ensino Médio, ansioso pela nota para entrar no curso de Direito, todavia, a nota não foi o que eu esperava e fiquei triste, mas, não queria ficar parado e concorri no segundo semestre de 2014 para Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia na Universidade Federal do Maranhão - Campus Imperatriz, juro, não sabia nada acerca do curso e achava que seria um Sociólogo, culpa disso é da minha realidade de Educação Básica, porque não tive aula de Sociologia e Filosofia por falta de professores.

No decorrer do curso que durou de 2014 a 2018, tive muitas experiências com outras comunidades, com o aldeias indígenas, quilombos, religiões afrodescendentes, assentamentos, povos da floresta, arvores, terra e águas, além, de poder participar de várias lideranças de movimentos sociais que lutavam por transporte, educação e saúde pública, participando de várias greves dentro da UFMA, Prefeitura Municipal, Praças e Ruas de Imperatriz. Digo com sinceridade que foi nesses espaços que reforcei mais ainda minha identidade docente, enquanto educador crítico e humanizado.

No entanto há três momentos em minha vida, que percebi a educação praxica como um caminho para minha autonomia e como libertação social de outras pessoas, o primeiro foi quando passei no seletivo para professor na Escola Municipal Santa Isabel de Montes Altos/MA, no qual, lecionei Geografia, História e Filosofia nos anos finais do Ensino Fundamental de Abril de 2018 a janeiro de 2019. Lá percebi que sou um professor amoroso e que podia constituir a vida de muitos alunos (as), pelo fato que hoje percebem a educação como um caminho para a liberdade após terem contato comigo. O segundo momento foi quando lecionei Sociologia no Centro de Ensino Estadual Graça em Imperatriz/MA no ano de 2017 a 2019, onde percebi que a o ensino pode abrir mentes e levar uma criticidade, no qual através dos alunos eles possam modificar o mundo e promover a tolerância.

Deixei esse último momento, porque foi através dele que compreendi minha trajetória docente e reafirmei a perspectiva que busco de educação libertadora e compreendi minha relação enquanto sujeito no mundo. Tal momento foi em 2017 quando conheci o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular, onde eles realizam o Projeto Escola Comunidade Viva Deus, num acampamento sem-terra que luta pela conquista da mesma a 17 anos. Nesse momento, voltei a continuação da minha trajetória enquanto assentado e trabalhador rural, parecia que tinha reencontrada minhas raízes, só que eu já não era o mesmo menino incapaz como me sentia na minha terra, agora sou um educador que posso contribuir para a transformação social dessa comunidade, que tanto se parece com a minha que deixei no Ceará.

Hoje com essa trajetória me sinto feliz por ser um sujeito que está conseguindo sua autonomia através e pela educação, minha vida mudou e consegui ajudar outras vidas a mudarem para o melhor, aprendi a não ser só educador, mais um sujeito humanizado, amoroso, ético, feliz e companheiro, que tenta a todo dia busca a transformação social e lutar contra

um sistema opressor chamado capitalismo, e que as poucos estou conseguindo resultados efetivos e me agarro a eles para continuar a caminhada, através da educação já não sofro tanto, hoje tenho uma vida melhor e meus pais terminaram a Educação Básica. Através da Educação hoje ocupo espaços de poder, não só para alimentar meu ego, mas, para contribuir com a sociedade em busca de um mundo melhor.

CONCLUSÃO

Analisando minha trajetória com base em Arroyo (1998) em uma palestra da segunda conferência de Educação do Campo em 1998, me faz compreender porque os alunos se comportam de forma estressada muitas vezes, no qual se dá pelo fato de haver um sistema de ensino sub tecnicista de um interesse do capital, que mantém uma educação que não visa libertar os alunos, mas, um sistema de ensino seriado, que mantém um auto avaliação do aluno enquanto sujeito objetivo e não subjetivo.

Sistema esse que reprova e aprova, dando notas de 0 a 10, justificando-se no fato de que o aluno não reproduziu o que leu nos conteúdos e desconsiderando seus conhecimentos e saberes subjetivos de sua realidade... a escola formal é tida como um espaço de prisão e que força os sujeitos a estudarem... eles precisam alcançar metas... os mesmos não compreendem o ensino como necessário e libertador, mas, como obrigação... por que o sistema capitalista cobra isso... são nesse momento que percebemos que o aluno, professor e sociedade são reféns do Estado e do sistema capitalista... que não educa para emancipação e conscientização humana.

Mas, Arroyo (2002) nos traz a concepção de humana docência, também defendida como amorosidade e dialogicidade pelo Paulo Freire (1996), a mesma em minha trajetória se deu por esse respeito ao saber epistemológicos dos meus alunos, compreendendo que eles possuem uma constituição histórico-cultural particular e singular, mediadas pelas suas relações com o mundo e práticas de vida. Processo esse que só seu deu pela compreensão da minha trajetória de vida e construção de identidade docente.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofícios de Mestre: Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. (2004). **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1987.

_____. (1967). **Educação como Prática da Liberdade**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

_____. (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 45-50, p.257-272.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10º ed. São Paulo: Editora Hucitec. 2007.

NÓVOA, Antonio. Profissão professor. NÓVOA, A. (org). **Profissão Professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999.

VYGOTSKY. L. S. **Incluye problemas del desarrollo de la psique**. Obras Escollidas. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

_____. Lev, S. **Teoria e método**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Lev, S. **Fundamentos da Defctologia**. Obras Escollidas. Tomo V. Madrid: Visor, 1997.

_____. Lev, S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Vygotsky, L. S. **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Lev, S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PERSPECTIVAS FENOMENOLÓGICAS E EXISTENCIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA PSICOLOGIA

Rita de Cassia de Freitas ¹

RESUMO

Aparecendo como duas correntes filosóficas que se correlacionam, existencialismo e a fenomenologia possuem muitos elementos combinados, correspondendo à filosofia contemporânea desenvolvida no início do século XX, sendo, todavia, uma de caráter mais teórico e outra de caráter metodológico. Assim, considerando a relação da fenomenológica com o existencialismo liga-se ao fato de que os psiquiatras fenomenológicos mais famosos, apoiam e fornece elementos para uma reformulação através da filosofia existencial, mediante abordagens epistemológicas e metodológicas necessárias para superar a lógica da psiquiatria e a prerrogativa do movimento antipsicótico, será realizado um estudo sobre o movimento fenomenológico e do existencialismo, abordando seus principais contextos.

Palavras-chave; Psicologia; Existencialismo; Fenomenologia.

INTRODUÇÃO

A psicologia é o campo da ciência que estuda o pensamento e o humano e sua interação com o ambiente físico e social. O século XX trouxe uma nova era na compreensão das doenças, como a medicina psicossomática, a medicina comportamental e o surgimento da medicina da saúde. Há ainda que se ressaltar a perspectiva biopsicossocial da doença, que influencia diretamente aspectos físicos e mentais, devendo assim, serem considerados aspectos socioculturais, biológicos, de gênero a fim de que todos estes fatores contribuam na catalogação e tratamento de uma doença de forma eficaz.

Nessa perspectiva, aparecendo como duas correntes filosóficas que se correlacionam, existencialismo e a fenomenologia possuem muitos elementos combinados, correspondendo à filosofia contemporânea desenvolvida no início do século XX, sendo, todavia, uma de caráter mais teórico e outra de caráter metodológico.

De acordo com Carrasco (2017), o existencialismo é uma filosofia contemporânea que busca compreender o ser humano a partir de sua própria existência concreta e singular, refletindo sobre as formas como fazemos escolhas e nos responsabilizamos (ou não) por elas, propondo observar a existência humana em termos concretos, unitários, emocionais, históricos e temporais.

Já a fenomenologia, ainda segundo o autor supracitado, é um método, sobre como é percebido ou

¹ Licenciada em História – FTC; Especialista em Educação Inclusiva – FTC; Especialista em Docência do Ensino Superior – Uniasselvi; Especialista em Coordenação Pedagógica e Planejamento – Faculdade UCESP; Especialista em Cultura Afro-brasileira - FTC, Mestre em Teologia - Faculdades EST; Graduanda em Psicologia - Faculdade Santíssimo.

entendido a forma como as pessoas existem de forma subjetiva, sendo uma oportunidade de compreender a forma como ocorrem os sentimentos e percepções sobre as pessoas, o mundo e a si próprio. Ademais, como abordagem, a fenomenologia rompe com as velhas tendências racionalistas e empiristas, reconhecendo que não há separação entre sujeito e objeto, ou seja, não há separação entre consciência e o que é percebido, mas sim uma relação entre eles.

Nesse contexto, o que constitui a psiquiatria fenomenológica é o fato de profissionais médicos se interessarem pelos conceitos defendidos por Husserl e Heidegger, os quais ligam-se a compreensão dos elementos da existência humana concreta, e, portanto, a composição do sujeito, sendo, a partir daí, que analisam-se as condições psicológicas (SCHNEIDER, 2009).

Seguindo, tem-se que, a relação da fenomenológica com o existencialismo liga-se ao fato de que os psiquiatras fenomenológicos mais famosos, apoiam e fornece elementos para uma reformulação através da filosofia existencial, mediante abordagens epistemológicas e metodológicas necessárias para superar a lógica da psiquiatria e a prerrogativa do movimento antipsicótico.

Isto posto, será realizado um estudo sobre o movimento fenomenológico e do existencialismo, abordando seus principais contextos.

METODOLOGIA

A metodologia usada para redigir este trabalho foi de pesquisas bibliográficas, qualitativa e descritiva, acerca do tema.

Pode-se definir a pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental desta pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos (GIL, 2008).

Ademais, na pesquisa bibliográfica busca-se o levantamento e análise crítica de documentos publicados acerca do tema em questão com intuito de atualizar, desenvolver o conhecimento e assim contribuir com a realização da pesquisa. Quanto ao método qualitativo, é definido com aspectos da realidade, não podendo ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, configurando uma metodologia descritiva (MINAYO, 2001).

Kerr; Kendall (2013) também definem a pesquisa qualitativa como particularmente adequada para certos campos, tópicos ou questões que não são conhecidos ou não têm respostas adequadas. Visto que a pesquisa qualitativa coleta, analisa e reformula problemas ao mesmo tempo, ela é particularmente adequada para novos temas e tópicos.

A análise dos dados escolhida para a pesquisa foi a análise temática, apresentada por Minayo (2004), que pode ser compreendida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

VISÃO FENOMENOLOGICA E EXISTENCIALISTA

A Psicologia pode ser compreendida como uma ciência que realiza o estudo acerca do ser humano, através de seus comportamentos e processos mentais, possuindo grande relevância pois o trabalho do profissional contribui para a construção de uma coletividade com olhar mais empático (MASTROAINNI, 2018).

Motta et al (2017) explica que, as dimensões psicossociais e comunitárias do atendimento psicológico são presentes por meio de diversas assistências sociais que subsidiam a prática dos profissionais técnicos. Não há como negar que a psicoterapia individual e em grupo é uma ferramenta que representa essas práticas e, assim, para o tratamento da depressão, a psicoterapia individual é recomendada por órgãos nacionais e internacionais e sua sabedoria é reconhecida em abordagens de diferentes bases teóricas.

Ademais, o cuidado possibilita uma atenção individualizada e direcionada, mas ao mesmo tempo foca no processo patológico. Já o atendimento em grupo configura uma estratégia de tratamento priorizada nas ações de saúde mental. O potencial desta forma de intervenção baseia-se no fortalecimento ou construção de redes sociais, que é um fator de saúde.

Como parte de uma existência social, o ser humano não apenas determina a marca da vida coletiva com base nas características genéticas das espécies, mas também produz suas vidas em sociedade, e, portanto, produz história e muda sua própria natureza e alma. Logo, se diferentes padrões de desgaste e reprodução determinada pela forma como a sociedade dá vida a diferentes formas de doenças que predominam, no reino espiritual, diferentes formas de doenças geram uma mudança de personalidade (ALEMIDA, 2018).

Assim, considera-se que na psicologia histórica e cultural, o desenvolvimento não é entendido como processo linear de mudança gradual e lenta, mas sim que é regulada pelas relações sociais entre os indivíduos e a sociedade, dotando o desenvolvimento humano com uma unidade de contradição entre humanidade, mostrando uma alienação e sua influência na formação da personalidade.

Nesse contexto, surge a abordagem centrada na pessoa (ACP) como sendo o resultado do trabalho desenvolvido por Carl Rogers durante sua carreira na psicologia. No desenvolvimento de suas ideias, ele sempre se preocupou com os fundamentos filosóficos da psicologia, e a ACP é derivada de sua experiência clínica e da pesquisa científica resultante (BEZERRA, 2012).

Vale expor que, segundo Branco; Cirino (2016), Rogers nunca afirmou ser um fenomenólogo ou que tivesse o objetivo de formar uma teoria fenomenológica, no entanto, isso não impediu os psicólogos brasileiros desenvolver a ACP, inspirados pelas contribuições fenomenológicas. Nesse sentido, é que, quanto às perspectivas filosóficas existentes em uma abordagem centrada na pessoa, há uma conexão entre a psicologia de Rogers e os movimentos humanista e existencialista.

No entanto, não se pode dizer que seu trabalho tenha sido pautado pela fenomenologia, pois Rogers descobriu essa filosofia muito tarde, uma vez que ele mesmo afirmou que nunca estudou filosofia existencial (BEZERRA, 2012). Sobre o tema, pode-se citar como exemplo, que a exposição de Rogers ao trabalho de Soeren Kierkegaard e Martin Buber deu-se à persistência de alguns de seus estudantes de teologia em Chicago, sendo, no entanto, são encontradas convergência entre suas ideias e as desses autores. Além disso, no caso de uma abordagem humanista baseada em Rogers é possível ver que a consciência reflete um contexto de difusão

da psicologia funcionalista (BRANCO; CIRINO, 2016).

Isto posto, tomando a experiência de vida prática como ponto de partida para formular suas teorias e abordagens em psicoterapia, incluindo a subjetividade de terapeutas e cientistas, juntamente com o interesse em compreender o significado das experiências e as formas como as pessoas se vivenciam, Rogers em seu modo de trabalhar, apresenta a atitude humanista e fenomenológica assumidas na prática.

Ademais, com um fundo de pragmatismo e determinismo, Rogers via a ciência como algo externo, um “corpo de conhecimento” sistemático organizado em fatos observáveis, sendo que, foi somente depois que ele aprendeu sobre outros paradigmas e modelos científicos que tentou combinar os dois aspectos (BEZERRA, 2012).

Por fim, expõe-se que, quanto ao conceito de homem, há dois traços norteadores claramente contraditórios: o primeiro é que o homem, único na concretude de seu ser (daí a aproximação da ACP ao existencialismo), é um ser em processo, em movimento, dinâmico, em construção e que nunca pode ser esquematizado de forma simplificada. Já, por outro lado, inicialmente se pensa que ele (o homem) possui recursos próprios que lhe permitem superar condições desfavoráveis de existência (BEZERRA, 2012).

Dessa forma, vários aspectos da abordagem centrada no ser humano ficam evidentes ao tentar resgatar o respeito e a ênfase no ser humano, enfatizando o papel dos sentimentos e experiências como fatores de crescimento, visando centrar-se nas relações interpessoais e construir as condições psicológicas adequadas ao desenvolvimento do potencial de mudança naqueles que se voltam para as relações de ajuda. Noutro aspecto, tem-se que, a fenomenologia surge da cena de discussão alemã sobre personagens da psicologia, depois da psicologia experimental de Wilhelm Wundt e das reflexões de William Dilthey a respeito da diferença das ciências naturais (Naturwissenschaft) e ciências espirituais.

Seguindo, observa-se que, influenciado pela psicologia descritiva de Franz Brentano e, sob a direção de Carl Stumpf, Husserl aparece entendendo a psicologia como uma ciência de experiência, apresentando, no entanto, uma crítica que reduz todas as conscientizações das manifestações naturais das leis mentais e do comportamento de conhecimento, confuso com a própria realidade conhecida (GOTO, 2008). Husserl acenou uma posição de consciência como compreensão do lugar da psicologia na ciência, posição esta, que foi feita por ele, mediante a perspectiva de uma fenomenologia.

Vale expor que, através da fenomenologia, Husserl pretende superar a epistemologia do realismo e do idealismo, e é nessa superação que está à origem do projeto fenomenológico em Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty. Tais tentativas também existem nas chamadas visões existencialistas fenomenológicas em psicologia, quando pretendem estudar temas ou experiências existenciais como consciência, tédio, medo, etc., não como matéria que sustenta as próprias decisões, nem como espírito intrinsecamente determinado, mas como ações que constituem a origem comum do mundo humano (FEIJÓ, 2014).

Nesse sentido, ressalta-se que a suspensão da fenomenologia (Epoché), em suma, é uma atitude reflexiva para existir efetivamente o mundo externo e seus objetos reais, aparecendo como um fenômeno da consciência, quando a investigação do fenômeno está somente com operações realizadas mediante consciência, sendo, por isso, que, Husserl, apresentando a Fenomenologia como uma ciência da aparência dos objetos à consciência, pausa os argumentos naturais do mundo e da crença espontânea em coisas externas (BRANCO; CIRINO, 2016).

Logo, resta evidente que, o plano de Husserl era fazer da filosofia a base de todo conhecimento, como uma ciência rigorosa baseada na matemática, essencialmente preocupada com o rigor epistemológico, e capaz de impulsionar a radicalização de um programa de análise crítica dos fundamentos e condições do conhecimento. Além disso, a fenomenologia, como método, contribuiu para o surgimento de uma poderosa corrente de pensamento europeu conhecida como existencialismo.

É válido expor que, de acordo com Castro (2012), o rigoroso programa científico defendido por Husserl só pode ser alcançado através de uma mudança de uma orientação de pesquisa natural para uma fenomenológica, sendo que, de acordo com Husserl os vieses defendidos pela ciência no início do século XX levaram a distorções na prática investigativa e conhecimento enganoso da experiência. Nesse caso, a proposta do filósofo prevê uma inversão dos pressupostos da realidade objetiva e das descrições dos modos humanos de significação. Ademais, os recursos lógicos e atitudinais necessários para essa mudança de direção são frequentemente chamados de reduções fenomenológicas.

Assim, percebe-se que o conceito de redução fenomenológica foi criado como uma ferramenta lógico-filosófica, baseada no pressuposto da intencionalidade da consciência e que com isso, pretendeu-se construir o primeiro projeto científico em que será descrita a natureza da relação entre consciência e fenômenos.

Já em 1907, Husserl concebeu o projeto de redução fenomenológica como um método universal e radical pelo qual o «eu» se percebe como o «eu puro», sendo uma vida adequada à pura consciência do sujeito. Mas foi somente em 1913 que o conceito assumiu uma configuração mais definida e segura, pois Husserl consolidou a proposição de um método em sua ideia e, nesse caso, a redução se dava de forma reducionista, embora o autor permaneça no campo das digressões epistemológicas, desvinculadas das estipulações técnicas para fins de análise empírica (CATRS, 2012).

Noutro ângulo, Ewald (2008) expõe que, a fenomenologia une os filósofos, em vez de lidar com isso à maneira kantiana ou espinoziana, uma vez que os fenomenólogos não estão vinculados aos argumentos formalmente declarados por Husserl e não são inteiramente dedicados à interpretação ou à história de seus escritos. Existe uma maneira específica de combiná-los. Em vez de se ater a certo número de proposições fixas.

No que diz respeito ao existencialismo, os franceses o veem como nada mais do que uma tentativa de visualizar todas as consequências do comportamento humano a partir de um ateísmo fechado e convicto. Procede, portanto, do princípio da ação independente e auto responsável do homem como ser consciente, no qual o resultado dessa série de ações e experiências formará sua verdadeira essência (BRANDÃO, 2021).

Nesse contexto, foi Sartre quem criticou os humanos por se sustentarem com “malícia”, quando alguém está convencido de que pode ser qualquer coisa, motivado pela sociedade, que os obriga a assumir falsos valores e minar sua liberdade pessoal, tornando-se assim um objeto motivado por seu ambiente e não por sua presença e ação correspondente no mundo, e dedicado à sua reflexão e não à sua própria existência (BRANDÃO, 2021)

Em todo caso, o existencialismo é a escolha livre e independente de cada indivíduo, uma decisão livre para, em última análise, ceder a outras ações. Para Sartre, o ser humano está destinado a ser livre, e isso acarreta uma responsabilidade que não será inibida pela adoção de um determinado sistema moral.

É interessante citar a obra: *Existencialismo como Humanismo* (1946), que mobilizou as ideias de

Sartre, porém, o próprio autor refutou essa obra em alguns aspectos, tendo em mente, no entanto, que este livro transmite a ideia de que primeiro, os humanos se encontram e só então começam a se definir e, em segundo lugar, a factualidade, que engloba tudo o que define a existência e a inexistência individual, sendo uma limitação e uma condição da liberdade individual, que pode existir no passado, nas experiências passadas e no ambiente em que nasceu e se desenvolveu, sem autonomia adulta.

Ante o exposto, ver-se que, a fenomenologia e o existencialismo aparecem como importantes fundamentos teóricos, sendo que, como perspectiva fenomenológica foi recentemente revivida na pesquisa cognitiva, ajuda a compreender os fundamentos da psicologia. Além disso, a fenomenologia e o existencialismo oferecem críticas importantes aos conceitos de objetividade-subjetividade e pensamento técnico computacional que limitam o significado no mundo moderno.

CONCLUSÃO

A fenomenologia expressa em sua psicopatologia uma compreensão dos fenômenos psicopatológicos da personalidade que envolve toda a vida espiritual de uma pessoa. Já a perspectiva existencial, propõe aspectos epistemológicos da psicopatologia clássica como base para a metodologia teórica.

Portanto, a fenomenologia é baseada na filosofia tradicional e seu foco central está na descrição da realidade, possuindo como interesse a forma como o conhecimento do mundo é proporcionado e implementado para todos. Enquanto que, com o existencialismo, o homem primeiro tem uma existência metafísica.

Isto posto, restou evidenciado que a grande influência da fenomenologia nas humanidades está em seus modelos para descrever e compreender o sentido correto associado aos fenômenos “espirituais”, abordagem, essa, que é contrária ao modelo de “explicação causal” das ciências naturais, evidenciando que os cuidados de saúde mental se manifestam como desafios pelo fato de que suas consequências excedem a qualidade no cuidado clínico, requerendo uma estratégia a garantir o direito de sobreviver sem danos.

REFERÊNCIAS

- ALEMIDA, Melissa Ferreira de. **A formação social dos transtornos do humor**. Doutorado. Botucatu 2018
- BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 21-36, dez. 2012 .
- BRANCO, Paulo Coelho Castelo; CIRINO, Sérgio Dias. REFLEXÕES SOBRE A CONSCIÊNCIA NA FENOMENOLOGIA E NA ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 9, n. 2, jul -dez, 2016, 241 - 258
- BRANDÃO, Lucas. **O existencialismo com Jean-Paul Sartre**. 2021. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/o-existencialismo-com-jean-paul-sartre>. Acesso em 17 de março de 2021.
- CARRASCO, Bruno. **Existencialismo e fenomenologia – Diferenças**. 2017. Disponível Em:

<https://www.ex-isto.com/2017/12/existencialismo-e-fenomenologia.html>. Acesso em 17 de março de 2022.

Castro, Thiago Gomes de e Gomes, William Barbosa Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]**. 2011, v. 27, n. 2 [Acessado 17 Março 2022] , pp. 233-240.

EWALD, Ariane P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e pesquisas em psicologia**. V. 8, n. 2 , 2008

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo e Mattar, Cristine Monteiro. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. 2014, v. 30, n. 4, pp. 441-447.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOTO, T. A. **Introdução à Psicologia fenomenológica: a nova Psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus. 2008.

KERR, L.R.F.S.; KENDALL, C. A pesquisa qualitativa em saúde. **Rev Rene**, v 14, n 6, p 1061-1063, 2013

MASTROIANNI, Fábio de Carvalho et al. (Des) acolhimento institucional de crianças e adolescentes: aspectos familiares associados. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, p. 223-233, 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOTTA, Cibele Cunha Lima da, MOREÍ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo e Nunes, CARLOS Henrique Sancineto da Silva. O atendimento psicológico ao paciente com diagnóstico de depressão na Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. 2017, v. 22, n. 3 [Acessado 4 Março 2022] , pp. 911-920.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Caminhos históricos e epistemológicos da psicopatologia: contribuições da fenomenologia e existencialismo. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental - Vol.1 N.2 - Out/Dez de 2009** ISSN 1984-2147

O CONTO “A MAIOR PONTE DO MUNDO” DE DOMINGOS PELLEGRINI: SOB A LUZ DA HISTÓRIA E DA LITERATURA

Andreine Lizandra dos SANTOS¹; Ronaldo Josué FALLER²

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais - Universidade FEEVALE / Novo Hamburgo-RS. E-mail: andreineufpel@gmail.com

² Mestre em Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS / Campus Litoral Norte-RS. E-mail: faller.ronaldo@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar o conto “A Maior Ponte do Mundo” do autor Domingos Pellegrini, sob a ótica social e política na obra, e verificar a função da literatura e as relações historiográficas de construção da cidade e do espaço urbano na América Latina do século XX. Dessa forma, quer-se estabelecer traços, e características comuns entre esses campos, uma vez que todos contribuem para a compreensão de uma língua, assim como a construção social, a partir da estrutura que conecta um ponto a outro, estabelecendo uma comunicação de ida e vinda.

Palavras-chave: Domingos Pelegrini. A maior ponte do mundo. Historiografia. Literatura.

Abstract:

This article analyzes the short story “A Maior Ponte do Mundo” by the author Domingos Pellegrini, from the social and political point of view in the work, and to verify the role of literature and the historiographical relations in the construction of the city. In this way, we want to establish common traits and characteristics between them, since they all contribute, as well as the understanding of a language of social construction, from the structure that connects the other, establishing a back-and-forth communication.

Keywords: Domingos Pelegrini. The biggest bridge of the world. Historiography. Literature.

Introdução

Domingos Pellegrini Júnior graduou-se em Letras, nasceu em Londrina, no Paraná, em 1949, foi professor, e trabalhou como jornalista e redator em publicidade. É um escritor de escrita eclética, tendo mais de trinta livros publicados entre romances, novelas, poemas, crônicas, novelas, contos e literatura infanto-juvenis. Escreveu em 1977 a coletânea de contos “O Homem Vermelho”, recebendo no mesmo ano o prêmio Jabuti, que por seu conteúdo político – era militante - foi aplaudido e atraiu a crítica na época. Ainda hoje,

a obra é considerada contemporânea pela simplicidade em sua escrita, além do realismo na linguagem e na descrição da terra, pelas histórias de peões e violeiros, além da serenidade, madureza e segurança na escrita. Esta mesma obra contém o conto “A maior Ponte do Mundo” que foi inserida em uma coletânea intitulada Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século, por Ítalo Moriconi.

No conto “A maior ponte do mundo” é narrado os trinta dias que antecederam a inauguração da Ponte Rio-Niterói. Um grande número de operários – entre peões, serralheiro, mestre de obras, contramestre, submestre, assistente de mestre, fiscal, guarda, supervisor de segurança e engenheiros – dão tudo de si para entregar a obra no prazo estipulado. O modo alucinado como é construída a ponte reforça a escravidão com que os trabalhadores são submetidos, não importando os meios necessários a serem usados. Pode-se fazer uma metáfora com a palavra “ponte”, que é a matéria do trabalho, que também reforça a linguagem clara em que se põe à prova os trabalhadores, sendo a ponte, a própria, o ponto de união entre eles. Nesse sentido, ou trabalham ou trabalham, não existe outra forma de entender o que está acontecendo, pois a ponte precisa desses trabalhadores, nenhuma ponte se apoia de um lado só. Em uma guerra, a ponte é o meio pelo qual se vence ou se perde, e neste caso, o narrador apresenta esta reflexão aos leitores. Dada a época da narrativa, 1977 em plena ditadura no Brasil, percebe-se a importância maior de pensar na função de uso da ponte, mas também em sua representação posterior, na grandiosidade para o país.

Dessa forma, percebe-se a importância desse conto na literatura, de narrativa curta, e com uma função formativa, que através da linguagem faz com que o leitor reflita, opine e questione. Outro ponto importante é o fato de Pellegrini usar a construção da ponte como fonte de escrita de seu conto, partindo do pressuposto da importância que a história tem na literatura, a construção dessa ponte não era aleatória. O conhecimento da história é sempre uma representação do passado e de fonte documental. A história e literatura dão uma nova visão para a pesquisa, além da renovação, de perspectivas e horizontes para onde vão a história e a literatura.

O imaginário do leitor tem a possibilidade de transitar livremente, diluindo em contextos variados suas percepções históricas lidos de forma prazerosa. O leitor tem, ainda, a chance de uma viagem por caminhos passados, presentes e pensar no futuro, além de envolver-se por uma multiplicidade de paisagens. Declaram Saraiva e Mügge (2006, p. 36) “a atividade do leitor é instalada por signos polissêmicos e organizada a partir de seu ‘horizonte de expectativas’”. Nesse contexto a função da literatura é transformadora e inquietante, produtora de conhecimentos e permite espaços de interpretação e negociação entre o texto e o leitor. A literatura é produto social e estético das experiências, atitudes, hábitos, sentimentos, sonhos, dúvidas, esperanças, e tudo que desacomode o homem em cada sociedade e momento histórico vivido; e a história muitas vezes é a testemunha dessas ações, atos e fatos. Ficção ou não, as aproximações e distanciamentos com a realidade en-

tre literatura e história representam um mundo social em que se entrecruzam aspectos individuais e coletivos variados que emocionam.

DOMINGOS PELLEGRINI NA LITERATURA BRASILEIRA

“A maior ponte do mundo”, de Pellegrini, narra a saga de trabalhadores obrigados a trabalhar em jornadas desumanas na construção da Ponte Rio-Niterói, entre os anos de 1969 e 1974. Na juventude, Domingos Pellegrini usava suas obras para mostrar que era contra o autoritarismo político que reinava no Brasil da época de 70. Seus contos, denunciam o contexto de imposição sofridos pelo Brasil, que através da literatura ficava disfarçada. Além disso, havia o AI-5 que oprimia o povo e fazia com que a liberdade de expressão fosse vetada.

Neste período, a marca de escrita de Pellegrini era marcada por sua nuance realista, apesar da ficção. Aspecto interessante é o fato do narrador transcrever em suas histórias o que escuta e vive. E além disso, existe uma bivocalidade, que é uma linguagem que se alterna, dando a ideia de que a linguagem é um produto social, numa tentativa de unir socialmente aquele que vive aquela realidade, e aquele que não tem contato com ela. Seus temas possuem cunho regionalista, narrando os momentos de desbravamento e colonização, principalmente do Norte do Paraná. Segundo histórias por ele escutadas, por aqueles que participaram deste momento, tendo como personagens: viajantes à beira de estradas, recolhendo impressões de prostíbulos, motoristas de caminhão, eletricitas, cantadores de rancherias, peões, entre outras personalidades (GREGÓRIO, 1989).

É um escritor de notoriedade entre o público pelos prêmios que ganhou e pelo número de edições de suas obras. No entanto, não é citado por alguns historiadores da literatura. Enquanto alguns autores são imortalizados na literatura outros ficam em avaliação frequente. Para Coutinho:

A questão do cânone constitui uma das instâncias mais vitais da luta contra o eurocentrismo que vem sendo travada nos meios acadêmicos, pois discutir o cânone nada mais é do que pôr em xeque um sistema de valores instituído por grupos detentores do poder, que legitimaram decisões particulares com um discurso globalizante. Um curso sobre ‘as grandes obras’, por exemplo, tão frequente na Literatura Comparada, quase sempre esteve circunscrito ao cânone da tradição ocidental (COUTINHO, 1996, p. 7).

A análise de importância literária é deveras delimitante e precisa ser reavaliada. Na visão de Coutinho (1996) o cânone tem um juízo de valor exercido por grupos de poder que detêm a hegemonia política,

econômica e cultural. Dessa forma, deve ter uma modificação, com o intuito de representatividade do povo, do país e não de preferências de grupos. A literatura não comporta mais tais ideias, pois anos atrás o apelo era de influências europeias, de países pobres fruto de ex-colônias, agora ocorre uma miscigenação, uma mistura. É preciso assentar-se as bases na formação do cânone nacional, como declara Coutinho:

O cânone ou cânones literários dos diversos países latino-americanos eram constituídos por critérios estipulados pelos setores dominantes da sociedade, que reproduziam o olhar europeu, principalmente ibérico, à época da colônia e, posteriormente, após a independência política, de outros países, mormente a França (COUTINHO, 1996, p. 72)

Uma das formas de mudar o cânone, marcado pelos valores europeus, seria a busca de uma visão multifacetada, na qual sejam respeitadas diferenças entre religiões, povos, homens e mulheres e todo o tipo de diferença que possa provocar alguma dicotomia. Conscientes de que não se trata de uma simples inversão de modelos, da substituição do que era tido como central pela sua análise periférica, os que são contrários, na atualidade, questionam a hegemonia das culturas colonizadoras e abandonam o paradigma dicotômico, lançando-se na exploração da pluralidade de caminhos abertos, como resultado do contato direto entre colonizador e colonizado. (COUTINHO, 1996, p. 71). Nesse sentido o cânone é uma regra e precisa de um “decreto” para fazer história, tanto a literária como a geral. Por isso, a necessidade de maiores estudos, e principalmente porque muita coisa mudou e precisa de reavaliação. Pesquisadores como Bhabha (1990) declaram que o fazer literatura mostra que existem outras manifestações além da “oficial”, pois existem vozes das minorias que ainda estão presas ao conceito de uma história totalizante. Nesse sentido, volta-se à questão da autoridade de quem cria o cânone, ou à autoridade de “quem fala”.

Por fim, Pellegrini usa as histórias dos indivíduos como fonte de escrita. Suas vozes estão transcritas, e seus leitores gostam do que leem. Seu processo de criação é livre, pois a literatura precisa de novas abordagens que sejam transformadoras. A literatura exige um leitor que preencha lacunas e explore novos caminhos, pois a globalização está presente com uma série de temas que exigem atenção. E quem recebeu prêmios por sua arte, como Pellegrini, não precisa provar que é bom no que faz, pois a resposta está em ter seguidores e nas suas obras.

ANÁLISE DO CONTO “A MAIOR PONTE DO MUNDO”

Os livros de contos ocupam boa parte da produção literária de Pellegrini, principalmente nas décadas de 70 e 80, quando o autor começou a despontar no cenário literário nacional. Logo, percebe-se a inclinação do escritor em escrever para um público mais jovem no início da carreira, embora boa parte dos contos tenha

forte conotação erótica e política. Nesse grupo destacam-se os primeiros livros de contos publicados no final da década de 70, “O Homem Vermelho” (1977) e “A ponte maior do mundo” (1977), análise desse trabalho.

O conto inicia com o seguinte trecho:

Eu tinha um alicate que só vendo, encabado de plástico amarelo, na escuridão fosforescia; de aço alemão legítimo; usei oito anos quase todo dia, foi meu companheiro em Ibitinga, Acaraí, Salto Osório, Ilha Solteira e Salto Capivara. Se juntasse um metro de cada fio que cortei naquele alicate, tinha cobre pro resto da vida. Daí, quando você perde uma ferramenta que já usou muito, é o mesmo que perder um dedo. Foi quando eu trabalhava em Salto Capivara; era solteiro, não pensava em nada, a vida era uma estrada sem começo nem fim, por onde eu passeava me divertindo, até o trabalho era uma diversão, eu achava que ser barrageiro era uma grande coisa. Só precisava assinar um contrato de trabalho, nunca esquecer de ter sempre um capacete na cabeça, bota de borracha no pé e o resto a Companhia dizia o que eu devia fazer. Terminando uma barragem, me mandavam pra outra e a vida continuava sendo uma estrada alegre (PELLEGRINI, 1977, p.364).

O narrador, que é um eletricista, conta sobre a perda de um alicate que o acompanhou por um longo período de sua vida profissional, inclusive até aço havia se fixado pelo uso frequente, por isso, se supõe que realmente era uma ferramenta de estimação, e que o acompanhava há muitos anos. Sua fala era a de uma pessoa que tinha perdido, não apenas uma ferramenta, mas um amigo, um fiel companheiro. Além disso, reitera que tinha orgulho de seu trabalho, e que a ferramenta o teria ajudado a prover energia para muitos lugares do Brasil. Nota-se a contribuição da literatura, que segundo Candido (2006) é uma poderosa ferramenta intelectual e afetiva, possibilitando que vivenciemos sentimentos, problemas e outras perspectivas da vida dialeticamente.

A história também está comprometida com os textos literários, pois conforme Chiappini (2000) os historiadores tem à tempos interesse pelos escritos, pois muitos deles são registros do passado, alcançando elementos necessários para a compreensão do presente. Pellegrini escreve como se o leitor estivesse vendo as ações dos personagens. É possível sentir e até ouvir, o narrador-personagem contar os fatos, a linguagem simples é agradável para o leitor, mesmo para aquele que não tem hábito de ler. Como no seguinte trecho:

Naquele dia eu tinha voltado da barragem, tinha acabado de tomar banho, e a gente ia se vestindo pra jantar, eu botando a camisa, 50 Volts penteando o cabelo fazia uns cinco minutos; passava na cabeça uma pasta fedida, que ele achava perfumada, e ficava meia hora no espelho, depois tirava os cabelos grudados no pente e jogava no chão. Alojamento de barrageiro é catinguento por isso: um joga cabelo no chão, outro cospe, outro deixa toalha úmida no beliche, janela sempre fechada porque sempre tem uma turma dormindo, outra saindo, outra chegando; a construção da barragem não pára dia e noite; mas eu pelo menos nunca tive de dormir na mesma cama de outro em outro turno, cama-quente como dizem, é coisa de hoje em dia, parece que piorou (PELLEGRINI, 1977, p.364).

A interpretação é clara, o narrador e seu amigo *50 Volts* terminaram o turno de trabalho, tomaram banho, se vestiram para a janta, a descrição do ambiente em que dormiam, as pessoas simples que representavam, o hábito dos barrageiros, como todo homem faz, deixam as roupas largadas por toda parte, ainda mais quando trabalham fora. A descrição da troca de turno, como tudo acontece, e até mesmo o narrador agradece a sorte que tinha em não dormir na cama de outro, sugerindo que nem todo trabalhador talvez tomasse banho e de tão cansado, se jogava em qualquer cama para dormir do jeito que estava. Normalmente quem trabalha em obras de grandes proporções, como pontes e edifícios. Permanecem no local da construção aos finais de semana, pois são de outras cidades.

E grande parte desses trabalhadores têm contratos que, ao serem assinados, suspendem suas idas e vindas para casa, trabalhando em longas jornadas, podendo ser vistos como verdadeiros escravos do trabalho, quando não são escravos no verdadeiro sentido da palavra. É uma verdadeira violência o que precisam enfrentar para ganhar o seu sustento, com um trabalho pesado, perigoso e a pressão que enfrentam se refletem tempos depois, em doenças de várias espécies, quando não acontece durante o trabalho.

A parceria com *50 Volts* também parecia ter dado certo, e o apelido bem apropriado, pois no momento em que iam sair para a janta, entra um homem no alojamento perguntando quem era o narrador e *50 Volts* responde: “Depois perguntou dos outros eletricitas, *50 Volts* falou que não tinha filho grande. O cara não se conformou e perguntou se, antes de sair, não tinham falado aonde iam; *50 Volts* repicou que eles saíam sem tomar a bênção” (PELLEGRINI, 1977, p. 365). Ou seja, de forma direta *50 Volts* responde que sua função era trabalhar e não cuidar da vida dos colegas, ou seja, era um homem de personalidade forte e com respostas prontas. Aparentemente achou que talvez fosse brincadeira, porém viu que portavam documentos da companhia elétrica.

(...) mas *50 Volts* ainda foi discutir com os homens: tinha saído de dois turnos seguidos, dezesseis horas trabalhando duro, não tinha jantado, e que pressa é essa, coisa e tal, mas os homens só falaram: se atrasar, peão, a gente te larga aí, você quem sabe da tua vida. *50 Volts* disse que era isso mesmo, na sua vida quem mandava era ele, mas já começando a se trocar (PELLEGRINI, 1977, p. 365).

Nesse momento *50 Volts* muda de feição e o homem avisa para entrar na camionete se assim desejar, a escolha era dele, decide entrar, pois precisa do emprego. A expressão “peão” designa quem é inferior, e realmente eram mandados para esse fim, trabalhar era o desígnio deles. Pellegrini reproduz as relações hierárquicas entre proprietários rurais e seus escravos ou trabalhadores agrícolas, revelando o pouco progresso social havido, a despeito do crescimento material representado pelas obras públicas. Essa contradição ainda

se torna mais evidente se considerarmos que, durante esse período, a desigualdade na distribuição de renda era muito grande. E, além disso, o tom de voz usado, mais uma vez demonstrou a violência para com os trabalhadores, e a entrada de todos na camionete era como se fossem um bando de reses sendo levadas para o abate. Porém a resposta veio mais tarde, iriam para o Rio de Janeiro, no caminho pararam em uma churrascaria e comeram tudo que podiam, sendo que a conta foi paga pela Companhia elétrica, “(...) até que enjoiei de comer. Lembrei de perguntar que diabo de ponte era aquela que a gente ia iluminar” (PELLEGRINI, 1977, p. 365). A diversão ia além, mulheres, comida, e a generosidade da Companhia, naquela noite, parecia não ter fim.

O narrador-personagem ocupa um papel de destaque na narrativa, pois vai informando tudo que acontece, conduzindo em vários sentidos, seja no sentido de denúncia ou de incomodar o leitor para que ele perceba que mudanças estão ocorrendo. Pode-se comparar o narrador, definido por Pellegrini, a um contador de histórias, que é o estilo dele, além da linguagem coloquial, marcas de sua oralidade.

A ponte Rio – Niterói¹ foi construída durante o período da ditadura militar, na década de 70, tem treze quilômetros de comprimento, e precisou de 150 engenheiros e 10 mil trabalhadores. É considerado um “Milagre Brasileiro” e todas as obras monumentais, que foram feitas nesta época, procurava mostrar que tudo ia bem, para mascarar manobras políticas e legitimar o progresso de um Brasil que ia para frente. Pellegrini faz uma crítica ao regime e defende à pátria frente aos acontecimentos da época.

Quando vi o Cristo Redentor, dali a um minuto a caminhoneta parou. Era a ponte. Aquilo é uma ponte que você, na cabeça dela, não enxerga o rabo. Me disseram depois que é a maior do mundo, mas eu adivinhei na hora que vi; só podia ser a maior ponte do mundo. Faltava um mês pra inauguração e aquilo fervia de peão pra cima e pra baixo, você andava esbarrando em engenheiro, serralheiro, peão bate-estaca, peão especializado igual a mim, mestre-de-obras, contramestre, submestre, assistente de mestre e todos os tipos de mestre que já inventaram, guarda, fiscal, ajudante de fiscal, (...) Um chegou pra mim um dia e perguntou se eu não estava orgulhoso de trabalhar na maior ponte do mundo. Respondi olha, nem sabia que é a maior ponte do mundo, pra mim é só uma ponte. Mas ele insistiu. Pois saiba que é a maior ponte do mundo, e trabalhar nela é um privilégio pra todos nós. Aí eu perguntei nós quem? O senhor trabalha no que aqui? (PELLEGRINI, 1977, p. 366-367).

A ordem era ter orgulho de participar da construção de uma obra monumental como aquela. O narrador-personagem, apesar de saber que se tratava da tal ponte, fala com desdém, como se não se importasse, pois sua função era trabalhar. E de que adiantaria mesmo ter orgulho, pois seu nome não ficaria gravado na ponte, era mais um trabalho a ser finalizado, e depois viriam outros. O problema maior era que faltava um mês para a inauguração, o que significava trabalho em dobro.

1 https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Rio%E2%80%93Niter%C3%B3i

Cada dia chegava um eletricista novo, e o serviço continuava sem render. Primeiro foi preciso montar uma central de força, as caixas de distribuição, cada seção da ponte com uma subcentral; e nisso a gente mais sapeou que ajudou, quem meteu a mão nessa parte foi um engenheiro loirão e o pessoal dele. Aí a gente entrou na parte de estender fiação, arrumar os conduítes, ligar os cabos, puxar luminária, montar a iluminação interna – porque a ponte tem alojamentos, postos de controle, laboratório, tudo embutido nela. (...). E era dia e noite, noite e dia. Hora-extra paga em triplo, todo mundo emendando direto, dezoito, vinte, vinte e quatro horas de alicate na mão, e os homens piando no teu ouvido: mete a pua, moçada, mete a pua que só tem mais três semanas! Mete a pua que só tem mais um mês! Só mais quinze dias, mete a pua! Um dos que foi comigo, o Arnaldo, no sétimo dia já caiu debruçado de sono, ficou dormindo com a boca quase no bocal de um cabo de alta tensão; saiu da ponte direto pro hospital, não voltou mais, (...) Um paraibano aprendiz, que trabalhava cantando, nem sei o nome que tinha, esse caiu de quatro metros acima duma laje, uma ponta de ferro da concretagem entrou um palmo na coxa, foi levado sangrando demais. Mas voltou três dias antes da inauguração, coxo feito um galo velho e feliz de voltar a trabalhar (PELLEGRINI, 1977, págs. 367-368).

Ainda que pagos por tempo triplo, os eletricistas foram submetidos a trabalho forçado inconstitucional. Assim, esses presentes e bônus iniciais tiveram o objetivo de compensar o trabalho desumano e exaustivo que viria logo a seguir. O contrato assinado foi apenas uma formalidade, para que aceitassem por livre escolha o trabalho e tudo que viesse a seguir. Um dos funcionários, por excesso de trabalho, dormiu durante o expediente, sem falar no que caiu da ponte e que, mesmo assim, retornou com a perna machucada. A representação da masculinidade é outro aspecto a se considerar, pois mesmo machucado e estar construindo a maior ponte do mundo é uma honra, e ainda ser homem o suficiente para terminar a sua tarefa.

A simbologia aqui está representada pela cumplicidade homem e lealdade. Ao oferecer todas essas condições, a expectativa dos funcionários da ponte é de que os operários acreditassem que os benefícios superariam as condições opressivas. A mutilação do colega, o desaparecimento do outro, ironicamente representaram o que os funcionários da ponte pretendem encobrir: as vergonhosas condições de trabalho e a hipocrisia de caracterizar a pressa como vital para o orgulho do Brasil. A mensagem é que prazos, dinheiro e projetos recordistas deveriam ser mais valorizados do que liberdades e vidas individuais, uma triste interpretação do sucesso do capitalismo brasileiro, que o acelerado crescimento econômico deveria representar. Porém:

Nem precisei falar, o homem adivinhou que eu ia pedir a conta e sumir daquela ponte, me enfiar numa pensão e dormir, eu só via cama na minha frente. 50 Volts vivia economizando pra voltar pra terra dele e comprar um bar, então achei que só estava me acompanhando de curioso, mas na frente do mestre ele também pediu a conta. Não sou bicho pra trabalhar sem parada, ele falou, e o mestre concordou, mas disse que não podia fazer nada, ele mesmo estava até com pretume na vista, mas não podia fazer nada, a gente tinha de falar com o encarregado do setor elétrico. Fomos falar com o tal encarregado, depois com um engenheiro, depois com um supervisor que mandou chamar um engenheiro da nossa companhia. Esses homens são da sua companhia, engenheiro, ele falou, estão pedindo a conta (PELLEGRINI, 1977, p.367-368).

O momento da revolta chega e a pressão aumenta, visto os acidentes acontecidos e, principalmente, pela exaustão que não acabava mais. Nesse momento parecia que iriam realmente deixar o trabalho, e quem sabe os patrões iam ceder alguns momentos de descanso para os trabalhadores, mas nada ficou resolvido, a violência continuava. Enquanto para muitos a ponte de fato carregava o simbolismo de patrimônio monumental, o conto de Pellegrini questiona tal representação grandiosa da nação, obtida com sangue e suor.

Ao mostrar os sentimentos conflitantes do narrador-personagem de desgosto pela ponte, o conto revela as ambiguidades inerentes às conotações da ponte. Ela é, por um lado, um feito de engenharia e fonte de bem comum e, por outro, um projeto envolvendo condições de trabalho desumanas e que tirou a vida de um número desconhecido de operários. Os militares nunca revelaram as estatísticas de morte na construção da ponte, sob o pretexto de ser matéria de segurança nacional. Como a obra começou e terminou durante a ditadura militar, a ponte Rio-Niterói se tornou uma preciosidade. Então:

Veio uma ordem de concentrar dez eletricitas na iluminação de fora da ponte, numa parte crua de tudo. Então botamos lá uma iluminação de emergência muito bem disfarçada, bonita, quem olhasse achava aquilo uma maravilha, parecia uma árvore de Natal, mas se batesse um vento mais forte ia tudo pro mar (PELLEGRINI, 1977, p. 371).

O fim se aproximava, não restava outro jeito a não ser terminar o começado, e foi o que fizeram. Depois de tantos acidentes, fugir não seria uma forma de terminar o que haviam começado, e não seria por honra de terem participado de tal monumento, mas pelos colegas que haviam perdido a vida durante a obra. O trabalho começara bem, mas com tantos problemas que normalmente acontece durante uma construção de grande porte, o fim reserva surpresas, ou seja, amarras feitas que pudessem causar danos a um simples vento. Depois de ser forçado a acabar a eletrificação, em tempo hábil para a inauguração, o narrador reflete sobre a fragilidade dessa construção, que parece tão sólida, quando na verdade não é.

Um belo dia passou o aviso geral de que era véspera da inauguração, caí na cama com roupa e tudo, com coceira na cabeça, no corpo todo por falta de banho, e um calo na testa de tanto usar capacete. Nisso vem a contra-ordem de não parar o serviço, senão a ponte ia ficar com uma parte escura, não podia, era uma vergonha; vamos lá, pessoal, essa ponte é o orgulho do Brasil, coisa e tal, e a gente teve mesmo de subir pra montar as últimas luminárias; a noite inteira se equilibrando em altura de dez metros, o vento passando forte, a ponte lá embaixo e o mar escuro, dava até vontade de pular e ir afundando, afundando, dava zonzeira, dava remorso de ser eletricista e raiva de quem inventou a eletricidade. Eu nunca tinha tomado comprimido contra sono; mas naquela noite todo mundo tomou, 50 Volts falou toma, engole isso que agora é o último estirão, amanhã a gente dorme até rachar o rabo. Engoli umas três bolinhas com café, da mesma cor dos capacetes, amarelas, depois subi num poste e fiquei olhando os outros de capacete amarelo trepados na escuridão, cada um parecendo uma bolinha atolada no café da noite, lembro que fiquei tempo pasmado nisso, até que me cutucaram, aí toquei direto até as nove da manhã (PELLEGRINI, 1977, p.372).

A ponte foi finalizada, momento de relaxamento para os trabalhadores, depois de uma madrugada de intenso trabalho, porém o narrador traz a lembrança de que o esgotamento estava em seu limite, se tivessem que trabalhar mais um dia, talvez acontecesse uma rebelião ou algo pior. O narrador de Pellegrini descreve os milhares de operários vistos de cima, como formigas, imagem que evoca o horror, e novamente uma violência, a lembrança dos milhares de trabalhadores que garimpavam ouro em Serra Pelada pendurados pela cintura, subindo escadas em situação de risco, carregando baldes e baldes de terra, cavando e cavando. Aqui se tem a lembrança da intertextualidade, que segundo Samoyault (2003, p. 13) é um “mosaico de sentidos e de discursos anteriores, produzido por todos os enunciados (seu substrato)”.

E finalmente:

Pensei em dar um pulo na ponte pra achar o alicate, 50 Volts perguntou se eu tinha ficado louco. Ele tinha ouvido no rádio que passavam não sei quantos mil carros por dia na ponte, e eu querendo achar um alicate. 50 Volts até hoje conta prosa de ter trabalhado lá, eu fico quieto. Ele até diz que um dia vai ao Rio só pra ver a ponte iluminada; mas isso eu vi outro dia, numa revista (PELLEGRINI, 1977, p.373).

As condições se tornam cada vez piores e o conto acaba quando os operários terminam, por fim, seu trabalho. Nesse ponto, a maioria celebra, mas o narrador lamenta a perda do seu alicate. As ações na ponte servem como um microcosmo das restrições impostas pelo regime militar ao país, mas de forma tão sutil que o conto passou todo o período da ditadura sem problemas com a censura. A paz finalmente reina, entre mortos e feridos, todos se salvaram. Mas a lealdade ao alicate permanecia na mente do narrador, tanto que pensou em voltar para ver se o encontrava. Enquanto isso, *50 Volts* vive contando prosa por ter trabalhado na construção da tal obra. E sonhava ir ao Rio, pelo menos uma vez na vida, para ver a ponte iluminada.

O narrador faz menções frequentes a símbolos do Brasil e do Rio de Janeiro, estabelecendo, assim, uma tensão entre permitir que a ponte se junte a esse distinto grupo e rejeitar sua adequação como símbolo nacional. Ele menciona o churrasco, a feijoada, a baía de Guanabara, a estátua do Cristo Redentor, a cachaça e a marchinha “Cidade maravilhosa”, sucesso carnavalesco de 1935, de André Filho, cantado pela irmã de Carmen Miranda, Aurora. Enquanto ele trabalha na ponte, os funcionários lembram, constantemente, aos operários de que ela é o “orgulho do Brasil”. O narrador por fim, se ressentiu das condições opressivas de trabalho, da privação de sono e das mortes ocorridas. Em contraposição, *50 Volts* prefere esquecer o trauma e se sentir orgulhoso de ter ajudado a construir um símbolo do progresso nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada escritor privilegia, em suas obras, um universo dos gêneros literários, que abarca uma grandiosidade de temas, e certamente cada obra contempla o que cada um tem para dar de si, naquele momento. A literatura privilegia possibilidades de explorar universos e, até mesmo, reconhecer a partir de dialogismos a liberdade de “confraternizar” com outras áreas do saber.

É o caso da história, que antes englobava “tudo” e a literatura era considerada como um fragmento desta história. Por isso, relações entre a história e a literatura tratam de valores e verdades, mas a verdade não é uma exclusividade da história, nem o valor é um privilégio da literatura. A ficção pode confirmar, reformar, negar, e até, ensinar valores, as relações entre a História e a Literatura devem ser consideradas. Da mesma forma não significa que as inovações sejam automaticamente superiores e as repetições do passado sejam necessariamente inferiores. Qualidade não significa atualidade, por isso, existem as pesquisas que auxiliam nas frequentes discussões dos estudiosos.

Anteriormente falou-se em cânones literários, e Pellegrini extrapola, e muito, os limites de um escritor provinciano, pela riqueza de temas, assuntos, abordagens e linguagens, utilizadas em alguns dos seus livros de contos. A simplicidade no conto “A ponte maior do mundo” mostrou como temas da década de 70 ainda prevalecem século XXI, a história fictícia ou real se repete. Pela característica de militante de Pellegrini, parecia que o conto traria um fim trágico, no entanto, os fatos ocorreram sem que qualquer intervenção militar interferisse em sua trajetória. História e leitura compartilham de uma mesma vertente, embora alguns pesquisadores ainda vejam como contrário.

A literatura transporta e transforma o leitor para o tempo e espaço e mostram as relações que ultrapassam as fronteiras do conhecimento. Dessa forma, é possível alcançar a sensibilidade que é desconsiderada pelo mundo científico. Por fim, “A maior ponte do mundo”, representa um passo adiante no progresso da infraestrutura do país – que acarretou um passo atrás em progresso social, refletindo o mesmo padrão da ditadura militar. Apesar da desigualdade econômica e das restrições governamentais, alguns escolheram se orgulhar do desenvolvimento material do país, em vez de contestar a repressão política. O próprio conceito de que cidadãos fazem escolhas sobre como dão sentido a obras públicas demonstra a riqueza simbólica dessas construções.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. (Org.). *Nation and narration*. London, New York: Routledge, 1990

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro. Ouro sobre azul, 2006.

COUTINHO, Eduardo. Literatura comparada, literaturas nacionais e questionamento do Cânone. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v.3, p. 67-73. 1996.

GREGÓRIO, R.M. *Uma leitura intertextual de O Homem Vermelho*. UFSC, 1989.

PELLEGRINI, Domingos Jr. A maior ponte do mundo. In: _____. *O homem vermelho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977; ou: In: Moriconi, Italo (Org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Hucitec, 2008.

SARAIVA, Juracy Assmann. Por que e como ler textos literários. In SARAIVA, Juracy Assmann, MÜGGE, Ernani. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Artmed: Porto Alegre, 2006.



Nossos Colunistas



DESDE BUENOS AIRES

ARACELI OTAMENDI

Zapatos plateados

En homenaje al Día del actor y de la actriz

Sobre zapatos plateados en las estelas del sueño salgo a caminar, a encontrarme a solas con mis pensamientos.

Hay espejos rotos, pájaros, poemas, río, viento y nubes.

Encuentro un poema anónimo. Hay quien busca a alguien que es canción de cuna.

Camino, camino, me duermo en nostalgias. Bajo una montaña rusa a toda velocidad.

Mi mano sostiene una cinta que se agarra a otras, sufro el vértigo y abro los ojos.

Me refugio en una librería, la de siempre, y desde ahí miro la calle, entonces me veo pasar, soy yo la de antes, la chica que iba caminando rápido cuando salía a almorzar, la misma calle, la veo y saludo, pero ella no me ve, se apura, tiene que volver a trabajar.

Vuelvo la mirada sobre la lectura, el pasado está ahí, pero vuelve, se va, lo dejo ir.

Más tarde, en otro lugar, mientras camino por un pequeño puente sobre las vías de un tren, una mujer y un hombre muy maquillados, pasan cerca, hablando en voz baja, parecen continuar una conversación interminable. Cada uno de ellos lleva un bolsito en la mano, como si llegara de un viaje, me pregunto adónde van, parecen actores de una obra que está por comenzar...¿y si todo fuera un sueño? ¿Y si yo no fuera más que la protagonista de un cuento que se reescribe una y otra vez? ¿Y si ellos fueran, como en «Instrucciones para John Howell» de Julio, los que están en el escenario y yo entrara ahí, de pronto y recibiera instrucciones? ¿Y si el escenario fuera el patio de una casa antigua donde viven ellos con la sola compañía de un pájaro? ¿Y si ella estuviera a punto de dejarlo a él o él estuviera a punto de dejarla a ella? ¿Y si uno de los dos estuviera a punto de matar al otro? ¿Qué haría yo ahí en medio de ese drama? ¿Quién sería el encargado de darme las instrucciones? ¿Y si además en la casa viviera un hombre, un imprentero solitario que alquila una habitación y se dedica a espíarlos? La trama se podría complicar. Tal vez el imprentero estuviera ocultando algo, algo que no debía saberse pero la

mujer o el hombre se han enterado y él también lo sabe. La mujer, ahora lo sé, se llama Ana, y el hombre se llama Nick. El imprentero se llama Orestes porque a la madre le gustaba ese nombre pero a él jamás le gustó, porque cuando lo decía veía el esbozo de una sonrisa en la cara del interlocutor. Nick va a matar a Orestes muy pronto, antes de este divulgue lo que sabe y no debía saber. Y ahí en la escena, alguien me daría instrucciones para impedir el crimen, algo que aparecerá en los diarios al día siguiente.

Transcurre la tarde a toda prisa, sentada en un bar en la vereda, adentro estalla de gente, porque ahora sí se puede ir a un bar, veo llegar a una chica joven, con un vestido corto, de color plateado y breteles con lentejuelas y zapatos de tacos altísimos y pelo muy corto, entra rápido al bar, como si alguien la estuviera esperando ahí adentro. Más tarde, hacia la noche hay milonga y tango, ella parece una bailarina de tango, muy joven. Se ganará la vida así, pienso. O tal vez no. A lo mejor le gusta vestirse como si fuera de noche pero de día.

¿Y si yo no siguiera más que instrucciones dictadas por alguien? Escribo como si alguien me dictara al oído: tenés que hacerlo, sos la protagonista, dice, y escribo.

Veo al hombre y a la mujer entrar a una casa que antes fue casa y ahora es teatro. Los dejo entrar, ahora forman parte del cuento.

Y de golpe empieza a soplar un viento fuerte, arrastra las hojas de los árboles, se caen algunos vasos y tazas, y el mozo intenta atajar todo pero no puede y me quiero ir, yo también, como todos los que estamos ahí, en la calle, en la vereda, antes de que las gotas que empiezan a caer nos empapen, y en eso nos ponemos de acuerdo, entramos todos al bar, a resguardarnos del viento y de la lluvia.

El escenario está preparado, la música empieza a sonar, y una voz joven, la de la chica del vestido plateado, canta una canción conocida, un músico la acompaña. Afuera llueve y adentro cantamos.

© Araceli Otamendi



SORRISO À POESIA

DANIEL BEZERRA

A flor e o beija-flor

Foi por um lindo beija-flor
Que a flor se apaixonou.
Ele a ela beijava todo dia
E um dia ela se declarou.

Mas eis que um triste dia
O beija-flor não apareceu
E de tristeza a flor chorou
Sentia a falta do beijo seu.

O dia foi rápido passando
À noite, ele não apareceu
A rosa de tristeza chorou
Tristonha ela tanto sofreu.

Naquela noite de tristeza
De saudades e amargura
O beija-flor pra ela voltou
Beijou-a com pura doçura.

O PODER DA ARTE

Dhiego J. Caetano



Os Gritos do Silêncio

A vida é leve, o estar é constante, o agora, é o caminho para a cura de absolutamente tudo!

O hábito transcendo o praticante.

Vivencie conscientemente a vida além dos condicionamentos.

Não tenha medo da liberdade.

Viver o agora sem medo de estar, e longe do querer controlar o incontrolável, é o caminho para vislumbrarmos a vida como ela é.

O verdadeiro amigo sabe o valor do compartilhar, da arte de vivenciar uma amizade que transcende todos os padrões e tipos ideais.

Meditar é o ato de conscientizar a arte de pensar.

Compreender que o sofrimento é uma criação ilusória da mente é o ato de quebrar com os paradigmas do eu adoecido pelo o excesso de futuro.

A plenitude está no fluxo constante da essência da alma que reside o nosso corpo.

ASTROLABIO



Márcia Batista Ramos

El puñal solo hiera con la punta

“La sangre salió un momento a borbotones, pero, según cuentan, ni una gota se vertió en el suelo, y el puñal, sediento, se la tragó toda”

El puñal, Augusto Ferrán

Casi siempre, quiero dar un poco de humanidad a un mundo que considero sin escrúpulos. Pero, hay veces, que es necesario decir las cosas como son, sin pelos en la lengua y sin importar que las palabras duelan. A veces, hay que dejar que las palabras hieran y duelan a quien quiera dolerse.

Ayer, abrí el cajón del escritorio y me invadió una sensación de abandono y de ruina silenciosa, allí estaba el puñal abandonado en una gaveta casi vacía, no fuera por su presencia carente de posibilidades, ya que no había una mano cualquiera que le empuñara como simple extensión de una conciencia. Entonces recordé que mucha gente prefiere clavar el puñal por la espalda, sin unos ojos que le miren, sin una voz condenatoria.

Por menos de treinta monedas de plata, hay gente tan vil, que miente sobre la vida y pecados de otras personas, que en realidad ni conocen y más mediocres y traicioneros, resultan aquellos que les creen. Por eso, las palabras mal intencionadas son como el puñal que hiera y mata.

Ariana habló mentiras para el hombre que solo ve con un ojo, su ojo derecho es de vidrio. Él creyó en cada absurdo que ella profirió. Después, Ariana fue sonriente mirarse al espejo. Ella esperaba ver algo ideal, era un anhelo solamente. Pero ella no se reconoció, la imagen que le devolvía el espejo era fea, arrugada, vieja, disforme, tan horrenda cuanto sus palabras.

*Deberías cuidarte de los gusanos, en la oscuridad, ellos pueden entrar por tu ojo de vidrio.
Es lógico que, los gusanos, corren el riesgo de morir envenenados.*

El puñal es un arma blanca que está diseñada para matar personas o animales, cuya hoja es triangular. Los hombres lo pensaron y constituyeron para un fin muy preciso: matar.

El periodismo, es un buen negocio en la actualidad, vale más por lo que calla que por lo que cuenta.

CASINHA DE SAPÊ



Rosa Regis

BRINCANDO DE CASINHA

Um novo dia surge e novas brincadeiras são criadas e acrescentadas às já existentes. O cavalo de pau, formado por uma vara de marmeleiro ou por um velho cabo de vassoura, já não é suficiente. Zezito cria um novo cavalo.

Zezito é um artista na extensão da palavra! Ele faz, com o tronco da palha do coqueiro, um pequeno cavalo com a cabeça bem delineada onde modela orelhas, olhos, boca, narinas..., numa perfeição incrível. Faz os arreios com fibra de agave; o protetor do lombo do cavalo, o esteirote, com junco; a cangalha com dois pequenos galhos em ípsilon (Y), papelão e tecido, que dão o acabamento final; os caçuás, com cascos de caranguejo perfurados, que serão pendurados à cangalha e servirão para o transporte das “mercadorias” que levará aos domingos para vender na feira como fazem os adultos. Além disso, cria, também, uma pequena cabeça de cavalo com um acabamento ainda mais perfeito, considerando-se a dificuldade do trabalho tendo em vista o tamanho da mesma, e põe no seu cavalo de pau, antes sem cabeça. Arreia-o com cabresto e brida tão perfeitos como eu jamais vi outra pessoa fazê-lo.

Ele é o “pai”. É o “dono da casa”. É a personagem que trabalha na roça, vai à feira vender o produto do seu trabalho e fazer as compras de mantimentos para o sustento da família, mantimentos esses representados por frutos silvestres, comestíveis ou não, que irão para as panelinhas de barro manufaturadas pelas meninas do lugar que se utilizam para tal, do “barro de louça” existente próximo ao Rio do Jerimum – pequeno córrego que corta o lugarejo de mesmo nome, onde moram – onde cozerão, de mentirinha, em fogo imaginário, num fogareiro improvisado com três pedras (paralelepípedo ou coisa que o valha, como bolões de barro, por exemplo) as quais denominavam “tremes”, como ouviam chamar em casa, e que formavam o suporte para as panelas onde se preparavam as comidas cozidas ao fogo de lenha de forma geral.

Os meninos, que seriam os maridos e pais das bonecas que representavam os filhos, passavam a maior parte do tempo – quando brincavam com as meninas na brincadeira de “dona-de-casa”, correndo montando o seu cavalo-de-pau. Enquanto as meninas varriam e arrumavam a “casa”, local que escolhiam para brincar e que muitas vezes eram espaços sob pequenas árvores copadas, “cozinham” a “comida” e cuidavam dos “filhos” – as bonecas que sempre levavam consigo.

Eu era feliz! E tinha consciência disso!

RELÓGIO DE PAREDE



Rosângela Trajano

Pais jardineiros ou carpinteiros: quais são vocês?

Rosângela Trajano

Quero começar o texto de hoje com uns versos do poema da nossa querida escritora Ruth Rocha intitulado “Os direitos da criança” que nos diz “Toda criança no mundo / Deve ser bem protegida / Contra os rigores do tempo / Contra os rigores da vida.” A proteção, o amor e o cuidado devem estar sempre nos olhos e nos braços de quem cuida de uma criança. Não se educa com rigor e sim com amor, não se impõe com autoridade, mas se pede com carinho.

Toda criança quer ser amada e respeitada. Muitas vezes amamos tanto que não sabemos dizer não para elas e acabamos as “mimamos” ao nosso modo, e que bom que ainda existem pais assim que deixam os seus filhos correrem, pularem, brincarem na areia, subirem em árvores e contarem as estrelas. Estamos perdendo

este encantamento do mundo natural ao nosso redor e as nossas crianças estão ficando robotizadas presas em telas de aparelhos celulares.

Elas já não têm mais tempo para olhar à natureza ao seu redor. Faz tempo que não vejo um menino ou menina brincando com a lua e as estrelas, querendo ser astronauta para chegar até o planeta Marte ou desbravar a nossa galáxia como um bom homem ou mulher espacial. Não, elas não olham mais para cima e nem para os lados. Elas olham tão somente para baixo onde se encontra uma tela azul que prejudica a visão e o pensamento cognitivo. É triste isso, mas é a nossa verdade.

Alguns pais, preocupados e assustados, lotam os consultórios psicológicos atrás de respostas. Outros, aqueles que chamo de tiranos, tiram os celulares das mãos dos filhos para que nunca mais fiquem com notas vermelhas no boletim escolar, como se isso fosse resolver um problema sério de leitura e contagem no ensino fundamental um e dois. Muitas crianças ainda estão aprendendo a serem disciplinadas e a descobrirem novas coisas, pois o novo atrai e encanta. Sempre foi isso e continuará sendo conosco e com as nossas crianças esse encantamento do novo e talvez por isso elas exagerem tanto no tempo em que ficam atrás da tela do celular.

Estamos realmente preocupados com as nossas crianças? Permitimos que ajam do jeito que quiserem e tenham autonomia para decidir sobre as suas vidas? Sim, porque não é bom que ditamos isso e aquilo para que a criança faça sem darmos um pouco de espaço para ela decidir e escolher o que é melhor para si. A criança precisa poder pensar, refletir, criticar e opinar sobre o que estamos lhe propondo. Faz parte do bem-viver e do seu amadurecimento.

Nas minhas andanças pelo Brasil a fora ainda encontro pais preocupados com o amadurecimento do espírito das suas crianças, aqueles que podem ser chamados de “pais jardineiros”, ou seja, os que cuidam e respeitam a essência da criança. Os que sabem que um ser pequenino ainda em formação não vai compreender muita coisa desse mundo caótico e irresponsável no qual as colocamos. A partir do momento que queimamos e desmatamos as nossas florestas, matamos animais em extinção e proclamamos ódio na Internet deixamos de ser responsáveis para com a humanidade.

Cuidar e amar andam juntos. É preciso saber que aquela criança não está preparada para ouvir gritos, pois os seus ouvidos ainda em formação podem chegar a doer, que o seu espírito não compreende certas ordens que lhes damos porque para elas o mundo é uma brincadeira e tudo serve como brinquedo. Por que crianças quando pegam lápis de colorir saem riscando as paredes e tudo o que encontram pela frente? Elas estão brincando com os lápis. Não têm ideia de que não podem riscar as paredes e que não podem se pintar de tinta. Elas não entendem bem o nosso “não pode fazer isso” e quando repetimos muitas vezes essa expressão para elas começam a nos repetir como se fossem pequenos robôs. Que triste é uma criança que só sabe perguntar “não, mamãe?”, assustada com a repreensão ou o castigo que virá se contrariar as ordens recebidas.

Os “pais jardineiros” estão sempre felizes e são como verdadeiros jardineiros a cuidarem de um jardim frágil e cheio de botões prontos para desabrocharem a qualquer momento. Se não souberem cuidar direitinho as flores vão murchar e até podem fingir-se de mortas só para nos deixar atordoados, contrariados e preocupados ou podem morrer verdadeiramente com a falta de cuidados.

As nossas crianças querem amor e cuidados para sempre. Até nós, adultos e velhos, precisamos disso. Quando somos tratados como flores por jardineiros queridos acreditamos mais na gente, confiamos mais nas pessoas ao nosso redor e não sofremos tanto com as nossas perdas porque sabemos que o jardineiro logo chegará para cuidar de qualquer mal que nos fizerem.

Os pais jardineiros respeitam a essência da criança, o ser da criança que chega vazio ao mundo e vai aos poucos sendo preparado para receber amor e cuidado nos primeiros anos de vida e só depois conhecer outras coisas ao seu redor. São os primeiros dias do bebê que precisa de cuidados especiais e sentir-se amado e protegido nos braços da mãe.

Os pais jardineiros simplesmente amam. Eles não exigem que as crianças se comportem e se vistam como desejam. Tudo é combinado. Em tudo existe um diálogo aberto e as crianças têm o direito de opinar e tirar as suas dúvidas. Nada é colocado à força no pensamento da criança ou desce goela abaixo sem antes ela

mastigar. Esses pais sabem como ninguém que é preciso respeitar a autonomia da criança não educando todas do mesmo jeito, mas sabendo que cada uma delas é dotada de uma essência diferente, de uma subjetividade própria de um ser único no universo.

Durante a infância somos sempre incompreendidos pelos adultos. Não conseguem descobrir os motivos dos nossos choros e medos. Permitem que as pragas e o sol quente queimem e destruam as nossas folhas e flores sem se darem ao trabalho de sentirem as nossas dores. Esse é um pai jardineiro despreparado. Precisa ainda fazer um curso para cuidar bem das suas flores, mas apesar de tudo sabe que elas, as flores, são frágeis e necessitam dele.

Existem pais jardineiros que não conseguem organizar as suas vidas e deixam as suas crianças ao Deus dará. Elas perdem a hora das refeições, não fazem a lição de casa e vão dormir tarde demais. Eles sabem que as crianças estão felizes e isso é o que importa. Tudo bem, tudo bem, são pais que cuidam e amam, porém todo cuidado e todo amor devem ter limites. A criança não pode sair por aí gritando com todo mundo pelas ruas ou xingando o seu amiguinho.

Os pais jardineiros sabem contar histórias bonitas. Muitos inventam as suas próprias histórias e isso é lindo. Conseguem fazer das lembranças das suas infâncias histórias bonitas para as crianças ouvirem e pedirem para repetir até se cansarem e adormecerem. Esses pais sabem que as histórias contadas não devem amedrontar ou serem moralistas. Elas devem simplesmente distrair os espíritos das crianças para que possam dormir bem e ter lindos sonhos. A interpretação e a compreensão da história ouvida deve ser deixada a critério da criança e não ensiná-la o que é o bem ou o mal como se fôssemos donos da verdade.

Não queira ser um pai jardineiro trazendo para casa brinquedos caros e roupas de grife. As crianças gostam da simplicidade. Se elas forem acostumadas a um mundo que mais tarde você não poderá oferecer para elas a dor será maior. Ofereça apenas o que está ao seu alcance. Procure sempre fazer brinquedos com produtos recicláveis e mostre para a sua criança a importância de cuidar do mundo e da natureza.

Quando possível leve a sua criança para brincar num parque, se sujar na areia e abraçar as árvores. O contato com a natureza faz com que as crianças cresçam mais saudáveis e responsáveis pelo meio ambiente.

Ser um pai jardineiro é cuidar de um jeito bem especial permitindo que a criança participe das decisões da família. Sim, afinal ela é um membro importante da casa e muitas das decisões tomadas afetará a sua rotina. Ela precisa saber por exemplo, por que não pode mais brincar na rua com os amiguinhos e por que a vovó foi morar tão longe. Essas informações devem ser verdadeiras e sinceras. Ou a criança perderá a confiança naqueles que tanto ama.

Na minha infância a creche era chamada jardim de infância. E eu estudei num jardim. Depois de grande fiquei a me perguntar por que o nome jardim se não éramos flores e se não tinham flores naquela escolinha de paredes feias e quase sem ventilação dentro dela. Não tinha sequer um vaso de flores em cima do birô da professora, e por isso eu não tinha vontade de ir para o jardim. Sim, eu não sentia vontade de ir para aquele lugar onde eu ficava longe dos meus brinquedos e da minha família amada. Mas, eu amava a minha professora e os meus amigos.

Hoje, descobri que o meu jardim de infância era chamado assim porque nós éramos como flores e precisávamos de cuidados especiais para não crescermos assustados com os problemas do mundo. Infelizmente apesar de todo o cuidado da minha professora, apesar do seu carinho que sempre ficou demonstrado nas brincadeiras e músicas que cantávamos eu cresci assustada com aquelas paredes feias do prédio onde funcionava o meu jardim de infância. Era tudo muito feio e o que havia de boniteza era a gente e a professora. Eu nem dava por isso, pois nunca me achei uma criança bonita, contudo achava os meus amiguinhos belos com os seus sorrisos e sapatos de couro a correrem pelo corredor do nosso jardim de infância.

O meu jardim de infância marcou a minha vida de várias formas, uma delas é a de que existem lugares feios, mas rodeados por uma gente bonita e alegre que só precisa de um incentivo ou empurrão para realizarem os seus sonhos. Assim, aconteceu comigo. O meu jardim de infância tinha paredes mal pintadas e um banheiro escuro, com pouca iluminação na sala de aula e uma área com areia para

a gente brincar sem sequer um balanço ou escorrego. Foi ali onde eu aprendi que precisaria lutar muito para vencer na vida e realizar os meus sonhos de menina de periferia que sonhava em ser uma princesa e a minha mamãe dizia que eu seria o que quisesse porque ela cuidava de mim como se cuida do botão de uma flor.

Creio que as creches, este nome feio e sem graça, deveriam voltar a ser chamadas de jardim de infância, porém com prédios bonitos e cheios de flores humanas e verdadeiras dentro deles. No jardim de infância eu aprendi a compartilhar o meu lanche com o amiguinho e a ter menos medo de tudo o que estava perto de mim.

Eu fui uma flor assustada com quase tudo, mas cresci entendendo que amar ao outro era a única forma que encontraria para curar os meus medos. A minha mãe jardineira fiel cuidava de um jardim com apenas uma flor que vez ou outra se despetalava toda e murchava assim do nada, mas a minha jardineira tinha a sabedoria de adubar com cuidado e diálogo o seu jardim e eu, a flor que a preocupava, com o seu amor cresci pronta para enfrentar um mundo competitivo e desafiador. Não fui colocada numa redoma. Precisei enfrentar o sol, os perigos das pragas e as tempestades. A mamãe dizia que era preciso conhecer as intempéries do mundo desde a tenra idade.

Os pais jardineiros conhecem as necessidades das suas crianças e respeitam o ser e o não-ser de cada uma delas. Eles esperam pelo devir dos seus filhos com grande paciência. Esse devir-criança acontece a cada amanhecer e nos surpreende com as descobertas e mudanças apresentadas por elas nas suas perguntas e comentários. O existir é tão somente está aqui neste lugar, mas o devir é algo que se movimenta e alimenta a criança de esperança para um crescer potente e fazendo do existencialismo experiência única.

Falamos aqui do existencialismo de Sartre que investiga o ser e o nada, com categorias filosóficas que atendem ao pensar crítico e reflexivo da criança com uma consciência de si dotada de imagens que se formam a partir das suas experiências, sendo agentes das suas vidas e merecedoras de atenção e cuidados comprometidos com o respeito a este ser que desabrocha em cada olhar e palavra aprendida ou com o nada que se forma a partir do que interroga um ser vazio, mas pronto para receber as ideias que o mundo lhe apresenta e processá-las no seu pensamento crítico e reflexivo.

Enquanto os pais jardineiros amam e cuidam das suas flores do jeito que são temos outros tipos de pais que se preocupam em fazer com que os seus filhos sejam parecidos com eles ou pelo menos tentam lapidá-los ao seu benquerer que são os “pais carpinteiros”. Os pais carpinteiros se preocupam em moldar as suas crianças para ficarem parecidas com aquilo que querem ou com o que acham melhor para eles.

Acredito que pelas revoluções que o mundo contemporâneo nos apresenta todos os dias e pelas exigências que nos são impostas cada vez mais, há uma tendência a encontrarmos mais pais carpinteiros atualmente do que jardineiros. Isso porque vivemos num mundo competitivo, num mundo onde as flores não devem ser apenas belas, mas devem ir em busca dos seus sonhos e brigar por eles com todas as suas forças, muitas vezes sendo antiético e infringindo regras e normas.

Os pais carpinteiros também amam e cuidam das suas crianças. O único problema é que eles querem que elas sejam iguais ao que eles desejam. E as crianças como já disse são autônomas. O ser da criança em formação decide o que vai absorver para o seu amadurecimento e o que vai descartar.

As crianças com pais carpinteiros tendem a crescer preocupadas em grandes conquistas. Muitas vezes essas exigências acabam prejudicando o desenvolvimento emocional da criança. Só para citar um exemplo, conheço um pai carpinteiro que tem apenas um filho e o ama por demais. Pelo seu filho é capaz de tudo. No entanto, o seu filho não alcançou êxito na seleção para uma escola técnica federal da minha cidade e este foi proibido de brincar com os seus amigos e ficar dentro de casa apenas estudando. O garoto se distanciou por completo dos seus amiguinhos e não tinha mais vida própria. Cresceu assustado. Tornou-se um adolescente com medo de participar de exames de seleção e entrevistas pelo fracasso que sofreu na adolescência. Entrou em depressão e só se curou depois de alguns anos.

Esse pai carpinteiro queria que o seu filho obtivesse êxito na vida acadêmica conforme ele sempre sonhou, mas a criança não estava preparada para tal êxito e frustrou toda educação que o pai lhe deu sendo reprovado numa seleção em que o pai tinha a certeza de que ele seria aprovado por ter educado o filho nos melhores colégios da região.

Alguns pais carpinteiros acabam criando um mundo niilista para os seus filhos, ou seja, desprovido de qualquer crença porque estão assustados com tantas cobranças e as crianças acabam não acreditando mais em nada quando começam a ver as suas derrotas e fracassos. Se sentem menos do que os outros. Sentem tristeza e abandono por parte dos pais que se enraivam com eles porque não atendem as suas expectativas.

Não podemos exigir que os nossos filhos conquistem as mesmas vitórias que conquistamos quando jovens, pois as coisas mudaram, tudo está diferente, o mundo globalizado exige que as crianças cresçam muito rapidamente e passem a exercer responsabilidades para as quais não estão preparadas. As cobranças que fazemos o tempo todo para as nossas crianças, os desafios que as damos, são coisas difíceis de serem processadas nos seus pequenos espíritos. Elas não sabem lidar com um mundo onde é preciso ser o melhor em tudo para ganhar o seu amor, pai ou mãe.

Sim, não demonstrem que amam ou seus filhos apenas nas vitórias. Eles precisam de amor em todos os momentos e mais ainda quando perdem algo ou não são considerados suficientemente bons para exercer uma atividade. Deixe que eles decidam o que querem fazer. Tenho uma amiga que cuida do seu sobrinho que tocava piano muito bem, mas de uma hora para outra motivado pelos amigos decidiu jogar futebol. Todos na família acharam legal e o incentivaram, mas ele não é um bom jogador e sabe disso. Chega em casa frustrado sempre que tem um jogo e a família está deixando que ele perceba isso e decida fazer outra coisa.

Ninguém pode ser igual a nós, e não podemos exigir que os nossos filhos sejam parecidos conosco ou ficaremos ansiosos e decepcionados quando eles tomarem outros caminhos. É por isso que muitos jovens se tornam rebeldes. A rebeldia é mais do que tudo um grito de alerta para os pais que querem moldá-los do jeito que pensam. As crianças sabem o que é melhor para elas quando vão se tornando maiorzinhas. E o que é melhor para as nossas crianças é um mundo cheio de felicidade, esperança e amor.

Não adianta o seu filho ser o campeão sempre e não ser feliz. Conheço uma criança que já ganhou várias medalhas na natação e nem por isso se sente feliz diante dos

amigos. É tímida, assustada, medrosa e cheia de problemas emocionais. Desde bem pequenina foi incentivada para vencer os seus adversários e quando não venciam os pais não a abraçavam com o riso da vitória. Ela sempre sentiu isso e me falou “gosto quando meus pais me abraçam sorrindo quando ganho, pois quando perco eles nem vem pra junto de mim”. Foi o que ela me disse e talvez seja o que ela sente.

Os pais carpinteiros estão muito preocupados com o futuro dos seus filhos. Eles querem que as crianças cresçam rápido para lhes mostrarem os seus talentos. Parece que as crianças se tornam troféus para esses pais que saem mostrando as fotos dos filhos com os pescoços cheios de medalhas. Não obstante, aquele que não consegue êxito em quase nada é esquecido, fica no canto da parede sozinho e triste por não receber a atenção que tanto necessita.

Alguns pais têm vergonha de falar dos fracassos dos seus filhos. Claro que nenhuma criança pode ser considerada fracassada só porque não se sai bem na matemática ou na leitura. Cada um de nós somos dotados de uma essência que nos forma e nos constitui como seres materiais e espirituais ligados um ao outro que precisam estar em completa harmonia. Não é o caso de a criança campeã ser feliz ou o caso da criança que não se sai bem na escola ser triste o tempo todo, somos nós que exigimos que elas se sintam assim. Já perceberam isso? Somos nós que ditamos o que as nossas crianças devem sentir. Nós, os seus tiranos, os pais carpinteiros que queremos que elas sejam a nossa semelhança quando nunca nos preocupamos no que os nossos pais queriam verdadeiramente de nós que crescemos felizes e livres para fazermos as nossas escolhas.

Só para citar mais um exemplo, outro dia conversando com um amigo advogado ele me disse que o pai sempre quis que ele estudasse direito, mas a sua paixão era letras. E fez o vestibular escondido do pai. Na hora do resultado o pai soube da escolha contrária ao seu desejo e ficou um bom tempo sem falar com ele. O meu amigo sentia-se feliz e realizado no seu curso de letras, o pai seguia enraivado. Depois do pai morto, o meu amigo disse que sentiu algo estranho por não ter realizado o sonho do pai e foi fazer uma faculdade de direito só para agradá-lo na vida eterna.

São essas expectativas que criamos e introjetamos nas crianças que trazem traumas e dificuldades para um viver pleno na idade adulta. O meu amigo só veio sentir-se bem depois de fazer o curso de direito que o pai tanto desejou. Não devemos exigir nada dos nossos filhos. Deixemos que eles decidam o que querem ser quando se tornarem adultos. Deixemos que eles sigam os seus próprios caminhos.

Não é à toa que vemos tantos filhos de médicos e juízes seguindo a mesma profissão dos pais. Muitas vezes é amor e escolha mesmo, mas algumas vezes é imposição dos pais. Você vai dar continuidade ao meu nome. É assim que se colocam os pais carpinteiros. Nem todos são assim, mas a grande maioria. Isso era muito visto antigamente quando os filhos seguiam sempre as mesmas profissões dos pais, hoje as coisas já estão mudando porque já não existe mais tantas cobranças e que bom que está havendo mudanças porque devemos seguir o caminho para o qual temos amor e assim possamos nos dedicar aos nossos estudos e trabalho com os cuidados devidos e necessários.

Acredito que depois de ter falado um pouco de pais jardineiros e pais carpinteiros vocês tenham entendido a diferença. E que não sejamos nem muito uns nem muito outros, mas um pouco de cada um. Não culpemos os pais jardineiros por amarem demais as suas crianças e permitirem que eles se sujem na areia do parquinho, assim como não culpemos os pais carpinteiros por quererem moldar as suas crianças.

A verdade é que o amor e o cuidado são os mais importantes em qualquer formação da criança. Que a criança possa ter autonomia para decidir o que é melhor para si e possa sempre ser ouvida. O que importa nessa vida competitiva é ser uma flor pronta para as perdas e as vitórias. Que percamos as folhas no outono e as achemos na primavera sempre uma por vez.

Finalizo o texto de hoje com uns versos do poema de Rosana Rios intitulado “Guarda-chuvas” que nos diz “Tenho quatro guarda-chuvas / todos os quatro com defeito; / Um emperra quando abre, / outro não fecha direito.” Não importa quantas crianças nós cuidamos e damos amor, e se todas elas estão florescendo felizes e autônomas ou se estamos moldando-as para que cresçam do nosso jeito. Deixemos as nossas crianças crescerem como os guarda-chuvas de Rios todos com defeitos

ou não, o importante é que os amemos como são e não como desejaríamos que fossem, afinal a chuva sabe como cair na terra.



Cartuns

Papai, quero ser uma feminista para lutar pela igualdade entre os sexos.



Donda

Ops! Mais ainda, filha?





Cartas

À moda antiga (37)

Remetente: Mdc santos

Destinatária: Morena Linda

Ao lê esta cartinha saiba que somos a forma inusitada de amar.

Quando os corações se conectam tornam tudo muito envolvente e nossas almas se deliciam com as boas vibrações existentes. Brotam poemas e declarações quando o silêncio se faz na paz do amor. Há lirismo, brilho, fazendo-nos banhar nas águas cristalinas. Quando o sonho bate à porta, te faço proposta, tendo resposta de imediato, a levo comigo nos meus sonhos de amor. Quero registrar todo nosso querer, contido, no mais íntimo do nosso eu. Não duvide jamais! Pois juntos temos doçura, encanto e sedução. Son emociones fuertes, Flor mais que querida. Fico eu muitas vezes em delírio d'amor sonhado contemplando teu sorriso! Talvez esteja eu em estado de devaneios. Mais o que importa se perfeitas são nossas canções quando ecoam no espaço infinito. Assim segue uma carta, uma história, momento único, delicada hora. Vamos juntos bailar ao som desse amor. O que de fato torna essa essência rara é ter o carinho como matéria prima.

Por fim sigo lembrando que:

Amor é amor e ponto final

E no final tudo se ajeita

Encontro de nossos corações

Em carinho, humildade e respeito!

Mdc santos



Contos

Pangeia

Ana Luiza Santos Passos

Centro Universitário Una

passos.analuzasantos@gmail.com

Lana bateu duas vezes na porta de madeira bordô à sua frente. Ela sacudia o corpo em pequenos movimentos contidos enquanto sentia as lufadas de vento cruelmente gélidas cortarem-lhe a pele como navalha. A penumbra da madrugada engolia tudo ao seu redor. Se não fosse pelo fiapo de luz do poste mais próximo, aquele seria o cenário perfeito de um filme de terror. A mulher esteve nessa rua tantas vezes e não se recordava de ser tão mal iluminada quanto estava nessa noite. Percebeu que talvez esse fosse um sinal do universo lhe avisando que ir até ao namorado não foi uma das suas melhores ideias.

Olhou para trás para se certificar que o motorista que a trouxe ainda a esperava entrar dentro da casa em segurança e constatou que ele já havia partido. Fez uma nota mental de que daria uma avaliação negativa ao motorista que a abandonou à própria sorte. Levantou a mão para chamar novamente e, a essa altura do campeonato, seus dedos já não estavam tão firmes contra a porta. Foi um pouco impulsivo da sua parte, era assim que ela costumava fazer as coisas. Seria irritante caso tivesse se arrastado até aqui apenas para ser impedida por uma porta trancada no último minuto.

Então a porta se abriu bruscamente, revelando um Otávio desgrenhado, o rosto amassado e pouco feliz por ter sido acordado. A mulher agradeceu aos deuses por evitar o vexame que desenhava em sua mente caso tivesse que gritar pelo namorado.

— Lana? — Ao ouvir a voz rouca e arranhada do anfitrião, descargas elétricas percorriam pelo seu corpo, a fazendo esquecer como respirar por um instante.

Ele parecia um pouco cansado. Os olhos fundos de quem teve um dia demasiadamente longo e cenho franzido. Parado na porta, vestindo uma cueca boxer, sua expressão amenizou ao reconhecer a amada. Era apenas humana, não conseguia evitar o jeito que seus olhos caíam no torso do namorado e o modo como seus bíceps se flexionavam quando se inclinou contra o batente. O contraste da luz branca vindo de dentro da casa contra pele negra do homem o tornava ainda mais atraente.

— Tá tudo bem? — Perguntou, com as sobrancelhas se juntando, escaneando o rosto da mulher em busca de algum sinal do porquê ela estava ali tão tarde, quando não tinham planos.

— Sim. — respondeu Lana enquanto afastava os olhos do biceps de volta para o rosto dele. Riu meio boba, silenciosamente. Estava parecendo adolescente.

— Posso entrar? — O moreno abriu caminho para que a namorada passasse, fechando a porta atrás dela.

Lana caminhou até o centro da sala de estar forçando-se a focar a atenção no ranger do piso de madeira abaixo dos seus pés que ecoava alto demais pela casa, em uma tentativa falha de abafar o turbilhão de pensamentos em sua mente. A quietude etérea daquele lugar era algo que sempre a fascinou. Com o avanço da noite, parecia que toda vida se recolhia no bairro e o único som existente era o farfalhar das árvores ao sabor do vento.

Otávio a seguia em silêncio, observando os movimentos dela como quem procura por pistas.

— Ok, eu realmente não pensei muito, estava no Maletta com a Jani e o Uber ficou muito mais barato para cá do que lá para casa. Eu provavelmente deveria ter te dito que eu estava vindo. Eu acabei esquecendo a chave que você me deu em casa. Juro que procurei.

Ela se virou, balançando o molho de chaves no rosto do moreno para provar sua tentativa frustrada de não acordá-lo. Soltou uma risada envergonhada, e foi estranho, porque geralmente não sentia que precisava pedir desculpas por agir da forma que sempre agia, porém com Otávio sentia a necessidade de ser o mais clara possível. E seu nervosismo não era só por ter aparecido no meio da madrugada e sim o que a levara até ali. Quando precisa de conforto, seu inconsciente sempre a leva até o mais velho.

Otávio arqueou uma sobrancelha sorrindo com carinho.

— Relaxa, tá de boa! Você é sempre bem-vinda. Te dei a chave daqui porque eu quero você aqui.

Isso fez seus ânimos se suavizarem. Soou um pouco piegas e ela não pôde deixar de sorrir.

— Ótimo! — Disse retirando o par de scarpins pretos e os deixando do lado do sofá. Foi até o maior e esticou-se na ponta dos pés para dar-lhe um beijo rápido. O homem aprofundou o beijo, em um ritmo lento.

A pele gélida da recém-chegada contrastava com o calor do toque do namorado, provocando arrepios na mulher. As mãos dele trilhavam devagar pelas costas dela o caminho até a base da espinha, ganhando mais robustez no toque a cada centímetro avançado. As dela repousavam suavemente nos ombros do maior. Para ele, aquele beijo despertava sua excitação, para Lana, os braços que a envolviam lhe passavam segurança e aconchego – exatamente o que viera buscar ali. Lana não queria sexo, não naquela noite, precisava da

companhia, da distração, queria um lugar para deitar a cabeça e permitir que as preocupações adormeçam em sua mente por algumas horas.

Ela interrompeu o beijo, recusando a iniciativa.

— Que tal guardar toda essa energia para a manhã? Estou muito bêbada, amor, e realmente cansada. —
E com a ansiedade lá no céu, ainda p. da vida com a Núbia. Basicamente, nem um pouco sexy, quis acrescentar.

O homem a fitou com olhos semicerrados um pouco confuso, notando algo fora de tom com a amada. Achava que sexo era o que a mulher buscava com sua visita inesperada. A confusão não durou muito; ele teve um longo dia e também estava cansado.

— Sim, senhora. — Beijou a base da testa da mulher e a soltou. O homem foi até o interruptor para apagar a luz enquanto a mulher trilhava o caminho pelo longo corredor até o quarto, familiarizada com o ambiente. Ao cruzar a porta, Lana se despiu e deitou no canto direito da cama ao lado da esquadria no vidro que separa o quarto do jardim. Aquele era o único ponto de iluminação do quarto, que era regado pela luz da lua – motivo pelo qual a mulher sempre se deitava no mesmo lugar da cama.

Otávio entrou no quarto, abriu o guarda-roupa e pegou um lençol . Não sentia frio, no entanto sabia que Lana odiava dormir descoberta. A impulsividade de Lana era, talvez, uma das coisas que ele mais gostava nela. A mulher sempre dava um jeito de tirá-lo da sua rotina maçante, mesmo com pequenas coisas como aparecer no meio da madrugada sem aviso prévio. Odiava ser acordado contra sua vontade, mas por ela valia a pena. A sensação de acordar com ela era inebriante. Parado ao lado da cama, o homem observou que a amada se encolhia no canto sem ousar ocupar o espaço de Pedro no colchão, mesmo não estando ali e o moreno sorriu saudosista desejando que o loiro se materializasse para preencher o vazio que a sua ausência deixava. Otávio despertou dos seus devaneios quando Lana se moveu levemente na cama. Após cobri-la, deitou ao seu lado e notou que a mulher ressonava baixo, já adormecida e o seu sono veio pouco depois.

* * *

Quando Lana acordou, o lençol estava frio. O som do chuveiro cortava a silenciosa manhã. Esfregou a mão no rosto enquanto se orientava, lembrando que não estava no seu quarto. Os raios de sol contra as cortinas pintaram o cômodo de azul, o que a fez perceber que talvez não fosse tão cedo quanto pensava. Uma sensação familiar de aconchego a envolveu quando o cheiro amadeirado do moreno preencheu suas narinas assim que

ele saiu do banheiro. Notou que Otávio havia guardado suas roupas na cadeira no canto do quarto e colocou o telefone e as chaves na mesa de cabeceira, depois de tirá-los dos bolsos.

Era meio engraçado o quão diferentes eles eram. Lana era uma bagunceira nata, não se importava com suas roupas e seus sapatos espalhados pelo chão, Otávio era o completo oposto, gostava de tudo em seu devido lugar. Já Pedro preferia organização à bagunça, perdia-se nela, e, mesmo assim, não gostava muito de arrumar as coisas.

— Boa tarde, Lana. Dormiu bem? — O moreno a cumprimentou, adentrando o quarto. A mulher foi tirada de seu transe ao ouvir a voz do outro – que estava menos rouca que na madrugada anterior. Seus olhos mais uma vez se prenderam no corpo do mais velho, admirando o quão bonito ele era enquanto se vestia.

Ela vivia implicando com o quanto ele se exercitava: ia para a academia pela manhã e no fim da tarde, após o trabalho, ainda saía para correr. Para ela que odiava praticar atividade física aquilo parecia inconcebível, no entanto admitia que o resultado era formidável. Otávio, com seus 1,85, esbanjava beleza: tinha pele negra, olhos âmbar, lábios grossos e rosto retangular. Seus ombros são largos e músculos torneados. E a parte favorita de Lana: a bunda, perfeitamente redondinha e firme.

— Boa tarde? Que horas são? — Lana estava um tanto desorientada quanto ao horário, com a certeza de que dormiu muito mais que o costume. A morena bocejou e se espreguiçou ao mesmo tempo.

— Passaram de uma da tarde. O almoço tá pronto. Pedro vem almoçar com a gente, inclusive. — Contou o moreno já devidamente vestido.

Sentou na cama, de frente para a mulher, tirando um cachinho rebelde de cabelo do rosto dela. Ele tomou um tempo admirando a beleza da amada, sua pele oliva que, mesmo amassada pela noite de sono, reluzia ao encontro dos raios do sol, olhos tão negros quanto o céu à meia noite, aquele olhar que diz um zilhão de coisas. Poderia passar horas fitando aqueles lábios rosados perfeitamente desenhados e volumosos que imploravam por um beijo.

— Nossa, passei muito da hora — A mulher sentou-se na cama, ainda um pouco lerda. De repente, as memórias retornavam à sua mente que tão avidamente queria deixar no esquecimento. — Você falou com Pedro hoje? Como ele tá? — Sua voz soou preocupada.

— Bem, parece. Dormiu na mãe dele ontem. — Ao responder, o moreno percebeu a feição preocupada da namorada, o que o deixou apreensivo. — Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Sei lá. A última vez que o vi ele estava inquieto, meio ansioso. Disse que era coisa de trabalho, só que eu não botei muita fé nisso.

— Ontem a gente almoçou junto e eu vi ele diferente. Ele não quis dizer muito o que estava acontecendo então eu deixei pra lá.

— Bom, — Suspirou, frustrada por não saber o que estava acontecendo. — Uma hora ele fala o que é. Espero que não seja nada sério.

Lana levou sua mão à do moreno, seus dedos começaram a traçar linhas invisíveis na pele macia, as memórias das horas anteriores ressurgindo em sua mente. A mulher deveria estar acostumada, àquela altura, com suas incontáveis brigas com a irmã. Dessa vez foi diferente, mais intenso. Lana tentou fugir da discussão o máximo que deu, há dias vem ignorando as provocações e as implicâncias da irmã gêmea, porém até ela tinha um limite. Não conseguia entender como puderam ter a mesma criação e serem tão opostas.

— E você, como tá? — O homem questionou, voltando o olhar para o rosto da amada.

Ela riu seco. Nem sabia por onde começar a responder àquilo. Não estava bem, não estava bem há algum tempo. Estava ali para esquecer o que a aborrecia, não para discutir as mil maneiras diferentes com que sua irmã a magoou no último mês.

— Com fome. — Respondeu desviando da real pergunta que lhe foi feita. E seu estômago com um ronco alto corroborou a narrativa. — E com uma leve ressaca, também.

— É, percebi. — Ambos riram levemente com a afirmação do moreno, ainda assim ele viu que era apenas um esquivo da resposta que a mais nova não queria dar. E decidiu respeitar a vontade de Lana em não conversar sobre, pelo menos por ora. — Que bom que o almoço já está pronto. Capaz de você, com essa fome toda, me tirar de refeição.

Ela se forçou a acompanhar a risada frouxa do moreno, entendendo aquela como uma tentativa de aliviar a tensão que sentia, dando-a espaço para decidir quando tocar no assunto que a incomodava. Otávio sempre foi bom em ler as situações ao seu redor.

— E eu sou a sobremesa, então? — A voz se pronunciou da soleira da porta, assustando ambos, que não ouviram a chegada do loiro nem o viram parado na porta.

— Pedro! — Exclamaram em uníssono ao reconhecerem o loiro.

— Oi, meus amores. — Respondeu Pedro com um sorriso pequeno em seus lábios.

O loiro caminhou até a cama e se posicionou entre Lana e Otávio, depositando um beijo curto nos lábios do moreno, em seguida, na testa da mulher.

— Oi, Pequena. A noite foi boa, hein? Você está cheirando a álcool.

— Yep. — Disse ela, coçando a nuca levemente envergonhada por ter ficado tão embriagada. Aqueles *drinks* ingeridos na noite anterior eram a sua forma de exorcizar toda mágoa acumulada, e tinha bastante então a mulher bebeu o bar todo. O que agora não lhe parece mais uma ideia muito boa ou responsável. — Já você parece radiante.

O que ela quis dizer foi: “o que aconteceu antes que te deixou tão cabisbaixo e o que mudou de lá até aqui?” Considerou melhor deixar ele tocar no assunto.

— Eu tô mesmo. — Ele sorriu deixando o olhar recair sobre a morena. Perguntou-se, por um segundo, se guardaria as notícias para o almoço, porém não conseguiu conter a alegria em seu peito. — Eu falei com a mãe sobre vocês. Não contei nada antes porque uma pessoa sofrendo por antecipação já é o suficiente, três ia ser um surto coletivo. — Se antecipou ao ver a expressão questionadora nascer no rosto da mulher, prevendo o que ela o perguntaria. — E acabou tudo bem. Minha mãe provavelmente não entende o que a gente é, mesmo assim disse que tá louca pra conhecer vocês. E me fez tantas perguntas sobre vocês que faltou pouco para eu ter que dar os CPFs. — Sorriu, lembrando como a mãe não o deixou dormir querendo saber tudo sobre seu relacionamento, mesmo sendo tão inconveniente e estranho para ela.

Lana sentiu seu peito apertar mais um pouco. Ele estava tão feliz, tão bem... o invejou por um instante. Queria ter recebido aquela aceitação de sua irmã, queria não ter que lutar o tempo todo pelo amor que os três tinham. Queria que Núbia visse o quanto ela era feliz ao lado deles... Por que ela não consegue?, pensou.

— Lana, vai tomar um banho para a gente almoçar. — Disse o moreno, tocando em sua perna. A morena despertou do seus devaneios com a sensação de que perdeu bastante conversa entre os homens.

E assim ela o fez.

Pegou uma toalha limpa e seu telefone, ritual que cumpria religiosamente. Escolheu não colocar em uma playlist específica, então deixou a sorte – e o Spotify – decidir o que ouviria. Decidiu lavar os cabelos porque sua mãe a dizia que limpar a cabeça ajudava a clarear os pensamentos. E precisava de bastante clareamento. Fazia tudo de forma mecânica, forçou-se a agir assim. Pensar apenas no que precisava fazer nos próximos minutos era seu mecanismo para lidar com a ansiedade quando estava no pico. Catalogou os seus passos: lavar o cabelo, escovar os dentes, vestir-se, almoçar. E estava funcionando muito bem, a mulher

não sabia o quanto seus músculos estavam tensos até sentir a água quente contra sua pele e então finalmente se permitiu relaxar por alguns minutos. Lana foi puxada dos seus pensamentos quando uma canção dos Los Hermanos começou a tocar no autofalante do seu telefone. Logo uma memória invadiu sua mente; um loirinho fofo tagarelando por só deus sabe quanto tempo sobre o grupo no banco de trás de um uber compartilhado. Riu ternamente da lembrança de como conheceu Pedro. Se não fosse pela camisa surrada da banda que o rapaz usava, provavelmente não teria puxado assunto e hoje não estariam juntos. Mentalmente a mulher começou a comparar como o amante mudou desde então. Seu corpo deixou de ser magrinho e esguio, seus músculos estão mais definidos, seu rosto vem ganhando formato e o maxilar se tornou proeminente, os cabelos dourados estão quase na altura dos ombros. E, principalmente, ele não é mais o garoto meio desajustado que ela um dia conheceu.

Quando Lana mudou de posição para alcançar o shampoo, notou uma figura alta no batente da porta observando-a. Deu um passo para trás antes de sentir seu corpo congelar com a descarga elétrica que correu por suas veias. O ar estava úmido, o vapor flutuava dentro do invólucro de vidro e percebeu naquele momento que o box oferecia pouco em termos de privacidade. No entanto isso lhe pareceu irrelevante com o par de olhos verdes que examinava cada centímetro de sua pele como se fosse uma obra de arte exposta só para eles. O olhar de Pedro era carregado de uma luxúria quase palpável. O calor que a inundou era insuperável, fez suas pernas tremerem. O homem deu um pequeno passo para dentro do banheiro, dobrou o braço atrás de si, encaixando-o na curva da parte inferior das costas, os dedos enrolados ao redor do marco de madeira e segurando firmemente. A respiração dele estava pesada, os lábios partidos quase em uma súplica e seu corpo estava tão tenso que as veias saltavam aos olhos famintos de Lana. Por alguns segundos o mundo ao redor desapareceu, só existiam os dois e a tensão lasciva que ocupava o espaço entre eles. E os corações batendo em um sincronizado descompasso. Ela fechou os olhos por um instante, enquanto todos os músculos de seu corpo ficaram rígidos, em transe, ao imaginar o amante encurtando a distância entre eles.

Só que isso não aconteceu; quando a mulher abriu os olhos, o loiro havia desaparecido completamente do seu campo de visão – quase se questionou se os últimos minutos foram apenas fruto da sua imaginação. Quase. Terminou seu banho com a imagem do loiro ainda tatuada em sua mente. Vestiu uma camisa do Otávio qualquer, foi à procura dos seus namorados e os encontrou na copa, pondo a mesa. Conversavam distraídos sobre algo fora de contexto para ela, rindo divertidos. A mulher se perdeu naquela cena, sentindo-se acolhida pelo clima intimista que pairava sobre o ambiente. Constatou mais uma vez o quanto os amava intensamente, o quanto amava o que os três tinham, o que os três eram. Imaginou como seria se morassem juntos e sorriu ternamente com a imagem em sua mente. Para Otávio, o senhor todo certinho, certamente seria um teste de

resistência. Em algum ponto, ou ela deixaria de ser bagunceira ou ele distenderia um músculo de tanto arrumar a casa. Pedro, ou conseguiria tirar Otávio da sagrada dieta, ou abandonaria de vez os *fast-foods* que tanto ama. Na pior das hipóteses, viraria fitness como o moreno, o que, na cabeça de Lana, parecia algo de outra realidade. Teriam que entrar na dieta vegana. O que é triste, já que a morena ama carne.

Apesar de todas as diferenças, eles definitivamente seriam felizes juntos, concluiu.

— Esse cheiro tá uma delícia. — Disse adentrando a copa, parando em frente à lasanha posta no meio da mesa. — Se eu não te conhecesse tão bem, até perguntaria do que é essa lasanha, mas prefiro me iludir que tem carne. — Disse para o moreno num tom zombeteiro. Adorava atiçar o maior.

— Quem precisa de carne para fazer uma refeição saborosa?

Eu. Eu preciso! Respondeu internamente, rindo de si mesma. Admirava os motivos pelos quais o moreno se tornou vegano, entretanto, abandonar o consumo de carne lhe parecia algo surreal. A mulher era amante declarada.

— A gente...? — Respondeu o loiro com um toque de humor. Carne não era um ingrediente indispensável na sua alimentação como era para a mulher, ainda sim não conseguiria cortar totalmente o consumo, se tentasse.

— Tu é um ótimo cozinheiro e sempre faz uns trem vegano da hora, amor. Só que carne é carne. — Disse terminando de dispor os pratos na mesa, delimitando o lugar de cada um. — Agora, bora comer, por favor?

— Por favor! — Os homens riram da exasperação da mulher, que estava realmente faminta.

O almoço passou num piscar de olhos, tranquilo e descontraído. Conversavam sobre aleatoriedades e se atualizavam sobre o que fizeram durante a semana. Lana procurava manter a leveza da conversa, fazendo comentários engraçados e excluindo por completo os conflitos com sua irmã da “rotina semanal”. Não queria estragar o momento, mesmo estando a um triz de deixar escapar sua frustração cada vez que memórias da gêmea lhe vinham à mente.

Após a refeição, decidiram tomar sorvete de sobremesa, caminhando os três até uma sorveteria do bairro que Otávio gostava. Lana estava aérea, seguindo os passos dos homens em piloto automático enquanto sua mente não parava de reproduzir as palavras da irmã do dia anterior.

Sentaram em uma praça perto da sorveteria. Era um belo fim de tarde, com pôr-do-sol e crianças

brincando num cenário laranja. Remeteu-lhe à infância, à uma época em que ela e sua irmã eram inseparáveis. Num segundo, as duas estavam ali, apostando corrida em seus patins, enquanto os pais as observavam ao fundo. Sentia falta de tudo. Dos pais, da amizade que tinha com a irmã, da inocência e da simplicidade com que via a vida. Não conseguia entender quando “Núbia e Lana” se tornaram apenas Núbia e Lana. Quando se perderam tão profundamente uma da outra, quando a relação delas se tornou essa coisa insustentável. Desde que os pais morreram, achou que morar com a irmã seria a melhor opção mas, dia após dia, provava-se mais difícil.

— Pequena, você tá em outra galáxia hoje. — Disse o loiro, chamando a atenção da mulher para si. Ela percebeu que seu sorvete estava completamente derretido dentro do potinho, enquanto nos pontinhos dos homens não encontrou mais nem resquícios de um dia ter consumido algo. O pôr-do-sol encontrava o cair da noite. Perdeu a noção do tempo completamente.

— É, eu tô mesmo. — Concordou cabisbaixa, encarando um ponto qualquer no chão da praça. — Desculpa...

— O que está acontecendo contigo, Lana? — Perguntou Otávio, tocando-lhe a coxa ternamente. Ele lhe deu tempo para se abrir e ela estava grata por isso, porém não conseguiria desviar das perguntas novamente.

A morena se endireitou no banco para que tivesse um campo de visão claro dos namorados.

— Núbia. A Núbia aconteceu. — Tentou reduzir a raiva em sua voz, não queria criar uma situação maior do que precisava. — Brigamos de novo. Nada novo sob o sol. — Deu de ombros em desdém.

— Dessa vez foi diferente, você tá diferente. — O loiro insistiu, agora ganhando totalmente seu olhar. — Foi pior, né? — A mulher assentiu. — Por que brigaram?

— Por que a gente *não* briga, é a pergunta certa. — Disse com uma dose de sarcasmo. — A cada dez palavras que trocamos hoje em dia, três são gritos. Como eu disse, nada novo sob o sol.

Otávio tocou-lhe o ombro, subindo para o rosto quando ela se virou para ele. Como se dissesse “eu sei porque não quer falar sobre isso”. Mas a fazendo sentir que estava tudo bem em tirar o peso do peito. Ele sempre a deu isso: segurança.

— Lembra da ideia que eu falei sobre um aplicativo da empresa para os funcionários? — Respirou fundo, sentindo as emoções que tentou conter a tomando. Os homens assentiram. — Bom, foi aprovada. Consegui até o direito de montar minha própria equipe, e tudo.

— Isso é maravilhoso, pequena. Parabéns!

A mulher soltou uma risada anasalada de quem estava tudo, menos feliz.

— E sabe qual foi a primeira coisa que ela me disse? “O que você fez pra conseguir que o Ricardo concordasse com essa sua ideia bosta? Você sabe que isso nunca vai funcionar né? Ele está te dando corda pra depois você se enforcar com ela.” — Fez uma pausa para retomar o controle de si mesma ou acabaria gritando ali mesmo. — Ela até insinuou que eu usei sexo para conseguir! Não importa o que eu faça, ela nunca vai me achar capaz de nada. Eu nunca sou boa o suficiente para ela.

— Você é uma profissional brilhante, Lana. — Otávio tentou a animar só que ela estava longe disso naquele momento. Virou o corpo completamente para a mulher, acabando por ficar em uma posição atravessada no banco. — Você mereceu! Você se esforçou muito para montar a apresentação e sua ideia é incrível. Orgulhe-se disso.

Pedro pegou a mão da mulher, levando aos lábios beijando ali, que, num gesto carinhoso, fazia das palavras do moreno as suas próprias.

— Eu sei disso. Eu sei. — Lana se pronunciou rápido demais, como se estivesse se defendendo de algo. — E na maioria das vezes o que a Núbia diz entra em um ouvido e sai no outro, mas dessa vez foi... pior. Eu estava tão feliz, empolgada. A galera do departamento estava até combinando no grupo para gente ir depois do trabalho comemorar. — Apertou a mão do loiro um pouco mais forte, segurando as lágrimas que queriam inundar seus olhos. — E em um segundo ela minou isso tudo, sabe? Todo mundo tava feliz por mim. Por que minha própria irmã não consegue? Eu nem sei o que fiz para ela me odiar tanto assim.

— Não dá esse poder pra ela, Lana. Você, mais do que ninguém, merece saborear a felicidade da sua conquista. Você sabe o quanto se empenhou para isso, o quanto você dá duro todo dia para entregar sempre seu melhor em tudo que faz. — Disse o moreno, tirando uma mecha de cabelo do rosto da amada.

— Todo mundo tem sorte de te ter por perto, você é incrível. E se ela não percebe isso, problema dela. — O loiro completou.

— O que mais me irrita é que eu nem consegui me defender. Só fiquei lá, ouvindo ela falando e falando. Entrou gente no banheiro e nem isso a impediu de destilar o veneno. — Sua voz ganhou um tom frustrado e raivoso. — Ela ali, insinuando que eu transei com meu chefe para conseguir uma equipe e pessoas que trabalham comigo ouvindo tudo. Eu me senti humilhada, insignificante! A Jani saiu em minha defesa quando eu mesma só fiquei lá, parada, ouvindo. Odeio isso! — Àquela altura já havia perdido a luta contra

suas lágrimas que lavavam a dor em seu rosto. Tomou um tempo para respirar, incerta se queria continuar ou não.

— Olha, com a família é complicado. Sei bem o que é viver em uma zona de guerra dentro de casa. Sei que não importa o quanto a gente se blinda, é sempre duro. Quando vem da família dói diferente.

Lana olhou para o moreno por um instante. Ele nunca foi de falar muito sobre sua família, mas a mulher se lembrava de algumas coisas que já disse a eles sobre o pai. Ela sentiu no tom de voz do homem que ainda era uma questão que lhe pesava, mesmo que transparecesse o contrário. Sempre foi assim, pelo menos desde que se conheceram. Tinha essa imagem forte e sólida, de que nada o abalava. De vez em quando abria brechas aqui e ali e os deixava ver além da fachada. A mulher percebeu naquele momento que pouco sabia de fato sobre o moreno.

— Acho que você deve se afastar dela. Para chegar nesse ponto, as coisas em casa devem estar insustentáveis já. — E estavam mesmo, muito mais do que gostaria de contar. — Isso que ela fez é assédio, pode dar demissão por justa causa. Eu acho que você deve procurar o RH da empresa. E principalmente, sair daquela casa o quanto antes. Pro seu próprio bem.

— A Jani me disse isso, até se ofereceu para ser testemunha. Só não quero nada disso. Não quero que ela seja demitida. Ela é uma ótima profissional. E foi ela quem me deu esse emprego. Não acho justo. A Núbia não tá bem, e já tem um bom tempo. Ela precisa de ajuda, não de algo para piorar ainda mais as coisas. — Voltou o olhar para o loiro novamente. — Você acha que já não pensei em sair de casa um milhão de vezes? Mas deixar ela sozinha me preocupa...

— Entendo querer cuidar de sua irmã, Lana. E quem cuida de *você*? — Ele fez uma pausa para que a mulher refletisse sobre a pergunta. Desde que seus pais faleceram, Lana havia se acostumado a ser a pessoa que cuida de tudo, que resolve tudo, que aguenta tudo. Mesmo com todas as brigas, mesmo sendo constantemente ferida, cuidar de sua irmã sempre foi prioridade para ela. — Sua irmã precisa de ajuda, uma ajuda que você não consegue dar. E ela não quer, você mesmo já disse isso mais de uma vez. Não importa o quanto você queira, quem precisa querer mais é ela. Sua irmã é adulta e consegue, sim, caminhar com as próprias pernas. Talvez o que ela precisa para te dar valor é te perder.

— É, talvez vocês tenham razão... — Lana respirou fundo, secando as lágrimas, tentando se recompor. Chorar nunca foi o seu forte, tão pouco queria perder todo seu fim de semana com aquele sentimento ruim. — Vamos voltar? Parar com esse chororô. Não quero perder meu final de semana com ela. Quero aproveitar com vocês, que são as pessoas que realmente valem a pena. — Ela se levantou tão rápido quanto alguém que

sentou em formigueiro.

Lana nunca foi muito boa em se permitir ficar mal.

Os homens concordaram e assim trilhavam o caminho de volta para a casa. Lana logo iniciou um diálogo que envolvia algo engraçado para tentar aliviar o clima, mas Otávio pouco se dava para papo. Estranhou a falta de palavras do homem que sempre analisava cada situação. Esperava mais do que um silêncio complacente, talvez o outro tenha percebido que ela não queria render assunto e simplesmente não rendeu. Parte dela o agradecia por isso. A garota sugeriu, em algum ponto do trajeto, que fossem para um barzinho que tinha escutado falar há pouco tempo, animada com a distração. Os dois concordaram; o loiro empolgado, o moreno apenas para fazer agrado. Ele estava com a mente em outro lugar.

Quando chegaram na residência, Lana e Pedro fizeram caminhos opostos, na intenção de se arrumar, Otávio não estava em um ritmo igual. Foi até a cozinha, serviu-se um copo de água, bebeu devagar apenas ouvindo o som dos amantes pela casa e dos seus próprios pensamentos. Sabia que precisava encontrar uma forma de ajudar Lana, não tinha certeza se *aquela* seria a melhor forma, mesmo que seu âmagô lhe dissesse que sim. Nunca foi muito bom em abrir-se para ninguém ou deixar que as pessoas entrem demais em sua vida. Sabia que, se quisesse que aquele relacionamento funcionasse, deveria se permitir e se entregar, expor-se e arriscar-se, ainda que significasse se ferir no final. Rumou para o quarto quando percebeu que Lana saiu do banho enrolada em uma toalha. O moreno parou no batente da porta, observando a quantidade de roupas – suas roupas – esparramadas pela cama enquanto o loiro procurava o que vestir.

Os dois tinham estilos muito diferentes. Otávio usava peças mais estruturadas e tradicionais, já Pedro tinha uma pegada moderna e dramática. O moreno vestia sempre três cores, o loiro amava brincar com tons e com estampas. Se o montante de peças reviradas era indicativo, ele não encontrou nada que lhe agradasse por inteiro. No entanto, acabou optando por uma camisa social azul marinho e uma calça jeans preta. Ao menos vestiam a mesma numeração. Lana tinha um único vestido rodado vermelho estendido sobre o colchão, provavelmente uma das peças que deixou de reserva no guarda-roupa do moreno. Otávio sorriu com a cena, bagunça é definitivamente algo com que teria que se acostumar.

— Hum, gente. — Disse para chamar a atenção dos amantes. Adentrou o quarto, em direção à cômoda e apoiou o braço nela. — Estava pensando... Por que vocês não vem morar aqui? — Ambos se viraram para ele como quem não entendeu direito o que acabou de ouvir e o moreno se desconcertou ainda mais. — Eu sei que a gente está junto há pouco tempo e tudo, mas por que não?

Otávio desconcertado e sem jeito era algo novo para eles. Sempre foi o seguro e o maduro dos três.

Lana percebeu no mesmo instante que aquilo era para *ela*. Para ajudá-la, para tirá-la da situação insalubre que vivia com a irmã. Mesmo que a oferta seja tentadora, sabia que aquele talvez fosse um passo grande demais para dar em tão pouco tempo.

— Você não precisa fazer isso por mim, amor. Eu sou grandinha, eu sei me virar com minha irmã. Além do mais, se eu deixá-la sozinha um mês, aquela casa entra em colapso...

— Não é sobre isso. — O moreno a interrompeu. — Não *só* sobre isso. É sobre mim, sobre a gente. Amo quando estão aqui e odeio quando vão embora. Não é um pensamento repentino, tenho pensado nisso há algum tempo e gostaria muito de morar com vocês. Eu amo vocês e quero muito que a gente tenha a *nossa casa*, as *nossas coisas*. Vocês já têm a chave daqui, não é como se mudar para cá fosse algo tão distante assim. — Fez uma pausa buscando analisar os amantes, entender a reação de cada um. — Só... pensem nisso. Não precisa responder agora.

Ficou ali, plantado pelo que pareceu uma eternidade, fitando-os sem ter ideia do que fazer. Só quebrou o contato visual para pegar uma toalha e ir para o banheiro. Otávio não é um homem de se acanhar facilmente, certo de si e de suas decisões. Naquele momento, no entanto, experimentava de uma insegurança estarrecedora por ter dado um passo no escuro sem saber onde iria aterrissar.

Quando voltou, Pedro e Lana o esperavam sentados lado a lado na cama, sem terem se aprontado uma vírgula.

— Porque não estão se arrumando? Desse jeito a gente vai se atrasar.

— Mudança de planos. — Lana respondeu.

A atmosfera do quarto mudou de repente, o ar ficou denso. Otávio foi tomado por antecipação vendo Lana caminhar em sua direção com a elegância de um felino e o olhar lascivo que sugeria tudo, menos preocupação com tempo. A mulher tocou-lhe no abdômen, traçando o caminho até a barra da toalha envolta em sua cintura, desfazendo o nó. Ao se livrar do tecido, seus dedos famintos começaram a explorar o corpo do maior e seus lábios foram de encontro com a nuca enquanto Pedro se aproximava dos dois. Otávio rendeu-se completamente aos amantes.

— *Nossa* cama precisa ser estreada, não acha? — Pedro disse, puxando o moreno para um beijo caloroso.



Antônio Souza

Advogado, Professor, Escritor e Poeta - Natural de Lábrea, Estado do Amazonas.

Pós-graduado pela Escola Superior da Magistratura do Estado do Amazonas - ESMAM e pela Escola Superior de Advocacia do Amazonas - ESA/OAB-AM. É Professor do Instituto de Aperfeiçoamento e Ensino Superior do Amazonas - IANSA - e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM.

É membro titular da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos - ABEPPA, e da Associação dos Escritores do Amazonas - ASSEAM.

A Portuguesinha

(Contos)

Era sempre a primeira a estar em sala, como se todos por rito devessem cumprimentá-la, mas era assim, todos sabiam – a portuguesinha assídua, nunca faltava.

Pela ordem vinha eu, às vezes tentava superá-la chegando primeiro, mas sempre perdia, ela não só chegava cedo, mas ia logo pra sala de aula enquanto eu e outros ficávamos a conversar pelo pátio do ginásio. A primeira cadeira da terceira fileira podia-se dizer “esta tem dono” era onde ela se sentava e sem maldade alguma deixava à mostra a linda pele bronzeada de suas pernas que se cruzavam numa pose clássica das melhores educadas – ela tinha um gesto típico que nunca vi noutra garota, enquanto levava os olhos a avistar alguém, também meneava o rosto, frigia-o e brincava com os lábios indo de um lado a outro, numa doçura de verdadeiro encantamento, seus cabelos negros formavam como uma linda moldura em seu rosto afilado de nariz fino que faziam de seus lábios sempre levemente avermelhados pelo batom suave, um chamariz da verdadeira beleza, um leve ruge em sua face se revezava ao corar em determinados momentos de timidez que se fazia notar mais pra charme irresistível, quando alguém a elogiava,

entre esses eu. Lembro-me, sempre dizia a mesma frase – Nossa! Hoje você está mais linda que ontem, tudo bem? – Sim, estou bem - educadamente respondia e acrescentava – nada, são seus olhos, obrigada.

Não era apenas frequentadora assídua que sempre tinha nas avaliações um ponto extra pela continua presença, mas também uma das mais dedicadas que melhor assimilava todas as matérias, seus cadernos eram sempre muito bem organizados e via-se em destaque sua bela caligrafia e em todos uns Tons da cor rosa que dizia ser a sua favorita, quase sempre tirava a nota máxima e sem modéstia alguma deixava que todos vissem.

Certa vez a indaguei: – você é mesmo muito determinada - e ela me disse que seu Pai a cobrava muito, era uma pessoa importante deputado federal e sentia-se na obrigação de honrá-lo, mas via naquilo, sua obrigação estudava por puro prazer – fiquei feliz disse que a entendia e a incentivei que continuasse assim.

Certa manhã ao entrar em sala a vi um tanto inquieta me parecia preocupada, aproximei-me e perguntei-lhe se estava tudo bem, como sempre dizíamos, porém insisti: – desculpe, mas não me parece que está tudo bem, se preferir me contar quem sabe, posso ajuda-la – ela me disse: –

então, você está certo realmente estou com dificuldades, engraçado ou não, mas é na matéria que sei você domina muito bem – senti o chão se afastar dos meus pés – disse: – poxa, você não faz ideia de como ficaria feliz se pudéssemos trocar alguns assuntos, também estou querendo entender algumas coisas que você sabe muito bem, mas, por favor, não me veja como oportunista. Vamos lá o que é mesmo que está tirando de você esse semblante sempre lindo – ela riu, - você é legal embora não conversemos muito, mas não deixo de perceber como é gentil com todos.

Daquele momento em diante ficamos mais próximos, as dificuldades que ela tinha em “Crise e Verbos” logo assimilou e confesso ficou melhor que eu, mas por conta disso tornou-se quase que uma professora particular pra mim, eis que sempre me questionava das coisas que bem conhecia e eu não; era lindo vê-la me explicando determinados assuntos, às vezes pedia que repetisse somente para ouvi-la falar novamente, tinha uma voz meiga, com uma cadência incrível, às vezes falava como se estivesse lendo, respeitando todas as vírgulas, mas também, às vezes, notava que precisava de ar pra continuar, entre uma pausa e outra, por não entender se fazia parte dela falar assim, charmosa, não dei muita importância.

Começamos a ficar mais tempo juntos, mas tomava cuidado de estar apenas em sala, não queria que imaginassem nada que a diminuísse por estar sempre falando comigo um pobretão; mas uma vez ela me disse: – já percebi você tem vergonha de conversar comigo no pátio do ginásio, disse- lhe então com o rosto corado: - não posso queimar seu filme não é assim que as pessoas falam, eu sou feio você é linda, sabe como são as coisas não é mesmo?! – Melhor assim; outra vez ela fez o gesto que lhe era tão peculiar, brincou com os lábios, sorriu graciosamente e falou: – realmente você é feio pra caramba e riu à vontade, mas só agora eu percebi e continuou rindo – depois me disse: – deixa de ser bobo, somos amigos nossa alma é o que importa, sei de você, sei o quanto é inteligente e legal, esqueça isso de feio e bonito – sorriu novamente e disse: - está bom “ferruginho”, fazendo alusão às sardas do meu rosto. Então quem riu foi eu – ah, é?! Vou te apelidar também, falei brincando com ela e voltamos a sorrir.

Os dias se passavam e eu via neles um colorido diferente, pouco a pouco fui percebendo que o meu interesse pelos estudos se multiplicavam comecei a tomar conta da minha insignificância ante ao mundo, e via no horizonte uma grande oportunidade, lembrava-me dos sermões na

igreja que Deus é para todos, exemplo disso é o Sol que contempla o mundo inteiro, fé e persistência é a chave que abre todas as portas. Nossa amizade era transcendente, fazíamos juntos quase todos os trabalhos às vezes eu faltava às aulas ela não, então me emprestava o caderno eu levava para casa, às vezes pedia, mesmo sem ter faltado aula numa desculpa ou outra, às vezes esfarrapada, somente para afagar aquela companhia. Com o passar dos dias nossos assuntos já não eram apenas de aulas, trocávamos ideias sobre tudo, surgiu entre nós uma grande afinidade nossos pontos de vistas quase sempre se cruzavam, foi então que certo dia eu lhe perguntei: – como você lida com as coisas do coração? É muito comum numa garota assim como você fazer imaginações criar seu próprio mundo, um castelo de sonhos um príncipe encantado não sei. Ela me respondeu: – espere um pouco, primeiro me diga sobre o “assim como você”, o que quer dizer, como acha que sou?

Naquele instante vi meu sangue esvanecer como alguém gravemente ferido sentindo o frio que fatalmente leva a morte, corei; fiquei como sem saber o que dizer – Ela então insistiu, - vamos me diga sei que ficou sem graça, mas pode falar, como me vê? – Bom, veja bem - comecei a falar - algumas vezes me peguei lhe observando, vi que você hora ou outra faz anotações num caderninho cor de rosas me parece um relicário, não é mesmo?! – Pensei então e disse a mim mesmo, minha amiga tem segredos que são somente seus e conclui que talvez estivesse apaixonada por alguém – quanto ao que penso de você imagino que é o natural você é linda de boa família, muito educada deve ter problemas em se livrar de tanto assédio.

Poucas vezes a vi sorri com tanta segurança e ao mesmo tempo com tanta graça – olha só – ela me disse, primeiro você me observa depois acha que sou uma celebridade e que todos os rapazes da cidade são loucos por mim, só gostei da parte que disse me achar bonita, sei que é sincero e isso vem do seu bondoso coração, mas não é assim que me acho, e também sou uma adolescente tenho apenas 15 anos não penso em príncipes como você imagina - então eu disse – eu no seu lugar apostaria no que lhe disse – ela sorriu outra vez e me disse: – muito bem ferruginho. - Gostou de me chamar assim não é mesmo, mas não posso revidar já busquei mil apelidos pra você, mas não a vejo em nenhum senão portuguesinha. Ela novamente sorriu, - sabe que isso de chamá-lo assim é carinho, sabe ou não sabe – respondi - sim, não me importo se vem de você.

Certo dia eu entrei em sala e não a vi – agitei-me pela surpresa, esperei o próximo tempo, à hora do lanche, nada, então eu percebi que algumas colegas dela me olhavam e notaram minha aflição. - Você não está sabendo, uma delas me perguntou – disse: - não, o que houve - sobre a Noeli você está falando? Sim a moça falou ela está doente por isso não veio à aula e provavelmente amanhã também não; – exclamei; meu Deus sabe se é grave? Não, não sei, mas me parece é um ataque de asma, você sabe a saúde dela é elicada.

O dia para mim escureceu como num eclipse total, mesmo brilhando o sol não me iluminava – pensei - agora sei por que se cansava quando falava muito, por um instante me senti culpado sempre lhe perguntava muitas coisas, também me culpei e me questionei que amigo sou eu que não sabe sequer o seu telefone e agora como posso ter notícias. Sabia onde morava, mas nunca fui a sua casa, tinha vergonha.

Outros dias se passaram tudo era igual a sua cadeira sempre vazia, lembro que ao chegar à sala eu colocava alguns livros na sua carteira para que ficasse reservada e assim caso voltasse ela estaria ali como sempre foi.

Vivíamos uma época agitada politicamente o movimento militar em plena Ditadura perseguia os que lhe faziam oposição, ou seja, não aceitavam o golpe e muitos foram presos, outros sendo procurados e outros fugindo para exílios fora do País, dentre estes vim, a saber, estava o Pai

de minha amiga que era deputado federal, ela ainda doente – imaginei – deve estar sofrendo muito seu Pai era p’ra si um ser especial amava-o acima do limite de uma filha mais velha.

Alguns dias depois em sala de aula notei o quanto ali se tornara sem graça com sua ausência, parecia-me que a alegria era trazida por ela pelo menos p’ra mim que vivia com os olhos voltado para porta, esperançoso que a qualquer momento ela se abria e a veria entrar sorrindo e olhando diretamente pra mim em primeiro lugar, sentia até mesmo sua voz rouca e meiga me chamando de ferruginho.

Num desses dias bateram à porta, estávamos tendo aula de matemática com o professor Diógenes o mais odiado do ginásio, não que fosse má pessoa pelo contrário era homem bom, mas pela matéria que ministrava com muito rigor principalmente nas provas, lembro ninguém conseguia boas notas salvo minha amiga.

Ao baterem à porta senti meu coração saltar pulsar acima da média, o professor Diógenes rabiscava com giz algumas contas na lousa azul e balbuciou algumas palavras de descontentamento, mas virou-se a meia volta e dirigiu-se à porta, tocou a maçaneta e deixou-a entreaberta, donde estava vi que alguém lhe falava e ele gesticulava como se não pudesse entender o que aquela pequena moça, vestida como uma empregada doméstica queria lhe dizer, notei que ela portava em suas mãos um envelope tipo carta ou bilhete, coisa assim, foi então que o ouvi falar: - mas Antônio, aqui tem uns cinco precisamos saber exatamente quem é senão você pode estar entregando o envelope à pessoa errada, então a moça disse: – bom, eu a ouvi falar em ferruginho, - num salto pulei da carteira, quando então o professor fez uma graça, voltou-se pra turma e perguntou - alguém aqui é ferruginho? Quase morri, somente ela me chamava assim.

- Sim professor sou eu, - falei, a turma toda gargalhou sonoramente ao que o mestre pediu que se acalmassem e fizessem silêncio, mesmo sem obter sucesso; e outros diziam, ferruginho é? Espeta caju também professor, além de sardento e riam à vontade, nunca me importei com os apelidos que tinha, por isso também ri, mesmo com o coração aflito, corri e peguei o bilhete, a garota pediu que me abaixasse e falou algo em meu ouvido.

Naquele momento não sabia o que fazer se abria o envelope e lia ou se esperava a aula terminar, tinha medo que o professor me brigasse pela falta de atenção ao que ele explicava. Entretanto ele percebeu minha angústia – aproximou-se de mim e num gesto delicado tocou-me o braço e me disse: - vou deixar que leia, faça isso rápido - e começou a andar na sala observando os demais.

Dizia o bilhete:

- Querido ferruginho! Provavelmente quando estiveres lendo esse bilhete já estarei bem distante daí, quero que me perdoe se não me despedi pessoalmente de você, mas as circunstâncias não me foram favoráveis, debes estar sabendo, meu Pai está sendo cassado querem prendê-lo, por isso temos que fugir, estamos indo para o exterior em busca de asilo político.

Também quero que saiba que fico muito triste de me afastar de você, sua amizade, nossas conversas sempre me fizeram muito bem, sentirei saudades, não sei se ainda voltarei, também porque preciso me tratar num país onde o clima seja mais ameno, nunca lhe falei, mas sofro de um problema respiratório por isso faltei às aulas nesses últimos dias e somente num clima como da Europa posso ser curada. Cuide de você procure se esforçar nas matérias que tem dificuldades, estarei rezando para que Nossa Senhora lhe ajude; ah! Mande seu endereço por essa menina que lhe entregou o bilhete ela fará com que chegue até a mim, então lhe escreverei de onde estiver. Por enquanto finja que está me dando um abraço, estou fazendo isso também

aqui, breve nos falaremos. Deseje-me sorte, fique com Deus. Beijos no coração – Portuguesinha.

Meus olhos estavam marejados e o meu coração estava pulsando agitado e muito triste, o impacto das primeiras palavras me transtornaram e fiquei absorto no ar como se ali já não estivesse mais, sufoquei um grito, mas soltei um gemido, - penso ter sido a dor da alma; olhei a minha volta e todos estavam me observando, o professor estava em pé no fim da sala de braços cruzados com a mão direita fechada em punho, segurando o queixo e omandava um silencio quase sepulcral, lentamente chegou-se até a mim e me perguntou: – você está bem? Eu lhe respondi meneando a cabeça e sem querer mexi os lábios como ela fazia: – não sei, não sei – me desculpe – de repente lembrei-me da última frase no bilhete, e também o que a garota me falou ao ouvido, “rápido” foi o que ela me disse, - num salto corri até a porta, procurei a menina, mas era tarde demais ela já tinha partido.

Nos dias seguintes mudei meu caminho como ia para o ginásio, sempre passando pela frente onde ela morava, a casa estava sempre fechada e ficou assim por muito tempo. Nunca mais soube dela.

Hoje, dezena de anos mais tarde eu percebo que ainda não me esqueci daqueles dias de adolescente, às vezes muito difíceis, mas de certa forma felizes, também hoje me bateu no peito uma melancolia, - onde andarà a ortuguesinha – será que ainda fala daquele jeito, está mais linda, será que se curou? Não sei. Mas posso imaginar – deve estar em algum lugar muito bonito, feliz e provavelmente bem melhor que eu.

Antônio Souza

Viva, Ana Maria

Ana Maria era uma menina franzina, de rosto fino e traços delicados. Os olhos castanhos e amendoados transmitiam um certo ar de curiosidade. A garotinha educada, de gestos singelos, era esperta e cativava todos à sua volta; contudo, guardava um segredo: ela se achava feia, nariguda, de pernas finas e muito pequena para sua idade, em comparação a estatura de suas amigas. Por isso, tão logo chegava da escola corria para se refugiar no seu quarto. De lá só saía para os compromissos de sua aula particular e para brincar com suas amigas, nos finais de tarde.

Dos sete aos dez anos, a doce Ana Maria tinha o hábito de conversar com ela mesma, em frente ao espelho de sua penteadeira. Costumava também se vestir e, logo em seguida, tirar suas roupas, sempre achando que suas amigas tinham vestidos mais bonitos, mesmo que sua mãe caprichasse nos tecidos coloridos, nas fitas e nos bicos bordados. Ela desejava ter cabelos compridos para fazer tranças, mas sua mãe sugeria mantê-los curtos, já que eram volumosos para seu rosto miúdo. Achava o seu nariz grande e pontudo, (característica que herdara de sua mãe), de sobrancelhas largas, o que lhe dava um ar de sobriedade; enfim, Ana Maria não gostava de sua imagem. Mesmo assim, quando saía do seu esconderijo, era uma criança sem preconceitos e alegre. Ela decidiu vencer seu complexo de feiura participando dos eventos escolares, religiosos e sociais, pois os viam como oportunidades para explorar suas competências e habilidades. Assim, foi uma criança ativa e feliz, na década de sessenta, na sua cidade natal.

Na adolescência, Ana Maria mudou de cidade para continuar os estudos, ganhou um corpo mais torneado, passou a escolher suas roupas, adequando-as ao seu perfil e decidiu pela profissão que queria ter, para isso, estudou com determinação para se formar professora. Tão logo conseguiu sua independência financeira, fez plástica no nariz, deixou os cabelos longos, conquistando a imagem que sempre sonhou.

Iêda Chaves Freitas

12.10.2022.

COLÓQUIO COM A MÃE

Assim que chegou ela arreganhou os olhos como que saindo do torpor sonolento ao qual habitualmente se recolhia ao acordar, e foi logo repreendendo: “meu filho, isso lá são horas de chegar em casa? Estava preocupada”.

Abriu os braços para acolhê-lo como sempre fazia quando ele se atrasava. Era agora sua única forma de protegê-lo dos perigos das ruas, trazendo-o para perto de si e de seu colo na tentativa inútil e nostálgica de abrigá-lo de placenta e útero.

O hálito envelhecido de sua saliva grossa e o odor suarento de sua roupa gasta de usos e de tempo o incomodou em princípio. Porém, da mesma maneira que das outras vezes, acostumava-se ao bolor dos minutos mortos. Os anos, embora impalpáveis, deixava nas narinas o rastro insípido de sua passagem.

Nunca fora muito de beijos, não porque não a desejasse beijar e sentir o calor afável de suas bochechas magras e murchas, mas porque ela o criara tão próxima dos olhos e distante dos afagos, tornando-se um homem arredio de carinhos. Por dentro ansiava faminto por afetos frustrados, e por fora era frio, distante e sério, circunspecto como deviam ser os homens de sua idade.

A fome inconfessável lhe devorava por inteiro, enquanto os menos atentos se distraíam em triviais conversas de bares e de expedientes. O mundo indiferente não percebia que ele definhava cotidianamente, assim como sua mãe ali sentada na poltrona da sala de entrada. Talvez por isso quando criança adorava chegar atrasado da escola só para vê-la ao portão preocupada, sofrendo, inquieta e de braços abertos.

Não somente de carências e de trocas de carícias se assentara seu crescimento. Também lhe faltara os companheiros com quem brincar de bola, pega-ladrão e empinar pipa. Sua mãe, constantemente zelosa com a higiene e vigilante contra danos, vírus e acidentes, privara-lhe das ruas e de seus doces riscos.

Fora assim sempre um menino limpo, assustado, proibido e tímido, sem feridas, ranhuras ou braços quebrados. Seu corpo puro de cicatrizes amargava a ausência de toques e amigos. Hoje percebia o pavor de sua mãe dos outros meninos, não porque temesse os machucados ou as brincadeiras, mas a sexualidade hibernante e imatura dos jogos e folguedos infantis.

Agora entendia o quanto deve ter sido difícil para ela criar um homem, principalmente na falta de um pai, morto desde cedo, bem antes que soubesse pronunciar a palavra pai – esta

palavra para ele escassa, porém invejada no vocabulário dos vizinhos.

Ela sorriu quando ele lhe estendeu o presente. Suas mãos trêmulas, esverdeadas de varizes, apresentaram-se em abrir o pacote e parecia feliz empanturrando-se de chocolates dietéticos. Ainda de boca cheia lhe perguntou se havia feito o dever de casa. Não querendo contrariá-la acenou que sim. Era melhor para ela continuar a vê-lo menino, alheia ao homem triste em que se transformara agora.

Acostumado ao silêncio de suas conversas, sentou-se ao lado dela contemplando, com certa saudade, aquela sobra materna presa à cadeira e às décadas passadas. Embora nada mais restasse daquela mulher ativa e determinada que tanto o oprimira, era como se ainda exalasse sobrevivente o medo de lhe dizer não.

Transpirava feito criança frente à velha senhora absorta e longínqua. Ela era muito maior e imensa do que aquele corpo franzino curvado com sofreguidão sobre a caixa de chocolates já quase vazia.

Quisera poder dizer que a amava, se assim soubesse. Entre ambos havia um abismo a separar-lhe os sentimentos. Quanta vezes não retornara do colégio sem piscar os olhos, somente para que o visse com olhos lacrimejados como se chorasse? Quantas vezes fingira-se de doente para poder dormir ao seu lado, respirando dela o bafo na espera que lhe virasse o braço na turbulência de seus sonos agitados? Quantas vezes, escondido, vestira-lhe o sutiã na esperança de se acolher aos seus seios? Quantas vezes não remexera suas coisas na busca de uma carta de amor jamais a ele endereçada? Quantas vezes...

Ainda havia tempo de se redimir, notava, se bem que os segundos conspirassem a cada momento. No entanto, continuava parado como que congelado, sequioso de aproximar-se daqueles cabelos não mais tingidos de castanho-claro. Não seria hoje que se sentaria em seu colo de ossos, tocaria sua face enrugada e lhe cobraria as carícias sonegadas. Talvez na próxima visita ou quando lhe visitasse o túmulo com flores nos dias de finados.

Quieto, para não lhe perturbar os devaneios, dirigiu-se manso e melancólico à porta do asilo. Contudo não deixou de ouvir sua velha mãe preocupada suplicar ao menino: “não se atrase novamente de volta da escola. E vê se não joga bola pra não se arranhar nem sujar a farda”

Joaquim Cesário de Mello
RECIFE (PE)

O Segredo de Virgínia

Virgínia se casou aos dezesseis anos com um homem vinte anos mais velho.

Seu pai, viciado em jogos, perdeu uma grande quantia em uma mesa de pôquer. Sem ter como pagar e ameaçado, sem nenhum escrúpulo, deu ao credor a mão da filha em casamento.

Já na primeira noite o marido a violentou. Usou e abusou de seu corpo, da sua inocência e de sua virgindade.

Sozinha e amedrontada ela chorou. Sentiu nojo daquele homem asqueroso e ódio do pai.

Seu marido era um homem rico, poderoso e desumano.

Nunca a respeitou como mulher ou a tratou como esposa. Para ele, ela não passava de mais uma propriedade. Sempre abusava e a maltratava.

Ao reclamar ao pai ele respondeu que um casamento era assim mesmo.

Ela odiou o casamento por ser uma tortura.

Um tempo depois ela se viu grávida. Ele não gostou e a culpou por isso. E então pela primeira vez bateu nela. Com a surra, perdeu o bebê.

Ela estava machucada fisicamente e na alma. Mas já não reclamava com ninguém. Sabia que não iria adiantar.

A vida foi seguindo. Ela não tinha nada e não podia contar nem com os pais. Então foi suportando aquela vida.

Pela segunda vez estava grávida e ele a obrigou à violência de um aborto. E mais um aborto e mais um.

Até que seu corpo e sua alma desistiram de conceber e gerar um filho.

Ela sentia raiva do marido por ter matado seus bebês.

Os anos passavam e cada vez mais ele a violentava, a agredia física e verbalmente.

Mas ela cada vez mais se fortalecia e esperava o dia de se livrar daquele monstro.

Até que se encheu de coragem e disse a ele que queria a separação.

E ele a ameaçou:

-Você é minha propriedade. Eu lhe comprei e paguei muito mais do que você vale. Se tentar se separar de mim ou disser qualquer coisa que se passa aqui, eu lhe mato. Não brinque comigo.

-Talvez a morte seja melhor que a vida que eu levo.

-Experimente me deixar e encontrará a morte que tanto quer.

Ela continuou seu casamento. Já não chorava ou se mostrava triste com os maus tratos. Pelo contrário, se sentia mais e mais fortalecida e disposta a lutar pela sua liberdade. Cada dia pensava em um modo de se livrar daquele homem monstruoso.

O tempo ia passando lentamente e ela cada vez mais infeliz e revoltada com os maus tratos, humilhações e violência sexual que sempre sofria, mas nunca demonstrava nada a ninguém. A vida era pra ela uma tortura. No entanto todos achavam que tinha um casamento feliz.

Quase vinte anos depois ela ainda estava naquele casamento que mais parecia um cárcere com o carrasco a torturando dia após dia.

Numa noite ele chegou em casa e como sempre fazia, disse:

-Sirva meu drinque. E não demore com o jantar pois estou com fome.

Ela saiu e voltou pouco depois com a bebida dele.

Ele se sentou no sofá e começou a sorver o líquido que tanto apreciava.

Ela, de longe, observava.

De repente ele começou a sentir-se mal. Como se estivesse tendo um ataque cardíaco. Mal conseguiu chamar por ela e caiu.

Calmamente ela tirou o copo, jogou fora o que sobrou, lavou e depois pediu socorro.

O médico dele chegou. Já era tarde. Ele estava morto. Tudo levava a crer que tivera um mal súbito, um infarto. O médico, que conhecia seu histórico e seu estado de saúde, atestou a morte natural.

Ela se mostrava triste e chorosa pela morte do amado marido.

O médico a consolou e todos a ajudaram a cuidar do velório e sepultamento.

Virgínia chegou ao velório abatida, triste e chorosa como convém a uma mulher que acabou de presenciar a morte do esposo.

Ao aproximar-se do caixão, suas lágrimas rolavam e todos estavam consternados pela súbita morte e pelo sofrimento da viuva.

Bem baixinho ela conversava com o morto:

-Você está aí como castigo por todos os anos de sofrimento e maus tratos que passei, pelos meus quatro filhos que matou e por ser o monstro que sempre foi. Você nunca mereceu viver. Descanse em paz nas profundezas do inferno de onde nunca devia ter saído.

Virgínia saiu dali e foi se sentar mais distante, sempre se mostrando triste e em choque.

Ele foi enterrado e ela voltou para casa.

Abriu o melhor vinho que ele tinha e que sempre guardava para um a ocasião especial e brindou sua liberdade.

Estava alegre e não sentia culpa, remorso ou arrependimento por nada.

Finalmente, pela primeira vez na vida, sentia o gosto da liberdade, a sensação de leveza por ter ficado livre daquele carrasco perverso.

Ela aprendeu a viver em liberdade e sentir o gosto da felicidade.

Em sociedade vivia sua vida discretamente, como convém a uma viuva recatada.

Mas em suas viagens e no aconchego de seu lar se permitia viver intensamente a liberdade que conquistou.

Gozava da vida boa que ele deixou pra ela e se sentia vingada por cada vez que foi ferida, maltratada, violentada, humilhada

E sempre pensava que merecia cada dia, cada momento de felicidade, prazer e liberdade pois pagou por eles um preço muito alto.

Nana Gonçalves



Cordéis



O AMOR EM QUATRO PATAS

Mané Beradeiro

O cachorro é animal
Que conquista corações
A História está repleta
De grandes ilustrações
Homens que foram amados
Sem nenhuma objecções.

Abro as portas da memória
E o convido a sentar
No tamborete da prosa
Onde iremos conversar
Sobre esse animal,
Amigo espetacular

Entraremos na História
Tendo a determinação
Que de fato encontraremos

Um baú de emoção
Com testemunhos sagrados
Guardados no coração.

No mundo antigo existiu
Um homem que foi guerreiro
Que no calor do seu lar
Tinha um cão por companheiro
Que gostava tanto dele
Dias, meses, ano inteiro.

Odisseu¹, esse guerreiro,
O cão **Argos** bem tratou
Nunca lhe faltou comida
Nem carinho o negou.
No peito daquele homem
Seu cachorro descansou.

Muito antes de Jesus
Odisseu foi para a guerra.
Vinte anos lá sofreu,
Mas voltando à sua terra,
Moribundo e barbudo,
Cão Argos por ele espera.

Já estava bem velhinho
O cão daquele guerreiro
O tempo não apagou
Sentimento verdadeiro
Reconheceu o seu dono
A saudá-lo foi primeiro.

Em romance brasileiro
“**Baleia**” se consagrou

Andando com a família
Que do sertão emigrou
Fugindo da seca braba
Graciliano² narrou.

Cá no gênero de cordel
Eu não posso esquecer
O romance que é um clássico
E você procure ler
Foi escrito por Leandro³
Que o cordel só fez crescer.

É sucesso no Brasil
A história lá narrada
Em “O Cachorro dos Mortos”⁴
Ficou muito bem contada
“**Calar**” foi a testemunha
Inda hoje bem lembrada.

No ano cinquenta e sete¹⁹⁵⁷
Uma cadela de Moscou
Foi lançada no espaço
E de lá jamais voltou
O nome dela foi **Laika**
A História registrou
Morreu no Sputnik
Vendo a Terra lá de cima
Sem saber porque foi ela
Pra viver naquele clima
Escolhida pelos russos
Povo nobre de alta estima.

O certo é que Laika foi
Muito mais do que cadela

Pois quem estuda o espaço
Verá sempre o nome dela
São coisas que a vida faz
Deixando a casa mais bela.

No cinema ou na TV
Os cães estão lá presentes
Alegrando nossas vidas
Nos deixando mais contentes
Vamos nos lembrar de alguns
Artistas tão excelentes

Inda vi um seriado
Que as crianças adoravam
Rin Tin Tin era seu nome
Os seus fãs lhes celebravam
Gritando “este é o astro!”
Aplaudiam e choravam.

Eu vi na televisão
Um desenho animado
Com um cão dinamarquês
Correndo pra todo lado
Se chamava **Scooby Doo**
Tinha amigo abilolado.

Quem O Máscara assistiu
Viu um cãozinho esperto
Raça cheia de energia
Fez de **Milo** ator certo
Jack Russel Terrier
Corre até pelo deserto.

É mais fácil o mar secar

Sol nascer à meia noite
Padre esquecer a missa
Lobisomem ter pernoite
Que a raça do Terrier
Acalmar o seu afoite.

Nas revistas de quadrinhos
Temos **Pluto e Pateta**,
Cebolinha tem **Floquinho**
Que ninguém sabe da testa
Charlie Brown tem o **Snoopy**,
Que nas tiras faz a festa.

Em dois mil e dezenove
O Brasil viveu tragédia
Quem lembra de Brumadinho
Viu que a morte não fez média
Morreram muitas pessoas
A nação ficou acédia.
Para encontrar os corpos
Veio a cadela **Cristal**
A raça é border collie
Deu ajuda fenomenal
Merece um monumento
Por trabalho tão vital.

Mais exemplos posso dar
Entretanto não farei
Pois aqui quero contar
História que escutei
De uma cachorra fiel
Que aqui relatarei.

Piabinha é o nome

Dessa cadela sem par
Que “Seu” Chico e Maria
Acolheram em seu lar
Dez anos por lá viveu
É possível confirmar.

Que teria Piabinha
Para nos presentear?
Vira-lata sempre foi
Não precisa comentar
Suas pulgas foram herança
Que deixou nesse lugar.

Campo Redondo⁵ sabia
Que em toda região
Outra igual não havia
Com tão grande coração
Professor George⁶ diz
Sem nenhuma retração.

Bom poeta me desculpe
Mas não posso concordar
Pois a cachorra Piaba
Merece um patamar
Ensinou ser solidária
Todos podem afirmar.

Pergunte à população
Quem foi que acompanhou
Por três anos sem faltar
Todo morto que chegou
Saindo daquele templo
Tão logo sino tocou.

O povo vai lhe dizer:
“Foi a nossa Piabinha
Toda cidade ouvia
Cantar uma ladainha
Como quem nos ensinasse:
A vida é bem curtinha”.

E assim deixou a lição
Mais rica do que dinheiro
Na Quarta-Feira de Cinzas
Dezoito de fevereiro ²⁰¹⁵
“Piabinha foi pro céu”
Disse adeus para o coveiro.

Acredite meu amigo
Nada neste mundo é vão
Piabinha deu exemplo
Que comove coração
Hoje brilha nas alturas
Com tão grande galardão!

Agora vou terminar
Este poema versado
Agradecendo ao leitor
Ter ficado ao meu lado
Isso prova que meus versos
Melhorou de “pé quebrado”

Finalizo então dizendo:
Que O AMOR EM QUATRO PATAS
Nunca traiu nem deixou
E nem quis negociatas

Pois nos amam de verdade
Nunca nos serão ingratas.



Mané Beradeiro com rapadura



Crônicas

Altamiro Fernandes da Cruz; Oficial PM/Vet.; Bacharel em Direito; Ex-diretor Regente da AMOS – Academia Musical Orquestra Show da PMMG; Membro Efetivo Curricular Grau Ouro, Cadeira Nº 04 da ALCMJGR – Academia de Letras Capitão Médico João Guimarães Rosa; Membro Corresponde da ALTO – Academia de Letras de Teófilo Otoni-MG; Membro do IHGM – Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri; Detentor do Título de Honra ao Mérito concedido pela Câmara Municipal de Belo Horizonte – MG pelo Relevante Alcance Social e Cultural dos belo-horizontinos.



O BURRO E A CENOURA... a galinha de Hitler!

A Galinha de Hitler:

... Em uma das suas reuniões com o seu Staff, depois de estarem saciados pelo repasto servido, os participantes do banquete indagaram ao seu líder Hitler, sobre: como dirigir o povo, governar uma nação?

Hitler, de soslaio, olhou-os, alisou seu horrendo bigode para, em seguida, pedir que lhe fosse trazida uma galinha. Trouxeram-na! Hitler agarrou-a com uma das mãos enquanto, com a outra, a depenava. A galinha, desesperada pelas dores sentidas dava pios estrondosos querendo fugir – mas, fugir, não podia! Assim, Hitler retirou-lhe todas as penas, penugem enquanto – rindo pelas desgraças e dores causadas à galinha – disse aos seus colaboradores:

-»Agora, observem o que vai acontecer».

Hitler soltou a galinha no chão e afastou-se um pouco dela. Pegou um punhado das sobras do banquete e começou a caminhar pela sala atirando-os ao chão, enquanto seus colaboradores viam, assombrados, como a galinha – assustada, dolorida e sangrando – corria atrás do “*seu benfeitor Adolf Hitler*” na tentativa de agarrar algumas migalhas, dando volta pela sala. Rindo um sádico sorriso, o assassino andava, enquanto a galinha o seguia, fielmente, por todos os cantos da sala. Então, Adolf Hitler olhou para seus ajudantes – que estavam totalmente surpresos – e lhes disse:

-”*É assim que, facilmente, se governa os estúpidos!* Viram como a galinha me seguiu apesar das dores que lhe causei? Tirei-lhe tudo, as penas, as penugens e o que de mais importante e sublime que ela tinha: uma imaginária dignidade! Mas, e ainda assim, ela me seguiu em busca das migalhas – restos do nosso lauto banquete”.

*“O indivíduo é inteligente, mas as massas são burras!”
(Adolf Hitler)*

O ser humano não possui, como a galinha, as penas que – para ela – é o que de mais sublime existe. No ser humano, todavia, existe, também, algo que, de mais sublime é: a sua dignidade! Infelizmente, o *Burro Brasileiro e a Galinha Hitleriana*, ambos, não têm dignidade alguma! E, por isso mesmo, seguem aquele que vier lhes prover das migalhas – restos dos banquetes – que lhes mitigam a fome e assassinam a dignidade que deveriam ter para, dela, se orgulharem!

Assim é uma grande parcela das pessoas que – por não serem providas de dignidade alguma – seguem seus corruptos governantes, apesar da dor que estes lhes causam.

Penso que o *Burro Brasileiro* e a *Galinha Hitleriana* têm muito em comum: -São vítimas de uma triste normose! São possuidores desse conjunto de hábitos considerados normais pelo consenso social, mas que, na realidade, são fatores patogênicos que os levam à infelicidade, à doença e à perda de sentido pela vida – inclusive ao suicídio de uma utópica dignidade! São meros zumbis seguidores de migalhas que os aproveitadores – ao lhes darem as sobras do corrupto repasto – recebem o pagamento “*na boca do caixa/urna*” sob a forma dos “*Votos do Curral Eleitoreiro*” – a *Senzala da fome e da miséria explorada!*

E é assim que, tristemente, assistimos os corruptos, ladrões do erário, retirando o dinheiro, enchendo malas e as cuecas com as verbas destinadas à *Saúde, Segurança e Educação*. Em relação à *Educação*, os corruptos têm razão: É bem mais fácil dirigir um Burro, tendo uma cenoura atada a uma vara e uma esfomeada Galinha em busca das migalhas — do que gerir um Povo Culto e esclarecido, que não admite perder sua honra e dignidade, pelo simples gesto de receber um benefício barato ou algo, para se alimentar por um, dois ou mais dias!

Somente os parvos e os idiotas da objetividade não vêem o óbvio: a cenoura buscada pelo Burro e migalhas oferecidas à Galinha Hitleriana são a desgraça do nosso Brasil! Brasil bom de bola! Brasil bom de samba! Brasil, Ninho dos Corruptos ladrões do erário! Brasil mal (muito mal) de uma Consciência Política!

Dia do pleito:

Estamos nos encaminhando para mais um pleito eleitoral. Estamos às vésperas das eleições (Ou seria *vésperas das ereções?* – como bem dissera o imbrochável presidente.). Dizer que não temo as urnas estaria mentindo: temo-as, sim! Uma imensa parte (quase optei pela maioria) do povo brasileiro não sabe, sequer, o que seja este maravilhoso *Regime Democrático*. Indo mais além, ousou dizer que “*não sabem o que seja Democracia*” e tampouco, não sabem nem definir o que possa ser *Liberdade*. Assim, fica muito difícil recolocar a *Locomotiva Brasil* nos trilhos – ela está descarrilhada e sem os freios! Não consigo vislumbrar a bendita “*luz no fim do túnel*”. E, confesso: – Estou quase “*jogando a toalha*”!

Vendo os resultados das pesquisas para as próximas eleições, entristeço-me quando vejo o percentual alarmante daqueles que dizem “*não sabem opinar sobre o tema tal, ou mesmo sobre o desempenho do atual ocupante da nobre Cadeira Presidencial*” ou como foi a atuação do ex-presidente.

Se a Galinha Hitleriana e o Burro da Cenoura se inteirassem dos problemas brasileiros, tudo funcionaria melhor. A isso damos um nome: Consciência Política! Ela é a essência para melhor escolhermos o melhor – se é que temos um melhor a ser escolhido! Penso que não sabem, sequer: quem é o seu presidente. São pessoas que “*não estão nem aí para o que se passa – ou o que poderá acontecer no futuro com a nossa nação – desde que haja uma cenoura na ponta de uma vara e as migalhas que restarem caídas das fartas e corruptivas mesas – sirvam-lhes para saciar as suas momentâneas fomes*”.

Na charge escolhida, para ilustrar este nosso triste desabafo, temos um burro que tenta, exaustivamente, comer uma cenoura pendurada em uma vara, tendo no seu lombo o maquiavélico manipulador (acredito que o chargista quis nos dizer que é um político) que o leva para onde quiser. E este “*onde quiser*”, convenhamos, é a urna onde o Burro e a Galinha votarão em troca da mísera cenoura atada à uma vara e as migalhas do corrupto repasto servido aos ladrões!



Antônio Souza

Advogado, Professor, Escritor e Poeta - Natural de Lábrea, Estado do Amazonas.

Pós-graduado pela Escola Superior da Magistratura do Estado do Amazonas - ESMAM e pela Escola Superior de Advocacia do Amazonas - ESA/OAB-AM. É Professor do Instituto de Aperfeiçoamento e Ensino Superior do Amazonas - IANSA - e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM.

É membro titular da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos - ABEPPA, e da Associação dos Escritores do Amazonas - ASSEAM.

A escolha de Matilde

(Crônica)

De uma coisa eu não tenho mais dúvidas, as pessoas são diferentes umas das outras. Cada ser é único, com emoções, histórias, experiências e modelos sociais que influenciam a maneira com que elas percebem o ambiente ao seu redor. Isso é fato. Saber lidar com pessoas diferentes de nós é um desafio diário e constante. Isso é mais que fato.

Ocorre que tem algumas coisinhas que fogem, pelo menos de repente, da nossa capacidade de entender - digo isso por mim - o porquê de certos comportamentos de algumas pessoas das quais a gente espera tudo, menos aquilo naquele momento. Foi isso que aconteceu certo dia enquanto eu caminhava numa avenida bem bonita numa cidadezinha, onde passava alguns dias trabalhando. Antes que eu esqueça vou partilhar agora com você, sem muitas pretensões.

Arvores de um lado e do outro e várias pessoas fazendo a sua merecida e talvez necessária caminhada diária, eu no meio dessa gente. De repente passa por mim uma figura caminhando avexado e no estilo de maratonista, rebolando os quadris e puxando no calcanhar, a famosa

“marcha atlética”, eu olhei rapidamente e fiquei pensando: - que diabo é isso?! Eu, hein. Tudo bem pela maneira de caminhar, não fosse a desproporção simétrica entre o fato a pessoa e a intensão, continuei pensando: - se esse infeliz se imagina numa competição, deve estar louco. O cara devia pesar uns cento e quarenta e nove quilos, não falei cento e cinquenta por garantia da verdade... rrsr

Pois bem, Ele usava um boné azul marinho com a imagem de uma âncora na frente, eu imaginei: - deve ser algum marinheiro doidão de passagem por aqui e quer se mostrar, o por quê só Deus sabe, deixa pra lá; mas olhando por outro anglo tive a sensação de já tê-lo visto ou até de conhecê-lo. Mais duas voltas, lá vem ele outra vez, dessa vez caminhando normalmente, porém ofegante e já mostrando a língua de fora; eu tive que ri e ele viu, levantou a lapa do chapéu e me falou e aí Doutor, fazendo sua caminhadinha?! Eu pasmei: - Camarada, eu podia imaginar o Papa Francisco, Frei Inácio de Loyola... menos você – Ele caiu na gargalhada e argumentou: Eu gosto de me divertir, isso tudo é gaiatice minha, lá na empresa eu sou muito sério e preciso relaxar senão eu morro de tanto stress – e eu concordei: - Sim, lá você parece mais com um guarda roupa falante, assusta até o cão. Ele riu. O tal sujeito era o comprador chefe da empresa da qual fazíamos negócios.

Nesse instante chegou um amigo, entrou no papo e começou a falar do Renatão, esse era o nome do gaiato. Dizendo: - Isso é muito palhaço rapaz, quem não o conhece, pensa que é um cara sério, lá no trabalho dele, não, ali ele realmente impõe respeito, mas saiu de lá, até de mulher no carnaval ele se veste, e prosseguiu: - a Matilde que o diga - e os dois riram à vontade. Eu fiquei pensando: - Matilde, esse nome não me é estranho, já tinha ouvido falar por um amigo meu que viajava por ali que por tal mulher foi loucamente apaixonado, rapaz bom, bem parecido e com um futuro promissor, além de ter uma família rica. Então perguntei: - Por acaso essa mulher esposa do nosso amigo é uma que foi miss aqui do município?! Ele disse: - Sim, essa mesma, se encantou com as palhaçadas desse maluco e se casaram, mas ele trata como rainha, além de fazê-la rir toda hora. E eu me lembrei do motivo pelo qual ela não quis nada com o meu amigo, dizia que Ele era muito sério e não a fazia sorrir. Então, eu apertei a mão do Renatão e recomendei que Ele continuasse com a sua alegria, pois é a melhor maneira de se enxergar a vida. A Matilde só queria ser feliz.

Preciso repensar minha vida, ando muito sério. Você também?

Antônio Souza

Acredito que um dos mais nobres sentimentos que existe seja a gratidão. Está certo que faz parte da boa educação agradecer, sempre que se recebe qualquer atenção, delicadeza. Falar: por favor, quando se deseja ser atendido em algum pedido ou necessidade.

A Educação engloba muitos aspectos da existência. É extremamente abrangente.

A Psicologia Educacional tem muito a explicar sobre o assunto.

Aliás, o filósofo educador francês, Jean Jacques Rousseau chega a afirmar que a criança nasce boa (tem boa índole). Quem a deturpa é o meio-ambiente, a sociedade a que ela pertence. Nesse ponto, abro um parêntese para dizer que: a) concordo com a teoria de Rousseau; b) constato que o primeiro núcleo que a criança conhece é a família dela (quando a tem).

Resumindo: a convivência da criança inicia com seus familiares. Depois é que vai ampliando para a escola, os colegas, a vizinhança...

Esse é um farto material para troca de ideias, pois há os pais, famílias muito conservadoras e as bastante liberais.

São tempos de transição que vêm se estendendo por algumas décadas e é preciso paciência, conhecimento, amor, aptidão para modificar comportamentos já assumidos, assimilados.

Há muito ainda a estudar e realizar.

De qualquer modo, sempre GRATIDÃO.

Por tudo que já se viveu, realizou e que ainda irá acontecer.

A cada amanhecer e anoitecer, gratidão pela vida e por tudo que ela nos proporciona e propicia!

Assma Gabriela

CEULÂNDIA, PAÍS DOS ANJOS

Partindo da TERRALÂNDIA, país dos humanos, num dia eufórico de lágrimas, angústias, reflexões sobre a minha ida imatura, vi-me por debaixo de uma tenda após morgue, esperando o dia para levarem-me ao aeroporto onde pegaria o voo que terá como destino CEULÂNDIA.

Humanos ao meu redor perguntavam-se porquê da minha ida imatura, mas quando lá estive negaram-me um prato de comida, não financiaram a minha medicação e nem recebi visitas dos tais ditos irmãos. Os tais da igreja só se moveram para cantar e orar por mim durante a madrugada do meu enterro.

A minha mulher, um mês depois, já estava em outra companhia, meus filhos tiveram apenas a minha pobreza como herança. Tempos passaram ouvi uma ex-namorada, que por sinal nunca me queria, a dizer: tenho saudades do cabeçudo que mostrou real sentimentos e escrevia sempre alguma coisa para mim.

Na realidade eu quis ouvir isso antes, não queria tanto, mas precisava sentir que para alguém sou importante. A pessoa que eu tinha sua dívida foi fazer cobranças dos valores aos meus pais, na data do meu aniversário não vi nenhuma foto minha em vários perfis, mas depois da minha partida quase virei manchete e que deu vontade de voltar para aí.

Quase que perdi o ano escolar por falta de valores para liquidar aquilo que chamam de propinas, mas no meu óbito, a contribuição familiar chegou acima de um valor que pagaria a minha formação toda. Mas o quê isso?! Também não sei!

Vi minha mãe com chuva de lágrimas todos os dias por causa da minha partida imatura, meu pai fez da bebida a sua companheira, meus irmãos sentem saudades de mim sempre que vejam o meu quarto, o meu rapper favorito a passar pela TV, os ralhetes e tudo aquilo que nos unia.

Olhando tudo isso deu lágrimas nos olhos, então, pedi ao piloto para que decola-se o voo. Naquele momento, várias pás de areia foram postas sobre uma caixa que, pela ganância do homem, será tirado horas depois e revendido.



* Francisco Rodrigues António, pseudônimo de Francisco Rodrigues Tumbu, filho de Rodrigues António e de Madalena Júlia Capitango. Nasceu no município de Cacuaco, província de Luanda. Estudante de Licenciatura em Ensino da Língua Portuguesa na Escola Superior Pedagógica do Bengo. Frequentou, durante o Ensino Secundário, Instituto Médio de Gestão do Kikolo. Professor de profissão no Ensino Secundário, apresenta experiência como alfabetizador e de formador de formação técnico-profissional. Amante de leitura e dedicado na escrita, tem recitado os seus textos em convívios familiares e amigáveis.

A poesia começa

Gabriel Amorim-Braga

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

(gabriel.amorim7575@gmail.com)

A poesia começa. Na ambiguidade sinuosa humana, por exemplo, nos furúnculos da bipolaridade, depois do gozo no cinema; começa em emoções tuberculosas, diferente da dos enlatados americanos onde jamais começou a pulsar; de repente, ao meio dia que palpita a rotina visceral, no jeitinho do bonde cheio de pernas, depois de um crackar democrático, que foi golpeado; e começa a poesia naqueles joelhos caducos de precaução, como sonâmbulos sóbrios, que se movimentam rumo ao labirinto da juventude, como se aguardassem o bamba do samba; na vanguarda orquestrada pelo caminhar das mulatas; e começa a poesia nas vaias diante dos relinchos políticos, entre os miados e os ululados monótonos; e cá e lá, léguas da felicidade; às vezes começa a poesia no retrato abstrato da vida dadaísta, fruto dos talhados a golpes de machado; mecanicamente, no inferno, como se fosse tagarelice; no guardanapo do bar a poesia pode começar; na semântica ridícula do escapulário do ateu; no meio, no termo, no datilógrafo e na grilagem engavetada; quando questiona-se a pronúncia e o espírito de Portugal, onde putos pode ser outra coisa, a poesia pode começar; na vivacidade moribunda; no luto à beira da estrada, depois da chuva melancólica de novembro; no velho, tantas vezes sepultado, às vezes asilado por décadas, mas, mesmo em decadência, construindo períodos de concretismo niilista entre o breve e o infeliz dos encontros dominicais; em estações subterrâneas, cinzas, entorpecidas pelo medo, onde há mais aperto cotidiano que alteridade; e a poesia começa nas supimpas expressões que vencem outonos, vagando eroticamente ao som de djavaneios; em calendários maias; nas trilhas da inflação cíclica, a pé, de ônibus, de táxi, meia volta, volver; em manifestos malfeitos a poesia revoluciona e começa; na morte a poesia começa; nas desilusões a poesia raia; em São Paulo a poesia cruza a Ipiranga e a avenida São João; no sertão, vira mar; em Salvador, Carnaval; em Brasília, Aborto; um julgamento infeliz, a poesia começa; um julgamento preciso, a poesia começa; na festa estranha dos orgasmos múltiplos; às vezes começa no mesmo compasso em que termina, com o mesmo par, diante dos mesmos céticos; e muitas vezes começa em tabaco e fumaça, dissipada entre pensamentos sórdidos; e começa no trânsito latino-americano; na releitura de Clarice; e começa entre muitos Severinos, iguais em desgraça; e começa depois que a chama da transa serviu de agasalho; nos olhos que se abrem, nos olhos que se fecham; às vezes não começa e é simplesmente esquecido como um abraço

do pai; às vezes a poesia começa de uma paixão que nunca deveria ter existido; mas pode começar com beijos ligeiros e doces; um abraço, amigo ou inimigo, e começa a poesia; no preço feijão; o cravo; no meio; no caminho; na pedra; na agressividade de Áries, no transtorno de Virgem, nos amores de Libra; no humor de Sagitário; em todos os planetas a poesia começa; em qualquer ascendência a poesia começa; sem nenhum motivo a poesia começa; para se dissolver no luar sob dois perdidos em uma noite suja e a qualquer minutos a poesia começa.

As celebrações do Natal e Ano Novo: Merecemos celebrar

Graça Venâncio

“Que a estrada se abra a sua frente. Que o vento sopra morno leve em suas costas. Que o sol brilhe morno e suave em sua face. Que a chuva caia de mansinho em seus campos. E até que nos encontremos de novo. Que Deus lhe guarde nas palmas das minhas mãos”. Prece irlandesa.

Escolhi a prece para iniciar memórias sobre as festas do final de ano e início do outro.

No ano de 1605, depois de um inverno rigoroso, enquanto alguns alemães colhiam os louros da invenção de Gutemberg (a imprensa) outros alemães não integravam a turma das grandes ideias, mas, eram simples habitantes do vilarejo de Estrasburgo, faziam seus pinheirinhos com rosas coloridas, frutas e histórias pintadas. Ficava difícil preparar a casa para celebrar o nascimento de Jesus Cristo sem falar das árvores cobertas de enfeites, feitos por eles mesmo. Vou falar nos presépios, mas primeiro das árvores. Hoje em dia os materiais são até grosseiros, nem sempre resistentes, nunca se pensa que eram feitos artesanalmente, portanto guardavam muito valor afetivo. As mãos são abençoadas até para abençoarmos uns aos outros.

O Natal na casa de meus pais nunca esqueci. Na ceia a gente falava a palavra jantar não resta dúvida que até que havia o milagre dos pães e do vinho. A comida dava sempre para os da família, os amigos e os amigos dos amigos. A tradição era servir o salpicão, receita da amiga Verinha Lucena, amiga de toda uma vida. A árvore de quando eu era criança com meus irmãos era um galho coberto de algodões imitando neves que um dia a filha iria conhecer. Quem armava era Zeza agregada a nossa família. No Natal da casa de meus pais vinham até meus parentes de Recife. O Rui demorava as vezes a chegar porque trabalhando em empresa de ônibus a Viação Nordeste, o movimento era volumoso, todos queriam viajar para seus lugares de origem. Mamãe priorizava servir o jantar dele, pois já vinha com muita fome. Mamãe somente servia o jantar quando Junior meu irmão chegava. Era o queridinho dela. Não me lembro se trocávamos presentes.

Na rua que morava lembro de uma árvore imensa da casa das minhas amigas as Vasconcelos. Igual aquela somente a da casa de Rita Amorim prima da minha mãe por parte das avós irmãs da mesma árvore genealógica, filhas do meu bisavô Eduardo Marques de Azevedo, coronel das antigas e latifundiário. Já meu avô pais de mamãe era agricultor, descendia de italianos da Toscana. Conhecida como a família do Mata e Queima. Isto porque um galã conquistador barato chegou lá e queria tomar terras dos outros, que ele mesmo não tinha porque conquistar, não eram dele. Não se dúvida da minha palavra por parte dos mata e queima e do respeito pela propriedade privada.

Nasci desprovida do pecado da inveja e continuei seguindo a minha jornada. Encontrei um pensamento muito pertinente: _“Eu sou um peregrino no caminho do serviço. Eu não caminho só. Sei que sou um com todos os que também servem”. Pinte uma aquarela com o tema dos barcos artesanais e separei para a amiga Marília Bodstein, mato-grossense que mora no Rio de Janeiro. Pinto aquarelas, mas já pinte a óleo, mas já evito porque a tinta faz mal a minha saúde, mas desenho desde criança e sei fazer até caricaturas.

Sobre a mesa farta gosto da música “Mainha me falou” da Maria Rita, filha da inesquecível

Elis Regina. Assim continuo com a tradição de celebrar o Natal. Depois que meus pais faleceram apenas Henrique e a atual mulher vem. Faço um prato e sirvo um vinho italiano. Sirvo uma sobremesa, as vezes Joelma traz. Durante o vinho. Fico muito feliz, porque meu irmão conseguiu superar seus problemas com maestria

Da árvore guardo os enfeites de um ano para outro. O ano passado não deu para armar a árvore que comprei no Sacolão da Cidade Alta. Estávamos com uma reforma em casa. Mas, este ano de 2022 quero completar. Já vi as bolas na Riachuelo.

Agora vou falar em presépios. Tenho um aqui comprado na Paulus e atrás a foto de Kamila na formatura em administração. Só tem poucas peças. Mas, lembro que meu irmão Junior fez um presépio com figuras que todos os anos aumentava uma peça porque mamãe ia na Quatro e Quatro Centro com a incumbência de comprar mais uma peça.

No Brasil há presépios históricos. Haviam peças trocadas no Vale da Paraíba quando Jesus nasceria em setembro. Com figuras de barro cozido. O povo devoto do Brasil Colônia produzia peças toscas copiadas dos modelos eruditos, depois adaptadas ao misticismo.

Em todo o Brasil a arte dos figureiros, imaginários e santeiros conta história simples de gentes e devoções, muitas vezes retratando a história complexa da colonização e da povoação desigual do Brasil.

O presépio que conhecemos hoje é uma criação de São Francisco de Assis. Antes de morrer representou a Natividade com pastores, animais domésticas e uma criança recém-nascida na cidade de Graccio na Itália. O ano de 1923 e a tradição se espalhou pelo mundo católico

Um dos mais antigos que se tem notícia foi montado no Brasil em Olinda (PE) no início do século XVII., pelo padre franciscano Gaspar de Santos Agostinho com peças portuguesas.

Alguns relatos da Bíblia tratam de aspectos diferentes dos presépios . Luccas fala nos pastores de Belém, já Mateus da estrela de Belém e o “recém- nascido rei dos judeus”.

No nosso País as vezes deslocam as peças favoritas das crianças até 6 de janeiro dia dos Reis Magos quando ele pode ser desmontado. A festa dos Reis Magos é muito celebrada em Natal, capital do Rio Grande do Norte onde nasci. Me lembra o vizinho Seu Luís Bezerra, comerciante da rua Frei Miguelinho na Ribeira . Eram muito dias de festas para ele que ia ao bairro dos Santos Reis próximo a praia e a Petrópolis.

Darcy Ribeiro que foi menino em Minas Gerais e lá fez caminhar muitos magos, lembra que a garotada ficava de olho nos reis e colocavam os sapatinhos debaixo dos presépios domésticos a espera dos presentes. Aqui no Nordeste a gente acreditava em Papai Noel e colocávamos os sapatinhos para esperar o presente. Eu criança sempre tinha uma decepção porque a bicicleta nunca vinha. Recebi uma vez um anel de rubi e meu irmão Junior uma metralhadora de brinquedo.

Henrique meu irmão em tempos melhores em termos financeiros para quem tinha um pai servidor público (apelidado por imbecis de barnabé) ganhou um trator de seu padrinho Macilon Monte e Rita de Cássia sua filha também. Poderiam ser grandes engenheiros. Rita é dentista e Henrique um menino inteligente que já casou 3 vezes e gosta de ir escapando das dificuldades da vida. Também desenhava bem criança. Lembro de papai andando pela Av. Deodoro, carregando o material para ele fazer seus trabalhos manuais no Colégio Marista. Enfrenta a vida como eu. Um dia de cada vez sem pressa. Carpie Diem.

Na verdade, os presépios contam o lugar de onde foram produzidos. Em Tracunhaém (PE)

sobressaem-se presépios de barro do artesão pernambucano Nildo. Há alguns maravilhosos feitos na cerâmica de mineira Noêmia Batista, artesã de Caraí (MG). Maria traz no cinto a imagem do filho adulto, morto na cruz.

Todos os anos há mais de 10 anos tenho um propósito de entregar sapatinhos de tricô na maternidade Januário Cicco onde nasci. Luzia minha prima me ensinou a tricotar quando eu era muito pequena. Vou entregando outros sapatos a amigas e conhecidas grávidas que cruzam a minha andança. Entrego também no dia das mães. O tricô me faz desestressar e remete a muitas histórias que vivi e pessoas que conheço, alguns populares, pois agora sou escritora e integro até uma associação a ALAMP. Para escrever a terapia da música sempre. Sou filha de músico

Matérias consultadas:

Coisas de dezembro. Revista Arte e decoração, dezembro de 1997, p. 34- 35.

Presépios do Brasil: uma arte que une o velho e o novo. Revista Arte e Decoração, dezembro de 1997, p. 49-59.

Maria das Graças de Menezes Venâncio

Crônicas e poesias publicadas nos livros: “Tanto Canto em versos, artes e prosas”, “A mulher em estações” e “Bendita a mulher e sua literatura – Coletânea”, publicações da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares – ALAMP. Outras crônicas publicadas na imprensa de Natal Rio Grande do Norte onde nasceu e mora. Pintora de aquarelas e artesã de colares e peças de tricô.

O ROSTO DO TEMPO

Eu hoje vi o tempo. Ele estava na superfície das coisas findas: as demoradas, as tardias, as breves e as apressadas, as longas, as precoces, as morosas, as decorrentes e as ligeiras.

Vi o tempo escapado dos relógios e dos anuários, que corre afastado dos horóscopos e dos jornais, dos números e dos ponteiros, o tempo oculto dos calendários, translúcido e diáfano como são os átomos e os segundos.

Vi o tempo na porta descascada do quarto, na mancha de mofo na parede que ali ontem não estava, na rua esburacada de chuvas e tráfegos, no choro da filha recém-nascida do vizinho, e no rastro de pó de madeira deixado pelos cupins. E ele estava tão guardado nas caixas onde conservo retratos e que ali me disfarço de furtivas imortalidades ainda não roídas pelas traças do tempo.

Vi o tempo no homem comendo melancia enquanto dobrava a esquina, e também na mosca que mora na cozinha e estava crescendo. Vi o tempo sendo carregado nas folhas que as formigas levam aos formigueiros, nas nuvens se decompondo ao vento, no murchar gradual dos crisântemos, no marrom das bananas na fruteira, nos besouros-de-maio que os peixes se alimentam.

Vi o tempo no espelho do banheiro. Ele estava ressecado, flácido e enrugado, e eu estava nele aos poucos desaparecendo como o escuro dos poucos cabelos que ainda me restaram e que agora estão ralos, encanecidos e reduzidos de melanina. E assim como Cecília Meireles, este rosto não era ontem assim tão árido, fatigado, nem meus olhos estavam engordurados de dias e as pálpebras arriadas como se estivessem amargas, tristes e vazias. Também não me dei por esta transição e provisória mudança.

Vi o tempo na latência do mundo, espremido no exíguo espaço entre o antes e o depois. Ele tem o cheiro amendoado dos livros velhos e o sabor azedo do leite esquecido na geladeira. Eu o vejo no silêncio mastigante das traças e no toque endurecido e enferrujado das tesouras. O tempo é líquido, constante e fluido - se fosse feito de água seria um rio a desaguar em um oceano vazado, abissal e seco.

Vi o tempo se prolongando na memória, multiplicando-se de passados colados nas amuradas mais remotas das minhas entranhas. Um tempo inchado, abundante e dilatado como uma bolha a se agigantar até o espinho do meu último momento. Este é o tempo que vive a se infiltrar em meus repentinos presentes.

Eu hoje vi o tempo. Ele bateu no vidro da janela me acordando

Joaquim Cesário de Mello
RECIFE (PE)

Alegria, simples assim

Na alegria singela das pequenas conquistas, como ser melhor do que ontem.

Na simplicidade de ouvir os sons que te rodeiam, como a sua música favorita, os pássaros cantarolando em seu redor, “o caos do trânsito”, o burburinho do falatório das pessoas perto de ti ou simplesmente o som da voz de quem se quer bem.

Valorizar o pequeno não é esquecer o grande, pelo contrário é conseguir enfim compreender que respeitar o processo é valioso e o essencial é vibrar com tudo, com aquilo que conseguiu fazer de diferente.

O fato é que nem sempre conseguirá atender as expectativas, mas se conseguir chegar o mais próximo possível já é algo bom.

Alegrear-se por vezes pode ser considerado um processo diário e até mesmo um hábito a ser incorporado de forma súbita e constante, já que nem tudo será florido e nem confortável, sendo necessário desenvolver técnicas individuais para aliviar as tensões rotineiras.

Adquira o hábito de agradecer e de ser receptivo, a partir daí o fluxo de energia se torna positiva e o Universo começa a conspirar a seu favor.

Uma coisa importante de se lembrar: Não dê pérolas aos porcos, pois estes são incapazes de enxergar o valor do que lhe é ofertado.

Lembre-se: SORRIA! Sorria pra vida, que ela lhe retribuirá.

O tempo se encarrega de colocar cada coisa em seu devido lugar e o que não servir mais será retirado do caminho, para que algo novo seja colocado no lugar.

Karol Costa

Historia de otro camino... (Octubre 2001)

Hace muchos siglos que este viaje fue engendrado. Concebido por una desazón interior que mi memoria había procurado retener como uno más de esos filamentos venéreos que guardamos inanimados en la zona de la tripa del subconsciente. En aquel momento lo presentía demasiado fantasioso, pero, sabes?... no duelen los imposibles cuando los llevas a término y las ciudades con sus muros infranqueables, sus asustadas paredes olvidadas de metralla, los niños derritiéndose sobre el ardiente asfalto de calles barnizadas de alquitrán y jardines inyectados de hipodérmicos venenos... aún soplan cuatro gotas de viento del aguacero de anoche... Te digo que es delirante comprobar que la nada te afecta. Para qué esperar más medias horas, sin llaves, en el descansillo del portal ausente, mientras otra lágrima entrelazada salpica los adentros, cristalizándose misteriosamente... aislamiento. He conocido supuestamente la amalgama del precio por morar en la tierra de un «creador vengativo y sin escrúpulos»... indefinido entre paréntesis. ¿Vegetar y morir?, ¡no!, no, amigo acomodado y conformista, prefiero como decía Zapata (y se atribuye al «Che») morir de pie que vivir arrodillado. No hay nada más contundente que el filo de una navaja amolada en arenisca pupila, para autoconvencerte.

Estoy aquí, año 2001, recuperando la noción del tiempo... o alejándome. De nuevo en la carretera ¿te extraña, verdad?, claro, ni yo mismo puedo creerme con tantos miedos instituidos por nuestra hipócrita, patética y decadente sociedad. En pleno auge de progreso evolutivo y avance tecnológico -nada más incierto en cuanto a valores humanos-, voy recorriendo campos y poblados en vagones desiertos de ansiedad, otra vez la imperiosa necesidad de conocer gentes... una débil lucidez... ilusión, va recobrando entonación. Vivir el camino, dormir en el arroyo y despertar en coagulados amaneceres rociados de laureadas auroras y marcados horizontes lineales... esperanza.

En bus o a dedo, da igual, las prisas se han detenido. Te escribo desde un anguloso paraje con el sol a punto de largarse por las montañas, dejando luminosidades colgando de los árboles. Sentado en cristal de roca, bajo una cornisa de nidos, abandonada con la inmensidad por delante... a los cuatro vientos... releo una página de Cumbres borrascosas mientras Melville es tragado por una ballena blanca.

Recuerdo amigo mío, aquella distancia que transitamos hace ya más de veinte edades... ¡fiiiuuu!, se dice pronto, eh?, probablemente acariciados por los sueños de fragancias exóticas de sándalos, inciensos y aromas descuartizados de Oriente... aflora la nostalgia... añejas vías muertas de mañanas tempranas. Contemplaciones junto a fuegos... persiguiendo constelaciones, deseosos de evadir los egos siniestros, refrescando cansancios de días de cortas palabras... demasiadas guerras y ninguna paz. Rememoro las estaciones donde dormíamos y ¡cómo no!, la literatura tan absorbente, libros que ilustraron nuestra andadura. Citaría tantos títulos como piedras tirábamos a las botellas, ejercitando el hastío del calor de los tramos desérticos. Sí, dejamos atrás los convencionalismos y el ritual socioacadémico, huyendo de un obligado bautizo en el submundo. Hoy camino desnudo, el alma sensibilizada

con mi pensamiento. Tengo un compañero que duerme en la sombra de mi pierna, es un perro callejero, sin raza, igual que yo ahora... sonrío con sarcasmo. He dado pasos de gigante sin dulcineas, después de tomar un combinado de psicóticos y pensar que cualquier idiota podría representar el papel de secundario en este anuncio de cereales que presiento forma la existencia. Me masturbé imaginando el crack bursátil y sus cotizaciones y eyaculé los futuros en las bocas andróginas, áridas de conocimiento, ordenadores por cabeza... engañados por los de siempre. Entendí que para un agnóstico hay creencias tan absurdas como enigmáticas. Marché harto de químicas y cómputos de cifras ilimitadas. ¡La naturaleza sigue aquí!, soy un tronco, una rama, una hierba... integración camaleónica. Sin puntos y aparte, si me fuera posible describir, pintarrajar con sensaciones la arácnida piel tejida de firmamentos licuados de este paisaje carmesí y los coléricos contrastes de las elevadas cimas que atrapan este pueblecito donde me encuentro, no hay más de quince almas, etéreas hospitalidades que me dan comida y techo en el derruido pajar de abundante trigo, entre los residuos de verdades increíbles.

Intentando dar un significado a la espiral del op art (arte óptico y abstractista), me pregunto si ha nacido el arte, tal vez Marcel Duchamp o Rose Sélavy (su alter ego femenino, traducido, la vida es Eros) tras pincelar todos los movimientos de la época y crear el arte «ya hecho» o «disponible» (Ready-mades) y definiéndose como «pobre artista», se decidiera por el ajedrez porque obtuvo respuesta o por su condición de inquieto innovador individualista... no más pues, así se queda.

Cada mañana del mismo ayer, salgo con la noche entre las manos al encuentro de reflejos ahogados en mi río solitario... en lo más tremendista de la meditación... opaca intensidad del ser desgranado.

Tropiezo en la ruta con las fotografías del holandés Ed Van Der Elsen, con sus rostros masacrados, acordeonistas ciegos, charlo con los vagabundos que duermen tendidos en los suelos junto a la «seine grise» y me he introducido en los ambientes jazzísticos de la generación apaleada que no llegué a vivir. Ed fue divulgador de un tiempo en blanco y negro exteriorizando el interior de la humanidad que se vislumbra en movimiento, fuerza y obsesión por conseguirlo. Desgarrada y arrebatadoramente lo logra con la fascinación por la vida y sus moradores... cosmología gozosa, camino astral...

He conocido a un joven sacerdote que colgó los hábitos... «la verdad es, lo que es» -San Agustín-. El camino es una sabia escuela y el banquero que vive en una casa rodante me cuenta la misantropía de Luis II de Babiera, llamado el rey loco por ser asocial y ahogar entre sus extravagancias a su psiquiatra... quién somos para juzgar, quizá le estuviera haciendo chantaje emocional o le pidiera un favor, por aquella época no sé como tenían lo de la eutanasia... en fin, no quiero disgustar a los que creen que sufrir es un bien divino... escepticismo, no?

El otro día compartí alimento con niños jornaleros y madres prostitutas adolescentes, reinas africanas, muñecas clonadas con la mirada perdida y respuestas automáticas. No pude dejar de acordarme de las trescientas instantáneas de los éxodos de Salgado, con el magistral

propósito de concienciar a los más favorecidos y afortunados en el semillero del azar con un producto que da fe, desnudando el aura de la supervivencia, denunciando un mundo mal construido, encarnizado y corrupto, enmarcándonos con los horrores de otras vidas que deben huir para sobrevivir. Son los sin tierra, los emigrantes ilegales, los desplazados. Salgado se pone en peligro para enseñarnos los campos de refugiados, los niños tristes que han perdido el núcleo de la familia. Agonías y dramas de las razas del Tercer Mundo... ver para creer.

Esopo, un tratante de arte, me habló del dadaísmo y el surrealismo de Max Ernst, de las confesiones de un rebelde de Sergej Aleksandrovic Esenin, me enseñó láminas de la etapa más espiritual de Kandinsky y de los exponentes del pop art (arte popular), Warhol y Lichtenstein.

Buhoviejo se hallaba sentado en su silla de cáñamo encontrada en el contenedor de la vida. Había saltado de muchos trenes en marcha, conducía un carro con cartones, mantas agujereadas y sueños desvanecidos bajo un cielo prieto de circunstancias adversas. Apretujando su cabellera gris, una gorra calada, de cazador ecologista sobre la cara surcada de grietas como barro en el lago seco. Curtido por el aire, el sol, el frío... y el rencor. Me ofreció cinco días de senderismo y un par de botas untadas de lodo del sur. Contaba que huía de las crueles ciudades con brutales terrados infestados de parabólicas y antenas-cruces gamadas que interferían en las ignorancias receptoras de ondas expansivas, atrayendo información negativa de poderosas sectas destructivas hacia una posible diversidad mundializada y enriquecedora cultura mestizada... intercambio de energías. Dardo certero.

Andrómeda, era una gitana de Baracaldo poseedora de una potente voz rota. Viajaba uniéndose a bandas y orquestas haciendo bolos, imitaba asombrosamente bien a Aretha Franklin y Janis Joplin entre otras, pero nunca duró mucho tiempo en un grupo, quería volar como un espíritu libre y así andaba haciendo «botellas». Amigo, te diré que respiro mejor, fuera las obsesiones, que si la bolsa baja, la empresa quiebra... trabajo precario. La gente en la carretera es nómada, si no se llega a conocer demasiado, siempre queda el lado auténtico del principio. El buscatesoros me dice: tienes que ahorrar para el futuro. Yo le respondo: toma... quédate tú el dinero y el futuro y dame a mí la libertad... sólo eso. Me levanté con la picadura del insecto. Mi pequeño compañero de cuatro patas me mira, creo que llora bajo la oscura brillantez del reflejo lunar. Gira la tierra y es difícil no caer en los abismos más primitivos. Sobre un fondo fauvista, Zappa y Stravinski dirigen una orquesta de erupciones volcánicas para desahogo de un agreste y salvaje valle de pasiones. Hablo con mi fiel compañero sin haberle puesto nombre, él no está marcado por los designios de otras mentes que gobiernan las nuestras... somos soldados de alguna mente extraña... o conocida por todos los temores de la sumisión. Huelo la fresca lluvia, la tierra mojada, los truenos, los relámpagos, aquel nubarrón que apunta con su cañón y dispara a bocajarro... esto es dios, joder sí.

Con mi sombrero de paja, mi bastón de avellano y mis sandalias remendadas de esparto y cáñamo, hallaré un pequeño indicio de razón, será suficiente para creer en la lógica de la locura, ¿con cuántas piedras se construyó este mundo? Espero no llegar pronto y aprender de

los grifos, cíclopes o centauros... sigue, sigue amasando el pan y ofréceme de comer buen samaritano, pues he estado catorce horas recogiendo tu fruta... la historia de la existencia está emparentada a los grilletos enlazados de la esclavitud.

Las generaciones son como los autobuses que pasan, en cada parada baja una década insatisfecha. Bueno, voy escribiendo mi novela con las mismas palabras inventadas ya... no sé, quizá la destruya antes de que la leas para no inmiscuirme en tus telares cerebrales y perderte como amigo. Esto queda así. Da recuerdos y envíame señales de que siguen llegando olas a la playa, que esta perra vida sólo me ha enseñado a ladrar... y a esconder el rabo...

© Kim Bertran Canut

Kim Bertran Canut (Barcelona)

Socio de ASEJE (Asociación de jóvenes escritores de habla hispana) en cuya revista "Caminos", publica "El chico del piso de arriba".

Participa en los recitales del centro altruista de Adriana Ferrán "Al embrujo de Cal.liope" en la Cova del Drac y en el Piano Bar.

En 1996 funda con otros amigos: La Asociación de difusión Cultural, "Catarsis", revista literaria Iberoamericana (e Internacional)...ésta ve el fin de sus días en el 2003.

En 1993 publica la novela corta "Imaginación Atrapada", escrita en 1989.

Sale la 2ª Novela "El reflejo de los sueños en lunas rotas (Perdido en la eterna oportunidad)". (2002)

Inscrito en la RED MUNDIAL DE ESCRITORES EN ESPAÑOL: REMES



Ilustração 1



Ilustração 2

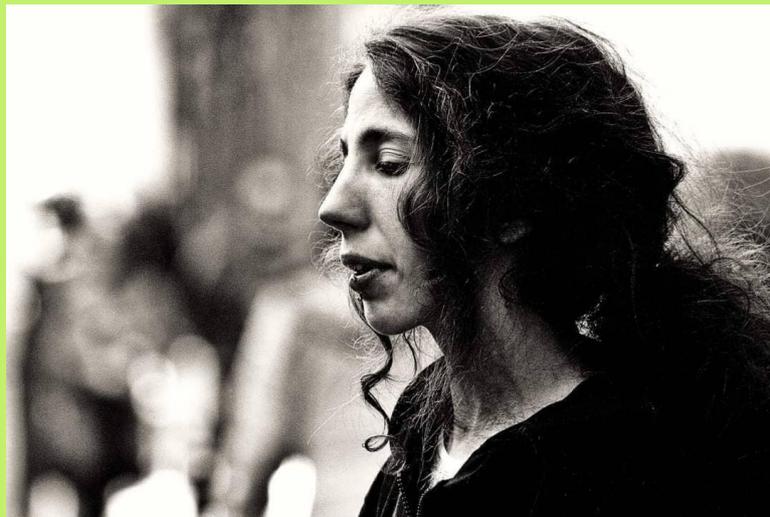


Ilustração 3



Ilustração 4



O Gosto da Terra

Em muitos momentos da vida sou sensibilidades. Especialmente se envolvem o viver...

O bem viver.

Absorver encantos incomuns na natureza é absurdamente mais prazeroso para quem habita grandes cidades, e assim o foi comigo ao ver pela primeira vez um campo de algodão. Assim o foi ao ver, também pela primeira vez, uma plantação de aipim. No último exemplo, uma experiência ampliada, porque também tive a chance de colhê-lo... e prepará-lo. E saboreá-lo às lágrimas (sem qualquer exagero), agradecendo ao Criador pela sua extrema generosidade conosco.

A terra pura, sem interferência humana, acrescentou uma cor e sabor especialíssimos à raiz e o resultado posso comparar a um refinado tempero de qualquer grande Chef. Mas era apenas a terra. Abençoada terra!

Minhas lágrimas foram de emoção da constatação de como esquecemos da simplicidade, do que pode nos bastar. Do quanto complicamos e buscamos para além do que necessitamos. Um terreno aos fundos de uma casa oferecia tudo o que a Natureza pode propiciar para existirmos, mas acabamos por esquecer como tudo pode ser mais... simples.

Apenas simples.

A terra é mãe e, quando bem tratada, oferece o seu melhor sem nada cobrar, a não ser o mínimo cuidado para que possa cumprir seu ciclo e nos ofertar vida em retorno!

[Às vezes

sou exclusivamente

sensibilidades... E me debulho...

Imagem: Arquivo Pessoal

Marise Castro

02/12/2020



Ensaaios

O bom combate continua

Estamos vivendo dias conturbados ultimamente, e muitas vezes me pergunto onde está o nosso discernimento, nossa evolução e principalmente o ensinamento que nos foi legado pelo homem mais importante e sábio que viveu entre nós por 33 anos. Vejo cotidianamente pessoas espalhando mentiras, amaldiçoando e ignorando o próximo como se o ser humano fosse um objeto descartável.

Nesses mais de meio século vividos por mim pude aprender que todo aquele que espalha o mal acaba tornando-se vítima do próprio mal semeado, como escreveu o rei Salomão no livro dos Provérbios: “Aquele que semeia a maldade colhe a desgraça e será castigado pelo próprio ódio”.

O mal destrói a si mesmo! Nem todos se dão conta disso, mas essa é uma frase que pode nos ajudar a observar melhor o nosso próprio comportamento.

Por compreender esse ensinamento sempre insisto em dizer que todos os nossos esforços para combater o mal sempre serão insuficientes. Há sempre um inimigo a combater, uma mentira a desmascarar, uma escuridão a ser iluminada. A mentira e a maldade encontram colaboradores; voluntários e involuntários e se reproduzem com uma velocidade voraz.

Veja uma questão para refletir: se a maioria das pessoas são essencialmente boas (e acredito nisso), por que a maldade e a mentira se propagam mais rápido que o bem e a verdade? É um assunto complexo que desperta curiosidade e que pretendo dissertar em um outro momento, porque agora quero expor para vocês dois fatos.

O primeiro é que estamos vendo se manifestar em nosso tempo um fenômeno de compartilhamento do mal. Nas redes sociais, boas notícias estimulam poucas curtidas, comentários ou compartilhamentos. Se, ao contrário, a notícia for falsa, polêmica ou relacionada à desmoralização de alguém, ela rapidamente viraliza e atinge um número incontável de pessoas. O mais lamentável disso é verificar que as notícias ruins são propagadas por pessoas que se dizem do bem que, sem meditar nos próprios atos, disseminam sem pudor essas mensagens e espalham sem preocupação da veracidade dos fatos tais informações na sociedade.

Há quem queira justificar-se dizendo que é movido pela repulsa e aperta na tela em “compartilhar”. Dizem que esperam com isso, tornar o problema amplamente divulgado para que alguém venha fazer alguma coisa.

A indignação é filha da justiça, pois ela não nos deixa ser omissos nem coniventes com as coisas erradas. No entanto, se a indignação não for direcionada para alguma ação consciente e ordenada ao bem, ela servirá apenas para estimular mais descrença e repúdio, instrumentos eficazes de revoltas e conflitos na história da humanidade.

O segundo refere-se ao fato de que, se alguém deseja acabar com a escuridão, pouco adianta maldizer ou odiar a escuridão. Para vencer o escuro, acenda uma luz! Para não perder a paz por consequência da mentira, fale e sempre viva na verdade. Vence o mal aquele que pratica o bem.

Talvez alguém ainda questione; se o mal devora a si mesmo, por que devo me preocupar com ele? Ele não destruirá a si mesmo? Sim, o mal destrói a si mesmo, mas enquanto o amor não

triunfar, o mal continuará voltando com outros nomes. O nazismo, por exemplo, destruiu a si mesmo, mas o mesmo mal percorre o planeta com outros significados, como extremismo, fascismo ou terrorismo, e neles é notória a intolerância, o preconceito e a discriminação com pessoas contrárias a ideias e conceitos que não sejam equivalentes. O mal que devora a si mesmo continuará voltando até que triunfe o amor. Só o amor pode construir uma sociedade verdadeiramente humana, e isso está diretamente relacionado com a verdade e a justiça.

Quero terminar falando a vocês que estão lendo, que a luta será sempre permanente, portanto, jamais desanimem, pois desde que o mundo surgiu essas batalhas estão presentes em nossa história e se não as tivéssemos combatido, com toda certeza a Terra já não existiria. Sejam fortes, combativos, verdadeiros e unidos para que o bem sempre prevaleça e possamos cada vez mais deixar aos nossos vindouros um mundo mais justo, digno, benevolente e gostoso de se habitar. Inté procês....

Antônio de Magalhães

SÓ TEM SANTO NA POLÍTICA E AS BEM-AVENTURANÇAS DO SERMÃO DA MONTANHA

“Só tem Santo na Política!” Tudo gente boa!!! O grande problema não é o fato de eles serem taxados de Santos... O problema maior são os Devotos... Muitos deles Devotos Fervorosos que acreditam em tudo que eles falam e até dizem amém para tudo que eles fazem... Fora os Devotos Coroinhas, que são aqueles que participam ativamente na distribuição de santinhos e rezam cegamente na cartilha bíblica deturpada que eles apresentam ao povo como verdades absolutas... Para estes, trago e saúdo-os com as Bem-Aventuranças do Sermão da Montanha...

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos políticos!
Bem-aventurados os mansos e os pacíficos, por acreditarem nas baboseiras deles!

Bem-aventurados os que discutem e até saem na porrada contra aqueles que ousam blasfemar ou falar mal do seu político de estimação!

Bem-aventurados os misericordiosos porque encontrarão acolhida e misericórdia junto a toda a militância que fazem parte do grande circo armado que eles escolheram para aplaudir!

Bem-aventurados os perseguidos pela justiça quando falarem mal da Constituição do país!

Bem-aventurados sereis vós, quando vos ultrajarem e vos perseguirem e vos disserem falsamente que todo o mal contra vós é pela boa causa de vosso político de estimação!

Alegrai-vos e exultai, porque grande será vossa recompensa quando as contas baterem na tua porta no final do mês e, não tiveres grana suficiente para pagar porque o político que escolheste para governar não conseguiu cumprir todas as promessas feitas em campanha.....

Tom Oliv



Poemas



Alegria Mauro T. Manuel =AM=, escritor e poeta de nacionalidade angolana, formado em engenharia de geologia, participou da antologia angolana N'zila – Caminho do sonho e nas antologias Brasileira Encantos Nordestinos, Taverna Poética, Cartografias do coração e antologia Pessoa, é representante da revista THE BARD em Angola e também coordenador do projecto chá da vida na sua cidade.

ENFIM!...

A penumbra veste-se de sol

Cintila alto

Esconde os seus medos

Suas tristezas

E também suas memórias

Bebe pequenas alegrias

Em taças quebradas

Dança em baladas

As músicas do adeus

Que vida irónica

Vestida de justiça

Com roupas íntimas de injustiça

Ironia

E sarcasmo

Enfim!.

14-10-2017

O espaço entre nós

Ana Luiza Santos Passos

Belo Horizonte (MG)

passos.analuzasantos@gmail.com

Estou estático.

Sinto o ar dançar

No espaço entre nós.

Sinto a brisa fria atravessar a janela

E se perder no calor desse quarto.

Sinto a porta vibrar nos isolando do resto do mundo.

Estamos um à frente do outro.

Nus, entregues, vulneráveis.

“Esse sou eu”, lhe ouço dizer.

E sei bem quem você é.

Sua pele é minha pele

Seus olhos são meus olhos

Lhe conheci antes mesmo

Que se tornasse você.

Seus átomos são meus átomos.

Somos iguais que não se repelem.

Talvez sejamos um único corpo.

Eu precisava de você

Antes mesmo de conhecer a *necessidade*.

Você me sorri com uma ternura

Que faz minha mente viajar

Nas minhas memórias de quando

Tudo o que eu precisava

Era você, ar e alimento.

Antes de conhecer a *repressão*.

Antes de conhecer o *pecado*.

Meus lábios lhe adoram

Como se você fosse uma divindade.

Sua língua é minha comunhão sagrada

Seu toque purifica meus pecados

Pois então me toque

Como se você fosse um faminto

E meu corpo, o seu alimento,

Pois cada célula em mim pecou por você.

Em seu nome, me sacrifico,

Me sujeito à agonia,

À dor fantasma do seu corpo

Quando ele não está colado ao meu

Nem mesmo minhas mãos funcionam

Quando não está por perto.

Dor remanesce no espaço entre nós.

Estamos escambiando suspiro por suspiro

Tão próximos agora que é difícil dizer

De quem é o batimento cardíaco.

Uma calma se instala

No minúsculo espaço entre nós.

Um limbo liminar entre noite e manhã.

CIFRAS DO AMOR

Angela Ferreira

Ao som de Joplin
divago em pensamentos:
Onde estaria? Como seria?
Indago ao tempo como se a resposta surgisse
tranquilizando o coração
A bruma leve, cantada por Alceu,
encobre as surpresas que serão visíveis
assim como sua aparição
não se furta a suceder
feito sortilégio do destino
espreitando o momento certo
tal qual profundidade
expressada com musicalidade
pelos olhos de Jobim e Miúcha

HÍFEN

Angela Ferreira

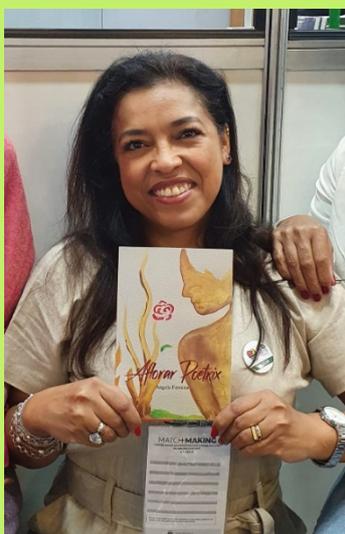
espaço preenchido
composta palavra
amor-perfeito

CIDADANIA PERIFÉRICA

Angela Ferreira

um sobre o outro
hierarquia também
resta-nos ter coragem

Escritora e poeta, autora do livro *Aflorar Poetrix* (Scortecci/2022) participou de diversas antologias e coletâneas, membro de cinco academias e da confraria literária Ciranda Poetrix, publicações em revistas, blogs, redes sociais, participou de contação de histórias infantis na Rádio Heliópolis e Zummm 87,5 FM pela APEOESP. Instagram: @angela.ferreira3



*O poema *Cifra*

s do Amor faz parte da *Antologia Poética Luz dos Olhos Teus – EHS Edições / 2021.*

DOIS AMORES

Na saudosa aurora de tempos idos,
O meu coração inocente,
distante das máculas, hoje presentes,
dividia-se angustiante
entre duas senhoritas.

Uma delas era Jéssica,
linda loura e um tanto sedutora.
A outra era Letícia,
morena cheia de encantos,
coberta da timidez
que o seu olhar refletia.

Numa tarde de domingo
quando então eu me afligia,
decidi que a bela Jéssica
era a mulher que eu queria.

Conforme passava o tempo,
fui, porém, me convencendo que,
quem de fato eu queria
era a tímida Letícia.

Desfiz então o romance
e procurei por Letícia:
tarde demais...
O seu coração já pulsava,
Agora, por outro rapaz.

**Fiquei então longo tempo,
perdido em melancolia:
Jéssica foi passa-tempo
e Letícia..., meu desencanto!**

Antenor Rosalino

FRUGALIDADE

Como flocos de neve que da natureza, em campos caem,
Como um sopro dourado, que umedece e refresca o ar,
Como cantata de Bach, sonificada por um colibri,
Como um sorriso-criança, que gira ciranda e de novo sorri,
Como uma pluma que dança-balança, flutua ao seu movimento do singelo-existir,
Como um nada, que nada de nada e a tudo desnata, nada se nega por si,
Creiamos à Deus (*in* natureza perfeita), em teses,
Sejamos... fiquemos... pensemos... vivamos...
... leves ...

(pra que pesos?)

Antonio Jadel

Antonio Jadel de Brito Mendes

OAB/SP 120.278 - CRA/SP 76.180

ajadel@uol.com.br / ajadel@aasp.org.br

cel.(11) 99520.1391 / **AJ - ADVOCACIA** - www.ajadel.com.br



Antônio Souza

Advogado, Professor, Escritor e Poeta - Natural de Lábrea, Estado do Amazonas.

Pós-graduado pela Escola Superior da Magistratura do Estado do Amazonas - ESMAM e pela Escola Superior de Advocacia do Amazonas - ESA/OAB-AM. É Professor do Instituto de Aperfeiçoamento e Ensino Superior do Amazonas - IANSA - e do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas - CETAM.

É membro titular da Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan-Amazônicos - ABEPPA, e da Associação dos Escritores do Amazonas – ASSEAM

A Carta que eu não li

(Poemeto)

A Carta que eu não li
Foi a mesma que a mim ditei
Numa tarde fria com saudades de ti
Falava de uma espera
D'uma angústia d'um desencanto
Que tivesses lido eu quisera
Mas a noite com alegria surgiu
Triste me viu meu pranto enxugou
O frio passou alguém me viu
Voltei a sorrir a tristeza acabou

Antônio Souza

A RIMA DÁ O TOM

versejo

inspiração existe

a rima dá o tom

alegre, ou triste

solfejo

canto de sabiá

ritmado na janela

coisa bela

de se admirar

desejo

amor não tarda

pra chegar

vem vindo

bem-vindo

nas asas da borboleta

a dançar

chuva fina

antevejo

poesia

na canção de verão

à beira mar...

basta imaginar

Beth Iacomini

Paragem Dormitório

Do autocarro é uma paragem
Do sem-abrigo um dormitório,
Esta a triste imagem
De quem por ali faz passagem
No seu percurso obrigatório!

Faz o poema a abordagem
A um cenário nada abonatório,
Do pobre a estalagem
Onde faz o sua hospedagem,
Eis o retrato confirmatório!

Do observador a amostragem
Não sendo um relatório,
Tão pouco uma miragem
É a tristeza de uma paisagem,
De uma paragem dormitório!

Casmil, 23.09.2022

ENLUARADA

Na noite enluarada,
ainda sou menina
que olha o céu encantada...

Mistura de sensações
que acaricia Minh' alma,
num vai e vem de emoções.

Deixo-me tocar pela leveza da brisa,
enquanto olho o luar, e, as estrelas que piscam
fingindo me namorar.

Assim, vou surfando nessa onda
de sonho e fantasia,
para um novo dia alcançar.

Cellyme

BARBANTE

(B)elos poemas,

(A)qui podemos ver.

(R)aridades e novidades sempre

(B)em-vindas para nos entreter.

(A)mor à leitura

(N)otabiliza o nosso viver.

(T)emos diante dos nossos olhos

(E)ssa revista que adoramos ler.

Abraços literários

Chico Legal

CHÁ DA TARDE

*Quando aceitou meu convite informal
Meu coração quase saltou do peito
Aprimorei o cardápio além do normal
Queria que tudo estivesse perfeito*

*Perfumei a casa com flores vermelhas
Quitutes deliciosos para você apreciar
Mesa posta e os poros soltando centelhas
A ansiedade estava suspendendo meu ar*

*Você chegou todo faceiro e galante
Roupas informais e sorriso encantador
Seu olhar pulsava em mim muito amor*

*Foi uma tarde agradável de doces olhares
Desejos primeiros borbulhavam dentro da gente
Inocências que mais pareciam preliminares*

Cristina Gaspar

Traga- me a sorte
Traga-me a sorte
Um norte
Que possa transpassar-me
Sangra- me a alma
Não o avistar
Não sentir
Não o ouvir
Minhas entranhas ardem
Ora em silêncio
Ora em gritaria
O gargalo profundo do mundo
Sucumbe- me
A escuridão arrasta-me
Para a indefinição
Vai minando a esperança
Nas quatro estações
Eu deixo-me avançar
Mas não avanço
Eu deixo-me ir
Mas fico
Eu deixo-me cantar
Mas não canto
Eu deixo-me ver o sol
Mas não o vejo
Eu deixo-me alcançar
Mas não alcanço
Eu deixo-me à vida
Mas morro

Eu deixo- me...

Mas fico sempre em mim

Imantado

Acoplado

Traga- me a sorte

Um norte

Para que possa transpassar-me

Rompendo-me de mim.

Eliander Antônio Costa



Elza Ghetti Zerbatto

Escritora, poetisa, formada professora de educação infantil. Terapeuta Reiki Master 3B Método Usui.

Participa de várias antologias nacionais e internacionais. Acadêmica Correspondente das seguintes Academias:

Niteroiense de Letras, Goiás Velho e Fortaleza. Ganhadora de diversos prêmios nacionais e um internacional.

Participa da Revista Barbante desde 2021 com seus textos autorais, e da Revista Danda desde julho de 2022.

A vida da gente é como uma escada.

Pode ser alta, curva, baixa, encaracolada, com madeira, cimento, terra, cerâmica, vidro, ou até ter formas diferentes, mas mesmo com essas diferenças o que importa mesmo é sempre subi-la, ou descê-la com cuidado, para não cair e nem se machucar.

Você pode estar acompanhado ou sozinho nesse processo, porém sempre haverá um certo momento que precisará subir até o topo, ou descer até o último degrau.

Essa é a real função da escada, metaforicamente levar de um lugar mais baixo, para o mais alto, ou o contrário.

Dependerá de onde você precisar ir e se sentir-se sozinho ao subi-la e

descê-la, não esqueça, o importante é não parar de buscar o que acredita e sonha, mesmo que tenha que por um tempo estar apenas consigo próprio.

Degraus são parte do processo de aprendizado, e enquanto for necessário usá-los faça-o, embora seus pés estejam cansados e doloridos.

Apenas tenha calma, pois após um tempo não será mais preciso utilizar degraus pois você aprendeu a se soltar e voar!

Elza Ghetti Zerbato

INFÂNCIA PERDIDA

Prosa Poética:

Beleza angelical, pobreza material, lado a lado
Transcendendo tristeza - no olhar inocente.
Olhar sem horizonte, cansaço aparente...
Que dura realidade te move!
Tão frágil, cansado da lida
Consegues sonhar!?

Quais são os teus sonhos, oh, anjo querido!?
Sonhar é preciso...é preciso sonhar
Ainda que no sono do esquecimento
sejam os sonhos perdidos!!

Há rugas precoces na tua face de anjo
Tamanha desventura!
O tempo se faz tempestade
Levando tua infância, deixando agruras...
Teu corpo curvado!

Ó peso da lida... da vida...
Cabelo desgrenhado
Alma e vestes em farrapos
Fiel retrato das desigualdades!

Quais são os teus sonhos, oh, anjo querido!?
Sonhar é preciso...é preciso sonhar
Ainda que no sono do esquecimento
Sejam os teus sonhos perdidos!!

Erivaslucena



Maria de Fátima do Nascimento Leite é Pedagoga e Psicopedagoga pela UVA (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) e Formada em Mídias pela UFRN (Universidade Federal do Rio grande do Norte). Trabalha como pedagoga na Escola Municipal Henrique Castriciano , atualmente como mediadora de leitura na biblioteca . É coautora do livro Bendita a Mulher e a Sua Literatura, do livro Flor de Sal, Perfis Biográficos, e do Fanzine Asas de Mãe .Possui vários poemas publicados pela Revista Barbante. É poetisa e busca inspiração em Deus e na natureza.

LILI, A BONECA FELIZ

Lili é uma boneca,
De vestidinho de chita,
Com cabelinhos de trança,
Feitos por Dona Rita.
Chegou em noite de chuva,
Pra alegrar a criançada.
Foi encontrada no saco de lixo,
Junto com uvas, toda lambuzada.
Lili, logo pela manhã,
Foi tomar um belo banho.
Ganhou uma roupinha nova,
Aumentou até de tamanho!

Ela era muito triste,
Pois foi jogada fora.
Mas, encontrou a felicidade
Na casa onde mora agora.
Foi recebida com alegria,
Pelas cinco filhas de Dona Rita.
Recebeu abrigo, amor, roupa nova,
E um belo laço de fita.
Quem amarrou suas tranças,
Foi a própria Dona Rita.
Toda enfeitada de um jeito,
Sentiu-se até rica!
Agora, vive feliz,
Rodeada de amor.
Brinca todo dia, tem família,
E tem valor!

A CHUVA QUE CAI

A chuva que cai,
Traz a lembrança,
De tempos atrás.

A chuva que cai,
Levanta-se no ar
O cheiro de nossos ancestrais...

A chuva que cai,
Aperta nosso peito de um jeito,
Que nada mais o faz.

A chuva que cai,
Redireciona nossos caminhos,
Por onde nem andávamos mais...

A chuva que cai,
E faz de nós sujeitos,
De nossos próprios ais.

A chuva que cai,
Pode também nos libertar,
Do inimigo sagaz.

A chuva que cai,
Nos lava a alma por dentro,
E nos refaz.

A chuva que cai...

VIDA & VERSO

*O poeta não é o que escreve
Mas às vezes ele se atreve
E coloca algo de si em cada verso.*

*Porque afinal é o mesmo universo
Onde ele vive, move-se e habita
E assim, sua alma tão bonita,*

Abraça, no seu dia a dia

Vida e verso, universo e poesia!...

Fernanda Xerez



Brinquedos e brincadeiras

Brinquedos e brincadeiras
Tudo isso é bom saber
Que a criança na sua infância
Se diverte pra valer

Tem o mundo em suas mãos
Suas brigas são passageiras
Nunca se cansam de brincar
São espertas e ligeiras

Tem o brilho no olhar
Vivem no mundo da fantasia
Seus brinquedos e brincadeiras
Trazem amor, paz e alegria!!!

Autor: Joaquim dos Santos Marques

Atividades realizadas pelo Curso de Especialização: Saberes e Práticas nas Séries Iniciais na turma do 4º ano da professora Tatiane Sicsu . Escola estadual professor Lázaro Ramos !
Urucará-Am., 11 de outubro de 2022!

TRAVESSEIROS ACORDADOS

Todas as noites acordo os travesseiros
com o burburinho buliçoso dos meus sonhos

Se meus travesseiros falassem
revelariam íntimos segredos
que neles confesso como a nenhum padre

Meus travesseiros na escuridade do quarto
se transformam em escudos do guerreiro
em naves espaciais que perfuram galáxias
nas caravelas singrando mares de ventos
ou macios braços que me enlaçam
como os seios aconchegantes dos enamorados

Entre a cabeça e os travesseiros tudo posso
e em tudo sou isento e desculpado
enquanto gotejo em suas fronhas molhadas
salivas latentes dos meus febris encantamentos

Quando não estou meus travesseiros dormem
o sono algodoado das almofadas

(...)

Porém quando não mais existir
quem desadormecerá os travesseiros
e herdará os chumaços dos meus sonhos
no interior deles depositados?

Joaquim Cesário de Mello

Recife (PE)

(poeira d'água)

o vapor segue célere
pelo líquido estradão
lançando poeira d'água
nas fráguas do coração

na proa profana proteção
carranca de olhos sidéreos
fechada em seus mistérios
livra-nos das maldições

puxando a linha das margens
fileira de casas, ribeira
num cordel de imagens
vida simples, passageira

é sol de quase noite
quando o horizonte bebe o rio
lâmparinas se acendem
a felicidade está por um fio

os olhos passeiam na lua
tentando desvendar segredos
o amor também tem fases,
diz a lua, e a paixão seus enredos

segue o barco
na noite quente
coração que aguente!

José Carlos de Souza



Uma criança chamada Amor*

Criança cheia de luz
Tem apenas dois aninhos
Criança cheia de amor
Tem o dom da sabedoria
Algumas palavras balbucia.

Essa criança é puro amor
Já é um pequeno escritor
Com lápis e papel na mão
Viaja no mundo da imaginação.

Sua voz é o seu sorriso
Das suas mãozinhas preciso
A sua energia modifica a vida.

Seu pensamento em desalinho
O seu talento é redemoinho
Acalma o mar e voa livre a cantar.

* Esta criança é Benício Lima Oliveira,
02 anos, diagnosticado com espectro autista.

Joyce Lima

Imagem – Joyce Lima

FELÍCIA

Felícia é uma galinha muito vaidosa
Gosta de andar de salto alto, toda prosa
Anda de sombrinha por causa da pele rosa
Vive sempre cantando a galinha melindrosa.

Não gosta da cidade, vive entre as rosas
Felícia se arruma e sai para passear
Toma banho todos os dias e quer se destacar
Vive sozinha, chama as outras de sebosas.

Felícia queria ser diferente e quis alto voar
Colocou uma roupa nova e foi para o hangar
Chamou jornalistas para o feito registrar
Onde já se viu galinha alto voar?

O plano saiu errado e no chão se estatelou
Felícia aprendeu a lição e sua vida mudou
Fez amizade com as galinhas do poleiro
Chamou as amigas e foram passear em um veleiro.

Joyce Lima

ONDE HAVERÁ?

Por Juliana Silva Valis

Onde haverá na amplidão do mar

Um sonho que transcende o infinito?

Acorde veloz do sublime amor que há

No violão que ecoa a vastidão de um grito...

Onde haverá na amplitude em vida

A luz que redime a atitude humana?

Saudade na virtude em paz refletida,

Na cor em delírio que a mesmice engana!

Humanamente falando, apenas,

Talvez vejamos luz em que tudo que se for,

Além de angústias grandes ou pequenas...

E, na serena sabedoria que o infinito brade,

Quem dera se toda a humanidade vivesse o amor,

Ultrapassando a dor e os dilemas de cada tempestade.

TODO AMOR... (Duetto)

Ah! Seria mesmo... todo amor?

Todo Amor! E, todo Amor,

Se explica?

Não é um, mero, jogo de palavras

É uma tentativa, genuína,

De se buscar entender

Por mais que seja senso comum

E se apregoa (não sei porquê) que amor

Não tem explicação, apenas se vive ou não

Então! todo amor... teria um alguém?

Ou melhor, todo mundo é de alguém?

Ao que cad'um seria de alguém?

[Todo Amor...

Um alguém!?

Mas como saber que —alguém seria?

Teríamos que —procurá-lo?

Ou, a nós viria... do nada?

Todo Amor...

Um Alguém...

... do nada?!

Do nada?!

Não, não creio

A vastidão do universo, contradiz...

Se há Amor

Alguém também há

Numa dimensão ou lugar...
Ou não será?
Ou ninguém é de ninguém?
Não, definitivamente não concordo
[Todo Amor...

Mas, e quando duas pessoas querem —o mesmo amor?!

Para quem a Vida o dará?
Ou quem seria dele, então, merecedor?
Oh! Teria tal amor... um —vencedor?
Teria, sei lá, um —perdedor?
Não, não creio, que assim seja!
Nada se perde, por mais que não se entenda
Com o Amor, todos e tudo
se ganha

E como saber quem merecedor deste amor o seria?

Como saber quem deveras seria
o seu —possuidor?
—Possuidor?
Não! Não há posses!
Todo Amor é divinamente doado
[Todo Amor...
É dádiva

É presente
É o DNA do Criador
Seria o tempo a que, pois, o diria?
Seria o mundo?

Seria... o quê?
[Todo Amor...
Ah, é pura benção
É fecunda fonte da Vida
Beba
Dessedenta
Ama!

Juli Lima & Paulo da Cruz (Livro - Entre o Céu e a Terra)

{BoraserFELIZ!}

*Não espera pelo amanhã
Fecha seus olhos
Seja já!*

*Respira profundamente
Conecte-se com o Universo
Sinta as energias divinas em si...*

Inspira e expira profundamente.... Permita-se estar “feliz”

Mentaliza um momento feliz e sinta a felicidade... BoraserFELIZ!

Juli Lima

TEMPESTADE

Lá vem ela por detrás da montanha
Vem de mansinho e chorando aos poucos
Avisando que a passagem será de vendaval...
O trovão é a explosão das emoções
Acompanhado das cores relampejantes!

Raios cortam os céus
Assombros e beleza que causa êxtase
Corações pulsam na velocidade da luz
Como aquele amor que vem e vai...
Assim é a tempestade!

Desaguando toda a força da natureza
Mãe divina lacrimeja e lava a alma
Temor e inspiração
Vida em tons bravios
Que também traz a esperança dos dias solares!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

MEUS VERSOS SÃO LIVRES

Quando
me ponho a compor, não tenho
compromisso com nada,

(...) fórmulas,
métricas, rimas ou
estética!

Minha
poesia é variada, muitas
categorias, eclética,

(...) meus
versos são livres,
_____ voam!

Quando
deitam na folha, passam
a pertencer ao leitor,

(...) saboreando
cada verso ao seu

___ *bel-prazer!*

Eu

componho, sou o poeta,

a princípio tenho

a autoria,

(...) mas

quem pode prender

___ *a poesia?*

Lucas Louis Grauthier

A HILDA HILST

Tal vinho que não envelhece
Amargo beijo forte
Em minha boca amadurece
Nublado de desejo.
Tal vinho de boa safra
No desterro da adega
Prendo entre os lábios o travo
Da incondicional entrega.
Pudesse eu da boca
Fazer ânfora que
Os restos do idílio
Os restos imolam
Em purpúreo mosto.
Pudesse, e não mais teria
Feito de teu beijo
Líquido antigo vinho
Líquido nobre mortífero
Vinho veneno.

Lucimara Vaz

Infância. A Melhor Idade ()*

*Lideranças do Mal, também sabem,
Na infância, recém-reencarnados absorvem.
Aprendizagem: o Bem e Mal, se movem.*

*Progenitores delegam tarefa à escola,
O que é missão dos pais aqui e agora. (1)
Qualquer negligência pode levar a degola. (2)*

Atuando em tenra idade o Mal atrasa a “Iluminação”. (3)

Sabem que a educação da alma é a alma da educação. (4)

(*)

Vacinação Desafio de Urgência

Reformador (FEB), 99 (1823): 61-64, fevereiro, 1981

<http://espiriteiro.blogspot.com/2010/10/vacinacao-desafio-de-urgencia.html>

<https://www.recantodasletras.com.br/audios/mensagens/94894>

1. Vacinação contra as Drogas

<https://www.recantodasletras.com.br/audios/mensagens/95068>

2. Maternidade Boa Não Tem Preço

<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7370193>

3. Cristo Interno

https://espiritualidades.com.br/artigos/f_autores_formiga_luiz_textos/FORMIGA_Luiz_tit_Cristo_Interior_em_Portugues_e_Espanh%F3l.pdf

4. Educação da Alma

<https://www.recantodasletras.com.br/mensagens-de-otimismo-fe-esperanca/7355432>

Luiz Carlos Formiga

Alcoólicos Carinhos

O córrego passa, fazendo amor com as pedras em seu leito... eu sinto no peito uma inveja danada dessas pedras. Fico me imaginando sendo a lua... sendo toda sua. Olho sua foto e ponho-me nua, esperando o sol (você) voltar para me amar, mas quando ele chega, desilusão, tenho que me retirar com minhas estrelas que me seguem, a me consolar.

Quando só, na rua, ando apressada pela calçada (nem sei o porquê), voltando pra casa, pro vazio, pro nada, pois você ali não está. Solidão enfeitada as paredes, a mesa, o chão... saudade escorre no quarto, pela cama... acho que você já não me ama. A minha sede não se mata com um copo d'água. Sem fome, preparo um jantar frugal, nada especial, pois você ali não está. Não guardo mágoa, tampouco rancor, mas me dói não ter mais o seu amor... não ter seus beijos, não ter seu corpo suprimindo os meus desejos, não ter você me aquecendo com o seu calor, me envolvendo naqueles abraços apertados que me deliciavam, mas que se soltaram e se foram de mim.

Vou tomar um vinho... quem sabe ele me esquenta, enfim, com seus alcoólicos carinhos, reverte o seu adeus e, em meu torpor, faz-me sentir você voltando, de mansinho, invadindo os sonhos meus e colorindo, de novo, o meu, agora, opaco mundinho...

OUVINDO TAKE THAT - BACK FOR GOOD (TRADUÇÃO)

<https://youtu.be/nTG4CXQdf60>

23/05/2022

MARIA LEFÈVRE

SENTADA À BEIRA DO CAMINHO (prosa poética)

Sentada à beira do caminho, se tentar voltar, já se cavou um imenso abismo; se continuar, insegura não sei que rumo tomar.

Sentada à beira do caminho, iludindo minha tristeza, sigo sozinha, mas pareço estar sempre falando com alguém, na sua ausência sinto tua presença, mas só eu sei disso.

Sentada à beira do caminho, me sinto no inverno, quando já deveria colher flores, pois já é primavera.

Sentada à beira do caminho, Tento achar mãos que me guiem como se eu fosse uma criança, atravessando grandes avenidas.

Sentada à beira do caminho me sinto como taças deixadas à mesa no fim de uma festa.

Sentada à beira do caminho atordoada como uma sequestrada, sem resgate para voltar, ou como um bilhete premiado, que o ganhador não reclamou...

Sentada à beira do caminho, assisto um grande circo, onde os artistas colocam máscaras para representar, pois no final, todos iriam rir do único palhaço que era eu...

Sentada à beira do caminho, assisto o desmoronamento deste mesmo circo e faço parte deste grande desastre, onde tento sair dos destroços viva para não ser simplesmente notícia de jornal.

Sentada à beira do caminho, vejo um céu riscado por um lindo arco-íris, anunciando um novo caminho todo colorido, tentando me dizer:

Você encontrou um novo caminho! Não olhe para traz! Perigo! Siga em frente!!!

Maripenna



Marisa Costa

No universo da fantasia escrevo emoções.... Gosto de pensar que me move a liberdade de criação...

Quem sou? Nem sei. Apenas me permito ser o que sou. Ser ser mais. Sem fabricar um ideal de mim mesma.

Namorada dos dias seus...

Bastou nossa canção beber das gotas do tempo
e sensação de felicidade íntima nos assaltar.
Idêntica ou não, atacou-nos descarada.
Os mortos vivem, pois que a memória persiste.

Qualquer sacrifício era pequeno
Se me visse rir, contar meu dia
Já altinha por umas taças de vinho
Você me queria. Magia dessa espera...

E quando finalmente o beijo seu
me suspendia do chão, o toque da língua,
o cheiro das mãos por dentro de cabelo

a entrega era promessa e desafio.

Sua mão contornando-me os sonhos
injetava vida em minhas veias
Amor respeitoso, devasso adornavam-me as manhãs.
Era eu a namorada dos dias seus.

Marisa Costa

SER POETA...

Ser poeta...

Ser poeta é encontrar-se com nós
mesmos e em um milésimo de segundo
captar a nossa alma...

Ser poeta é interagir com o nosso
eu em um segundo, conseguir captar a nossa essência

Ser poeta é ouvir o nosso coração
e sentir cada batida dele e decifrar
este som em forma de verbes
poéticas e ir no encontro da nossa
Alma...

Assim tornamos verdadeiros
poetas quando conseguimos
fazer um eclipse do nosso coração
Com o coração do outro e ao mesmo
Tempo atingir a sua alma
E que possa tocar a todos
que tenham a mesma compatibilidade
e sensibilidade que a nossa...identidade
e com a nossa A-L-M-A

Marisa Sá



Glamourosa!

***Glamurosa e cheia de si, você bate em minha janela
Expande seus fortes braços, acariciando meu olhar
O esplendor do seu vestido com babados a farfalhar
Todo bordado de flores brancas, uma linda donzela.***

***Vênus formosa, estremece todos os meus sentidos
Ventos sopram suaves, reverenciando seu encanto
Estrelas sobre você cintilam como brilhante manto
Aparência que cativa, espalha emoções e suspiros...***

***Uma dama adornada de venturas com as belas cores
Transeuntes, beija-flores que se aninham em voadas
Enquanto a vida nos instiga, alçam os bons alvares.***

***Sutil é a glamourosa árvore com as galhadas incríveis
Preenchendo todos os espaços, já há muito enraizada
São velhos cernes que nos passam recados indizíveis.***

Texto: Miriam Carmignan

Soneto

Imagem- Christie Aurélio

GOSTARIA DE SER UM PÁSSARO

*eu (J)uro que gostaria de ser um pássaro
n(U)unca deixaria de bater as asas
com o (L)indo céu azul me conectaria
seria m(I)nha maior diversão*

*minha (L)iberdade em primeiro lugar
nessa (I)mensidão do espaço aéreo
vislu(M)braria tudo lá embaixo
depois desc(A)nsaria em uma árvore*

Moacir Rodrigues

RESGATE

Nanda Chinaglia

Encontro-me à deriva

Solitária

Sozinha

Em mim mesma

Vazia...

Nada parece ter sentido

A vida segue adiante

Estanco-me pelo caminho...

Asas cortadas

Vento emudece

Pés flutuam

Me entrego ao não chão...

Vivo nublada

Desestrelada

Em busca de nova fase

Fase de lua em mim

Flor pequenina

Leva-me o cinza

Traz cores, amores e sabores

Jardim que brota, enfim...

Poesia que toca

Coração desmantelado

Faz do poema que escrevo

Pedaço de alma escancarado!

Memórias pulverizadas

Patrícia Alvarenga

Tumultuada pelos deslizes dos dias pequenos,
Pela rotina estéril de pensamentos vagos,
Nos costumes previsíveis, tediosos, terrenos,
Relembro memórias pulverizadas, que apago.

Sigo meu destino marcado, traçado, regulado.
E nas horas insones, quando um ardor vem zombar,
Na intermitência de um descompasso assustado,
Apenas tardios e longínquos momentos vêm assombrar.

A normalidade adulta não deixa de ser aflitiva.
Perdemos o brilho, a febre, a leveza e a distração.
Criamos compromissos e responsabilidades coercitivas.
Saudades das risadas, dos afagos, da descontração.

Certezas que nos aprisionam com correntes
De que uma vivência - com novos paladares,
Novos olhares e novos desejos irreverentes -
Afogou-se em algum rio de bordas irregulares.

**– DIFICILMENTE SE GOSTA D’ALGUÉM
DUAS VEZES (NA VIDA) –**

*“Pessoas falsas são como produtos piratas.
Te atraem pela facilidade, mas logo
te decepcionam pela qualidade”
(Desconhecido)*

*Segue-se c’outro n’uma mesma estrada
Quem comigo caminha?
Uma verdade qu’eu não sei [por certo]
Se alguém morre e se reencarna [n’outra vida], talvez
Todavia, não na vida d’outro (com o qual co’ele caminha [aqui])*

*Quando um dia para este ele, pois morreu
E, destarte, não ressuscita*

*Ou, pelo menos, não da mesma forma como foi da primeira vez
E eis qual um imprevisto fim fulminou a antiga convivência*

Que tragédia!

Contudo, não seria a perda d’uma ilusão uma «precisa» libertação?

Pode ser, embora quanto ela machuca!

*Oh! Como é difícil retomar um’amizade que de desgosto morreu!
Ao qu’enquanto tiver do lesado a memória, creio ser impossível*

*...voltar o que antes era
Já que não deixou saudades
Mas, sim, desencantos e mágoas*

*Na vida
E no conviver*

*Às vezes passamos a apreciar as pessoas
(que antes não tanto conhecíamos)*

*E às vezes deixamos de gostar delas
...(na maior parte das vezes justamente porque passamos
...a conhecê-las)*

*Percebe-se o oculto d'alguém ao nosso lado
Ond'então dele se desengana*

*E, portanto, não mais o ama nem tem mais dele a su'afeição ou
respeito*

*Coisas da vida e das instáveis convivências...
Quando detestamos alguém é quase um caminho sem volta*

Oh, sim!

Sobretudo quando um dia a configuração d'amizade era outra

*Isto é, era prazerosa e agradável
Valia, com certeza, o seu tempo*

*Um'amizade que se maculou e a outro feriu dificilmente ressuscita
Sim! Raras vezes conseguimos —re-gostar de alguém*

Paulo da Cruz (Livro- Entre o Céu e a Terra)

Dias Solenes

Rosangela Mariano

São Leopoldo- RS

@marihanaescritora

O sol impregnou
cada canto e recanto
da casa rosada,
arquétipo de outrora
naquela Avenida Sem Nome.

Os dias, céleres,
respingam tédio
e monotonia
nas paredes insípidas...
... e teias esvoaçantes
colorem escadas,
degraus,
e pinturas sonolentas.

Janelas crestadas
e tristes
há tempo fecham
sonhos e ternuras...

E as flores amareladas,
emaladas em brisas
suadas,
acenam adeuses
na tarde que morre.



Carta para minhas Filhas

Um dia deixei de ser única para ser muitas
E de todas as versões que criei
Ter vocês em meus braços
Foi a que nunca mais abandonei.

Tive momentos de medo e insegurança
Tinha tanto à aprender
Mas foi segurando em suas mãozinhas
Que descobri o que era proteger.

Fui forte, fui fraca
Fui dependente, fui largada.

Fui perfeita, fui louca
Fui muitas e fui pouca.

Fui justa, mas também injusta
Fui certa, fui errada
Fui perdida, fui achada.

Fui coerente, fui passional
Fui julgadora, fui liberal.

Fui impotente, fui cobrada
Fui independente, me tornei empoderada.

Enfim, fui gente,

Fui MÃE!

Rose Sánchez

Palavras e chás

Quem quer tomar um chá agora?
Um chá de esperança na melhora!
Um chá que acalma até o apetite.
Quem quer vir tomar chá e ler poesia?
Quem gostaria de tomar um chá
que deixe soberana a paz no estômago.
Que expulse os inimigos invasores
do mundo interior de um corpo humano.
Quem, nesse domingo solitário...
Viria tomar chá de hortelã
com uma trovadora pequenina
que sagra todo tipo de “calvário”.

Solineide Maria

SOBRE A AUTORA

Solineide é baiana de Itabuna. É filha de Regina Maria e Lourival Marques. É mãe de Flora Maria, avó de Dante, esposa de Jorge Rafael. Faz 7 anos que mora em Luanda/Angola (onde leciona voluntariamente). Escreve desde sempre. Tem um Blog de poesias onde publica seus trabalhos, no início diariamente, hoje, quando o tempo doi sem conta. É graduada em Letras pela UESC (Ilhéus/Bahia/Brasil) e Pós-graduada em Educação do Ensino Superior. Tem algumas

antologias publicadas, três delas pela Editora Olho D'água (de São Paulo). Seu livro mais recente chama-se ALI LONGE NO MAR, lançado pela Editora Scortecci (de São Paulo) em 2010.

Criança Interior

SoniaS

Ela encanta

Dá vida a tudo

No sorriso limpo

N'alma cândida!

Ela é beleza

Que a Natureza consagrou.

É o princípio da vida.

Que o Amor sempre esperou.

Guarde a Criança

Que em ti Deus deixou.

Não permita que ela morra.

Pois em ti

A Vida pura ela plantou.

Vida plena pra você,

oh! minha Criança Interior!

PESCADORES

A vida dos pescadores é arriscada. São heróis que sobrevivem
As bravas ondas em alto mar. A fim de rentabilizar o sustento do lar.
Enfrentam sol quente, chuva forte, mar revoltoso e traiçoeiro e mar sereno.
Buscam peixes calmos e agitados, muitas vezes usam força e não conseguem
Há peixes que afundam velozmente. Exímios conhecedores do vento.
Sabem muito bem onde a vela acomodar. Nas noites longas, a lua é medianeira.
É a amiga que acaricia os barcos velejantes com sua prateada luz.
A vida dos pescadores é super aventureira. São sábios do mundo do mar!
E heróis anônimos que à sociedade contribuí.

VÂNIA LÚCIA MALTA COSTA CATUNDA, natural de Maceió – Alagoas.
Filha de José Inocêncio Leão Costa (em memória) e de Maria Cleuda Malta Costa.
Casada, sem filhos.

Servidora Pública da Secretaria de Saúde do DF, aposentada, na carreira de médica Neonatologista.

Publicou seu primeiro livro O OLHAR DA VIDA, em fevereiro de 2022, de poesias.
Tem publicações em várias Antologias Impressas e em E-books. Quatro resultantes de Concursos Literários.

MISS MISTÉRIO

Por que carregas seus mistérios?

Perguntas você não quer responder

Uma Miss Mistério dos cemitérios

Faz os estragos da vida sem viver

A malogra conhece todo itinerário

Nas suas andanças do céu a terra

Quando aparece traz o prontuário

É a morte com sua lista de espera

Zedio Alvarez



Resenhas

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. *In*: _____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2004.

O NEGRO COMO GRAMÁTICO DO/NO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Gabriel Amorim-Braga

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

(gabriel.amorim7575@gmail.com)

Os negros discutiam

Que o cavalo sipantou

Mas o que mais sabia

Disse que era

Sipantarrou.

Oswald de Andrade, “O gramático”.

Rosa Virgínia Mattos e Silva (Salvador, 27 de julho de 1940 – 16 de julho de 2012), doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), dedicou-se ao estudo linguístico em sua perspectiva histórica, com ênfase na Língua Portuguesa, no Português brasileiro e no Português arcaico². Seu ensaio “De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios” trata-se de “uma busca de indícios para argumentar a favor do papel predominante da nossa população de origem africana como difusora do que veio a ser chamado de português popular brasileiro pela sociolinguística contemporânea” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 69). Marcos Marcionilo (PUC-SP), ao comentar o livro *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*, que abriga o ensaio da professora baiana, destaca que

1 Esta resenha está em diálogo com as propostas metodológicas de Désirée Motta-Roth e Graciela Hendges Rabuske vistas em **Produção textual na universidade** (2010), concentrando-se em descrever e em tecer considerações sobre o ensaio “De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios” (2004), de Rosa Virgínia Mattos e Silva.

2 Cf. Currículo do Sistema de Currículos Lattes, 2012.

O que está em jogo é a diferenciação entre o português brasileiro e o português europeu, na complexidade dos contextos de interação linguística que lhe deu origem e alimenta seu dinamismo, na heterogeneidade de suas variantes regionais e sociais e na necessidade de reconhecer e compreender, sem nunca negar, o encontro histórico entre brancos, índios e negros que constituiu o português que falamos, e mais, o povo que somos (MARCIONILO, 2004, p. 10).

Na primeira seção, “Esclarecimentos preliminares”, apresenta-se algumas perspectivas do trabalho teórico. A autora do ensaio pontua que, dentre as motivações que a levaram a este tema, a via proposta por Antônio Houaiss (1985), que compreende os depoimentos sobre os processos linguageiros a partir dos inícios da colonização como meio de penetrar na história da última flor do Lácio e a sistematização de Alberto Mussa (1991) da demografia histórica brasileira, que realça a importância dessa área para a história do Português brasileiro, detém significativo protagonismo. No entanto, não restringindo-se a esses campos, as motivações perpassam e devem-se a incursões em obras da história social brasileira e da antropologia, que permitiram “fundamentar uma aproximação à história da linguagem”, sendo essencial para “uma aproximação menos generalizante da história social linguística do Brasil e, conseqüentemente, para a história do português brasileiro” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 71).

Na segunda seção, “Observações sobre a dinâmica do multilinguismo/multidialealismo no Brasil colonial”, remonta-se, em um exercício diacrônico, a cena linguística do Brasil colonial, por meio de “conjecturas plausíveis, fundados em fatos já interpretados de demografia histórica e de fatos históricos documentados e interpretados por especialistas” (MATTOS E ROSA, 2004, p. 73). Em um primeiro momento, o texto faz um “breve excuro sobre o momento tardio do início da elaboração do português culto brasileiro” e, logo na sequência, concentra-se “na questão da dinâmica do multilinguismo/multidialealismo no período colonial e fundamentalmente na emergência do antecedente histórico do português popular brasileiro” (MATTOS E ROSA, 2004, p. 72), perpassando o português europeu, as línguas gerais indígenas e o português geral brasileiro no contexto do vigência do colonialismo português no Brasil, pontuando as interações as contribuições e os reflexos desses atores linguísticos na constituição do Português brasileiro.

Na terceira seção, “Situação linguageiras favorecedoras da difusão do português geral brasileiro”, postula-se a constituição humana e social dos quilombos como nicho de significativo interesse para a história linguística do Brasil. Com efeito, esse pressuposto baseia-se, em grande medida, nos avanços recentes dos estudos históricos afro-brasileiros que, ao pautar o longo período escravista, demonstrou acentuada resistência à

REVISTA BARBANTE - 179

escravidão. Nesse contexto múltiplo de resistência, os quilombos, enquanto agrupamentos sociais, mantinham articulações com a sociedade legítima, o que “traz um indício interessante sobre o papel desempenhado pelos africanos e afro-descendentes na construção e difusão do português geral brasileiro” (p. 87). A partir disso, torna-se possível conjecturar que,

[...] nessas situação sociais, se encontrariam múltiplas falas correntes no Brasil: africanas, indígenas, português africanizado, português indígena, até português europeu, já que acoitavam fugitivos. Seriam laboratórios de formação, muito possivelmente, de um português geral brasileiro, necessário à articulação com a sociedade, sobretudo a do segmento escravo (MATTOS E SILVA, 2004, p. 88).

Se, como postula Marcos Bagno, “a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso” (2007, p. 10), um dos grandes méritos de Rosa Virgínia Mattos e Silva está em, na busca de demarcar os “indícios para uma compreensão do português popular brasileiro na perspectiva de sua constituição e de sua difusão histórica” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 71), conseguir identificar o negro como gramático do/ no Português brasileiro, juntamente com o índio e com o branco. No estudo das origens do Português e da variante brasileira empreendido pela doutora em Linguística, o que está em voga é a proposição de hipóteses que, no contexto da linguística histórica, dotem de protagonismo o entendimento do papel do contato e da diversidade linguística, reconhecendo e opondo-se à “consciência da *transplantação* do português europeu para o que veio a ser Brasil” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 222), mas demarcando o Português brasileiro, de fato, como produto da interação entre as três raças. Assim, o ensaio “De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios” destaca-se e mostra-se fundamental para a historiografia do Português brasileiro por trazer à baila a discussão do multilinguismo/multidialealismo no Brasil colonial, pontuando, para tanto, não apenas o português europeu em sua dialeção e as línguas gerais indígenas, mas também o português geral brasileiro, antecedente histórico do português popular brasileiro, difundido na colônia sobretudo pela maciça presença da população africana e dos afro-descendentes.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.

MARCIONILO, Marcos. Nota do editor. *In*: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Currículo do Sistema de Currículos Lattes. [Brasília], 15 mai. 2012. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3149705136297230>. Acesso em: 8 jan. 2020.

_____. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. *In*: _____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2004.

_____. Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados. *In*: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana, MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador, BA: Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado da Bahia, 2006.

MOTTA-ROTH, Désirée; RABUSKE, Graciela Hendges. **Produção textual na universidade**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

RESENHA DO ARTIGO:

WISE, H. E. A determination of the relative importance of principles of physical Science for general Education. *Science Education*, v.25, n.7, pp. 371-379. 1941.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/sce.3730250703>. Acesso em 02 out. 2022.

Resenhado por Kleber Saldanha de Siqueira, mestre em ensino de Física pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

1 INTRODUÇÃO

A primeira metade do século XX revelou diversos avanços no campo da pesquisa em educação motivados principalmente pelos diversos imperativos sociais que configuravam a sociedade neste período. Nesse contexto de ressignificação do fazer didático, especificamente na seara das ciências naturais, diversos foram os trabalhos produzidos com o objetivo de investigar como o ensino das ciências está associado à perfeita compreensão dos fenômenos naturais que nos rodeiam. Partindo desta ideia, o artigo escrito pelo professor Harold E. Wise, professor assistente da universidade de Nebraska, quando da publicação do seu trabalho, procurou analisar a precisão dos princípios físicos encontrados nos materiais instrucionais utilizados na educação básica, pontuando como estes princípios estão articulados com as aplicações observáveis no dia a dia do aprendiz.

Nesse sentido, o artigo inicia seu estudo de forma rigorosa, estabelecendo critérios para que um princípio físico fosse considerado como tal. Ao mesmo tempo, foi estabelecida a terminologia empregada no artigo com o objetivo de localizar o leitor no universo de estudo da pesquisa. O autor então pontua estes critérios e determina as fontes nas quais serão extraídos estes princípios. Após um trabalho de coleta e catalogação, que será detalhado na seção seguinte, seguiu-se a coleta dos materiais didáticos a serem analisados reunidos em 5 grupos dos quais foram escolhidas duas obras por grupo, totalizando 10 livros.

A etapa seguinte foi caracterizada pela coleta de aplicações relacionadas com os princípios físicos inicialmente estabelecidos por meio da análise dos livros didáticos escolhidos. Esta etapa da pesquisa seguiu os mesmos critérios adotados para a determinação dos princípios físicos, como será descrito posteriormente. Tendo os princípios físicos e suas aplicações, o autor comparou as obras didáticas verificando o grau de conexão entre estes princípios e as aplicações permitindo determinar o potencial instrutivo destas obras concluindo se estas atendem ou não aos parâmetros de ensino e aprendizagem estabelecidos ao longo da pesquisa. Ao final do trabalho é feita uma síntese dos resultados encontrados por meio de quatro tabelas que congregam a porcentagem de conexões observadas entre os princípios e suas aplicações e o número de conexões entre os princípios e as aplicações para cada obra analisada.

2 DESENVOLVIMENTO

Inicialmente o autor escolheu 4 obras acadêmicas de mestrado e doutorado como fontes primárias para a coleta dos princípios físicos a serem utilizados na pesquisa. Durante esta fase do trabalho percebeu-se que 3 destas obras possuíam métodos semelhantes ao do trabalho em curso e que uma delas possuía metodologia diferente. Feita a coleta, seguiu-se o trabalho de refino dos princípios de modo a adequá-los aos parâmetros da

pesquisa que considera um princípio como (1) uma declaração abrangente que consegue explicar determinado fenômeno, (2) ser válido, sem exceção, dentro dos seus limites, (3) ser capaz de ilustrar e (4) não poder ser uma definição.

A partir destes critérios, iniciou-se o trabalho de refino destes princípios por meio da análise de especialistas e profissionais ligados ao ensino das ciências de modo que os princípios inicialmente reunidos, e agrupados em cartões 4 por 6, poderiam sofrer modificações ou serem descartados com o objetivo de adequarem-se à pesquisa. Após esta fase, iniciou-se a última etapa de refino, na qual a lista preliminar de princípios foi analisada por um membro do departamento de física da universidade de Michigan que poderia propor modificações ou excluir os princípios inadequados, segundo os parâmetros da pesquisa.

Concluída esta etapa, criou-se uma lista mestra baseada nos princípios coletados e refinados. Neste sentido, o artigo pontua a necessidade de estabelecer critérios de validade para as atividades desenvolvidas no âmbito escolar considerando o indivíduo pertencente à sociedade dos anos quarenta, dessa forma, o autor descreve que as atividades propostas ao longo do processo de ensino devem considerar (1) o indivíduo como pessoa humana, (2) sua inserção na sociedade, (3) suas relações sócio-cívicas e (4) sua classe socioeconômica.

Neste contexto, o autor revela a importância de desenvolver no aprendiz habilidades e competências dentro dos princípios da ciência, ou seja, aquilo que é desenvolvido na escola deve estar em conformidade com o constructo científico de modo que o aprendiz articule os princípios físicos com as aplicações imediatamente observáveis no nosso dia a dia. O autor continua sua exposição distinguindo que o aprendiz pode ser motivado por meio da sua satisfação mental de aprender ou pelo ‘fazer material’, ou seja, por meio da interação com a prática vinculada à exposição teórica. O próximo passo metodológico consiste na seleção das obras didáticas alvo da pesquisa. Neste sentido, foram determinados 5 grupos de materiais divididos nas áreas de física, química, biologia e geologia de modo que foram selecionados 2 exemplares de cada um destes grupos.

Durante a seleção, os materiais foram agrupados segundo sua afinidade com o ensino básico. Dessa forma, os livros foram divididos em dois grupos e considerados (1) adequados ou (2) inadequados. Dentro dos critérios da pesquisa uma obra é considerada adequada quando aborda situações nas quais o aprendiz tem a possibilidade de resolver situações problema ou desenvolvem no aprendiz vocações profissionais ao mesmo tempo que desenvolve situações do cotidiano. Nesse sentido, a obra é considerada inadequada quando desenvolve procedimentos, técnicas ou sequências específicas do universo técnico ou industrial, tornando inviável a conexão com a vida cotidiana do aprendiz.

Feita a escolha dos livros, o autor retoma o método de escolha dos princípios físicos, para escolher agora as aplicações relacionadas com os princípios já determinados na lista mestra. Nesta etapa, as aplicações são extraídas dos 10 livros didáticos escolhidos e são agrupados em cartões 3 por 5, de modo que também são refinados com o objetivo de atender aos parâmetros da pesquisa. Terminada esta fase, foi construída uma lista mestra congregando as aplicações observadas nos livros didáticos. Nesta etapa de escolha das aplicações foram considerados dois aspectos fundamentais nas obras analisadas, (1) se as aplicações estavam contidas no corpo do texto, ou (2) se as aplicações viam expressas na forma de perguntas ou conexões com ilustrações introdutórias.

Como forma de ilustração, o autor reuniu na tabela I as obras analisadas juntamente com o número de páginas, ano de publicação, nível e área de conhecimento. O autor, durante suas análises, pontua que o livro

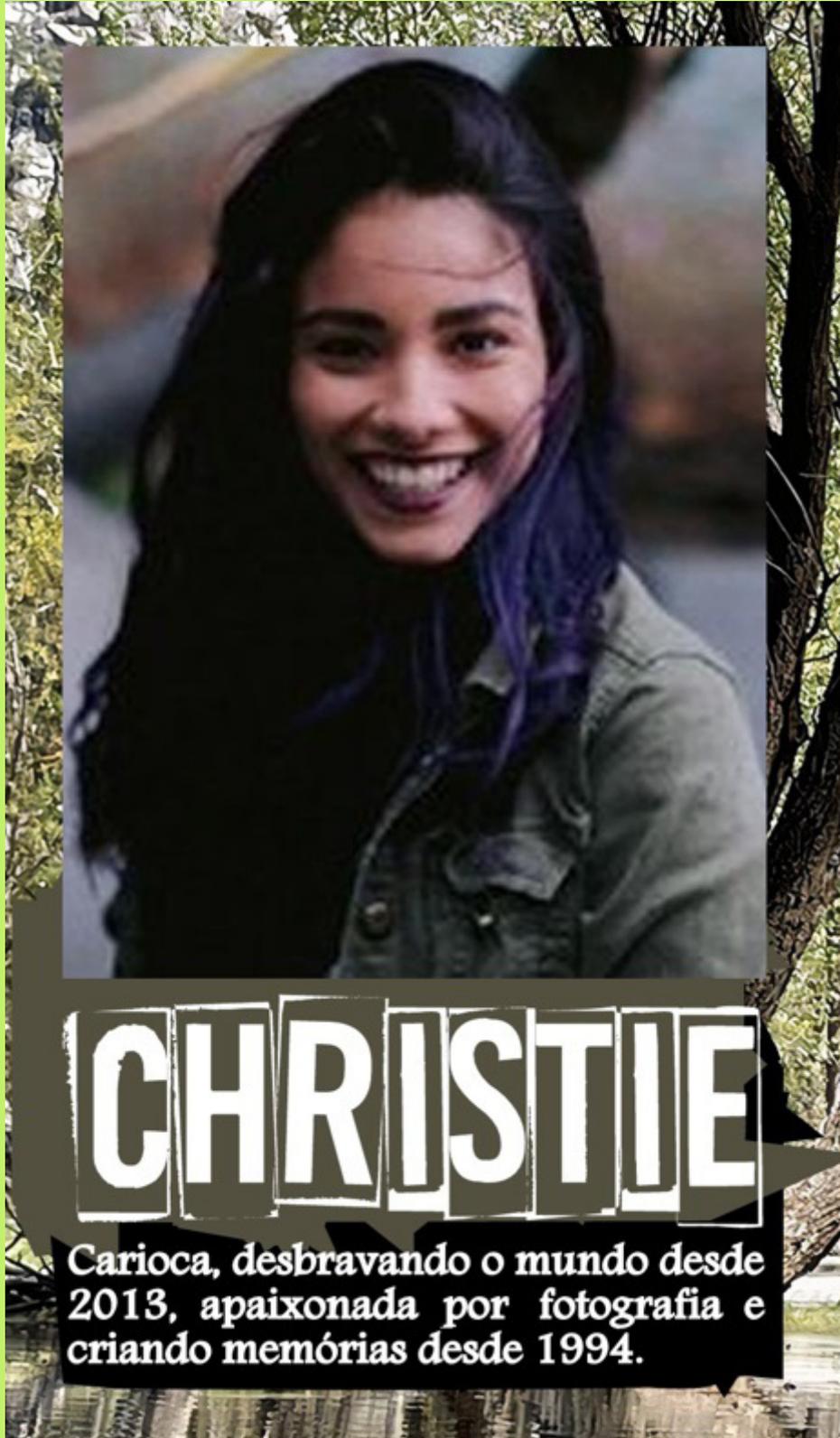
identificado com o número 1 apresenta as aplicações dentro do escopo dos critérios apresentando também clareza textual suficiente para que o leitor mediano possa compreender as ideias expostas de modo claro. Na sequência, o autor descreve seu método para reunir e associar os princípios físicos às aplicações presentes nas obras. Nesta etapa, o autor constrói um formulário denominado formulário I, que permite associar as aplicações aos princípios físicos relacionados a estas de modo que cada obra é analisada.

Cada obra então foi analisada segundo os critérios deste formulário composto por diversas páginas contendo diversas aplicações. Dentro desta análise o autor conseguiu destacar 3.272 aplicações por meio da análise das 10 obras escolhidas, no entanto, o autor agregou mais uma obra ao conjunto inicial, sendo agora 11 o total de obras analisadas. Dessa maneira, após a inclusão da décima terceira obra o número total de aplicações passou a ser de 3.403 aplicações. Com este quantitativo final o autor reúne na tabela II as obras, o número de aplicações de cada uma, aplicações relacionadas aos princípios, princípios duplicados ou novos. Após a reunião destes dados o autor descreve seus resultados finais por meio da tabela III que reúne as obras analisadas pontuando na coluna D o percentual de contribuição das obras em relação aos princípios reunidos na lista mestra.

Neste sentido, podemos observar que nenhuma das obras analisadas contribuiu mais do que 6,6% para o quantitativo de aplicações atribuídas a todos os princípios. Ao mesmo tempo, a obra de número 10 não contribuiu mais do que 1,1% com as aplicações. Nesta etapa, o autor inicia suas considerações finais pontuando pequenas variações nos dados numéricos apresentados, considerando fatores subjetivos na escolha das obras como a confiabilidade do julgamento na escolha como explicação.

3 CONCLUSÃO

Por meio dos dados reunidos podemos concluir que os livros didáticos analisados nesta pesquisa possuem pouca conexão entre princípios e aplicações e que este fato não corrobora com os parâmetros de aprendizagem em ciências, considerando os métodos empregados nesta pesquisa.

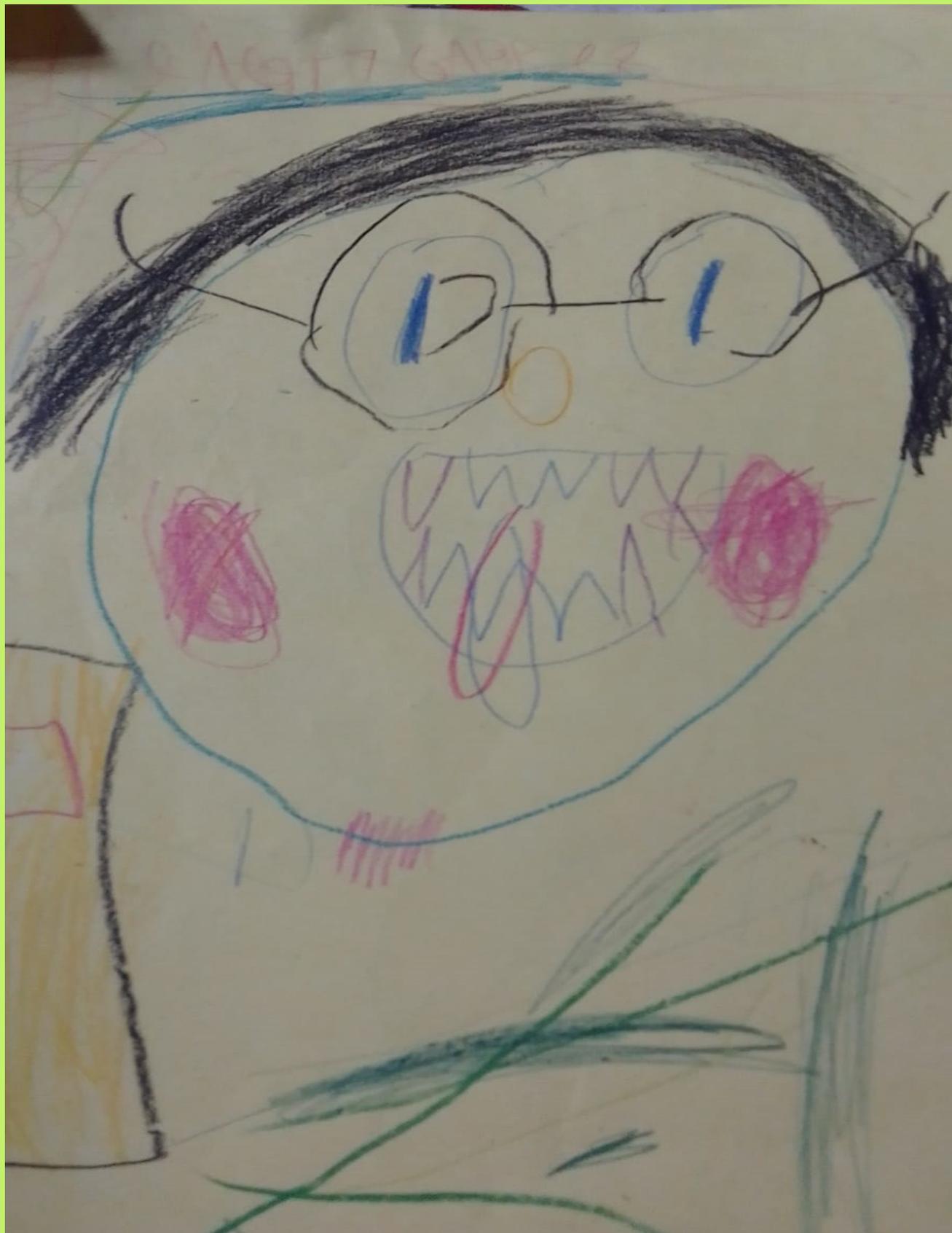


CHRISTIE

Carioca, desbravando o mundo desde 2013, apaixonada por fotografia e criando memórias desde 1994.

Barbantina

Especial escrito por crianças
ANO II - NÚMERO 15 - OUTUBRO DE 2022



Carta aos pequenos e pequenas leitores(as)

Querida criança, estamos bastante felizes por ter você aqui! A Barbantinha tem como objetivo estimular a leitura, a escrita, o desenho e a criatividade. Todo mundo pode tornar-se um artista! É só pegar um lápis e um papel e soltar a imaginação! Vamos lá?!

Nesta edição linda, recebemos colaborações de crianças de várias partes do Brasil e ficamos felizes com este presente por parte dos pais e responsáveis. Que possamos crescer cada vez mais incentivando a produção literária e artística das crianças, conforme incentiva a Lei de Diretrizes de Bases da Educação.

A Barbantinha foi presenteada, também, nesta edição com a imagem de capa de Heitor, 08 anos, morador da cidade de Caicó no estado do Rio Grande do Norte, estudante da Escola Arte com Aconchego. Agradecemos à Ana Priscila, sua professora, por nos proporcionar esta alegria.

A nossa Barbantinha está recheada de ilustrações e poemas das crianças da Escola E. Romão Puiggari de São Paulo e da Casa com Aconchego da cidade de Caicó no Rio Grande do Norte esta última trabalha e dedica amor e cuidado às crianças especiais dessa cidade, sendo a maioria das ilustrações aqui publicadas de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista).

Venham, meninos e meninas brincarem de ser barbantes junto conosco!

Um abraço,

As editoras.

Bela menina triste

Ana Clara Lana Costa

A noite cai solitária pronta para se esvair
Enfim, sozinha, debaixo dos cobertores
Diferente dos outros você está chorando
Sem saber qual caminho seguir

A noite estrelada não te faz feliz
E você teme por estar desamparada
Olha para a lua e não se identifica
Alheia a pensamentos de alegria

Desigual de todos você está sofrendo
Por seja lá qual sentimento
Nunca saberás o que está querendo

Nem sabe por qual motivo, mas está triste
Bela menina, mas cheia de sofrimento
Chorando e vivendo em tormento



Eduardo (Dudu), 9
anos, Caicó RN.



Davi
Caicó - RN



Heitor, 8 anos,
Caicó RN.



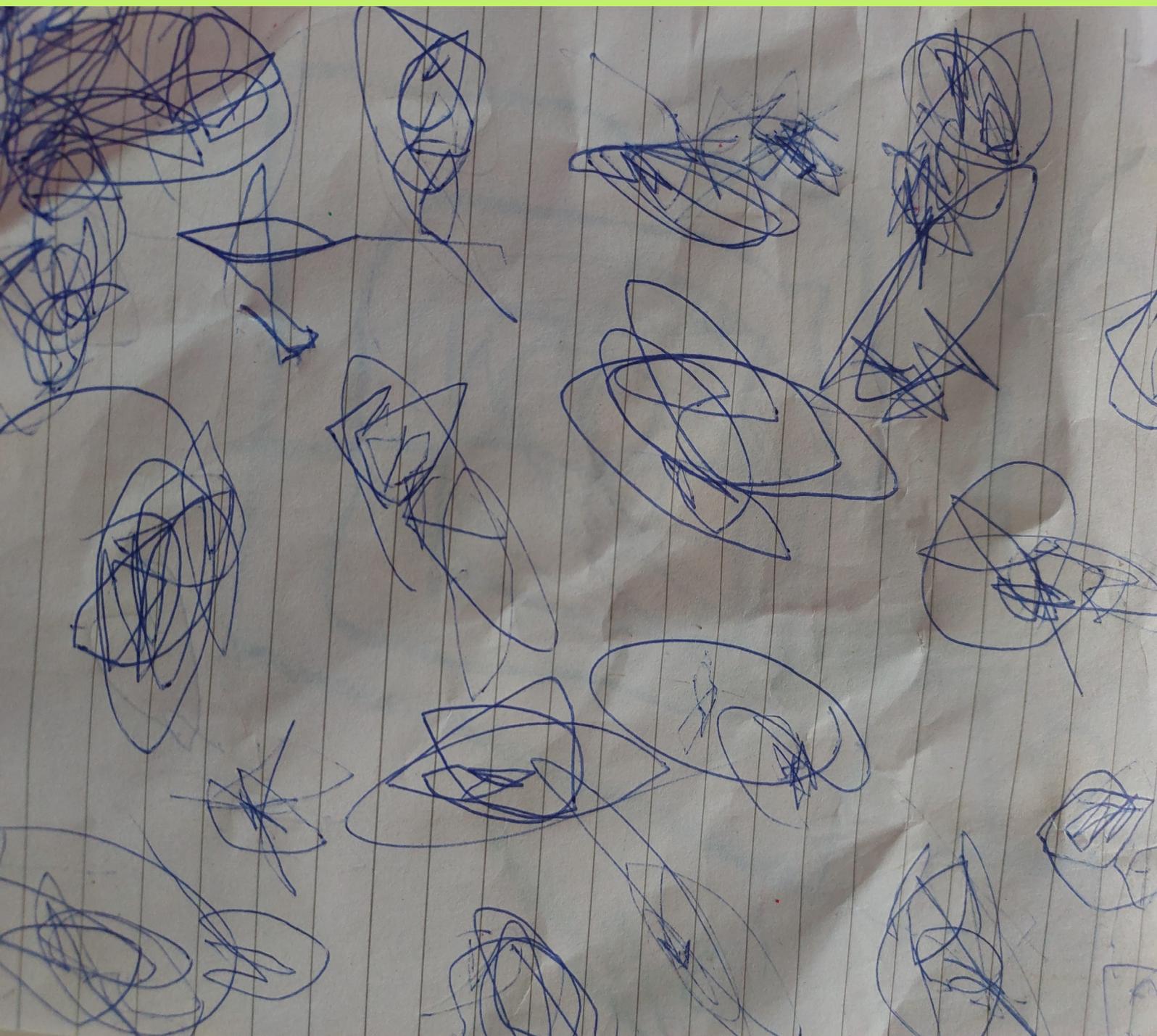
Heitor, 8 anos,
Caicó - RN



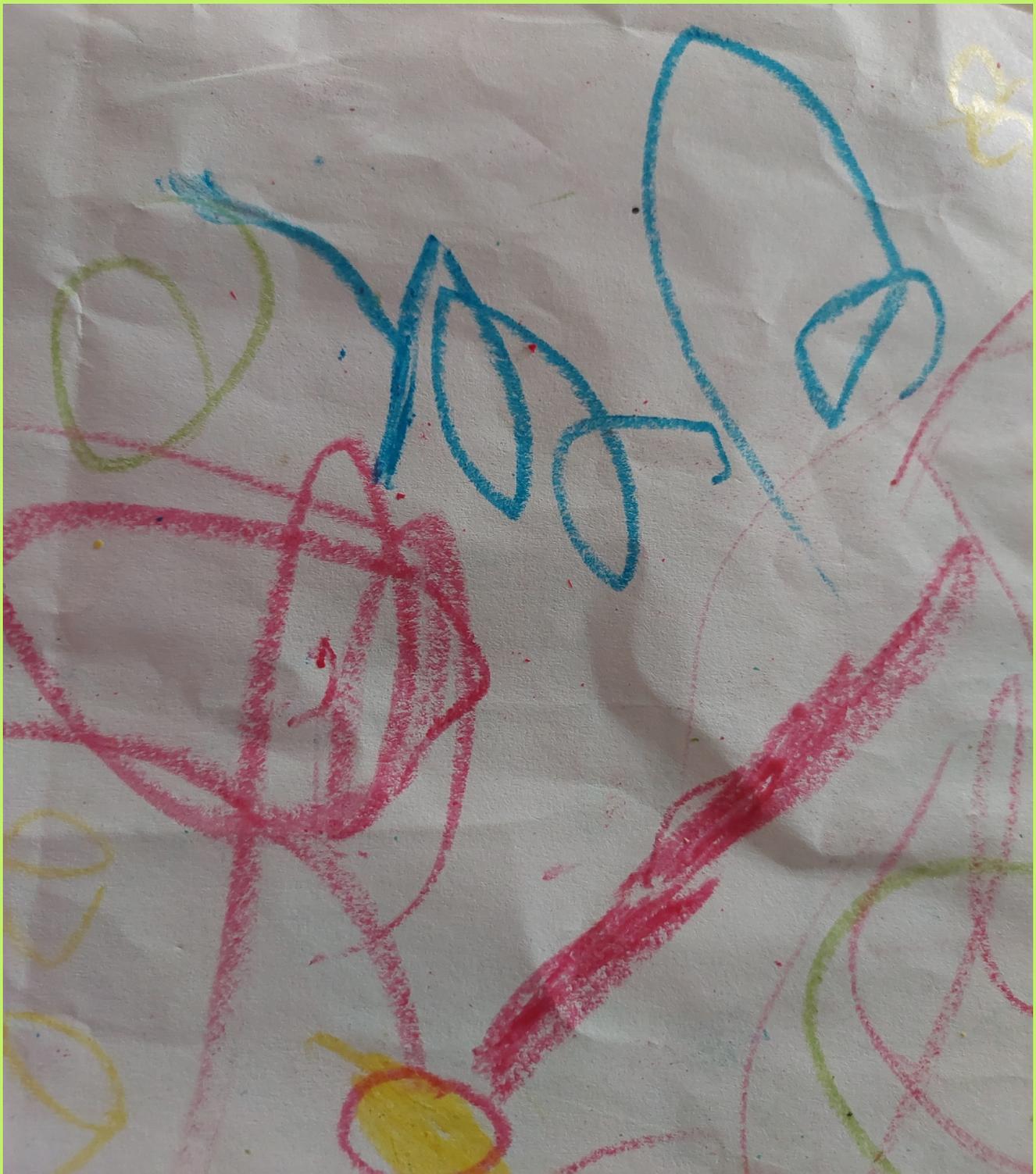
Mariah Eliza,
11 anos,
Caicó RN.



Mariah Eliza,
11 anos,
Caicó RN.



Benício Lima Oliveira,
02 anos, diagnosticado
com espectro autista.
O menino Bem, de Itagibá, Bahia,
foi diagnosticado com autismo.
com 01 ano de idade.



Benício Lima Oliveira,
02 anos, diagnosticado
com espectro autista.
O menino Bem, de Itagibá, Bahia,
foi diagnosticado com autismo.
com 01 ano de idade.

nome: Ana Caroline Ribeiro de Sousa 11 anos

Minhas férias

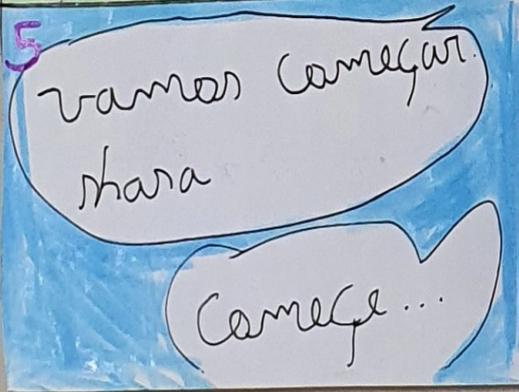
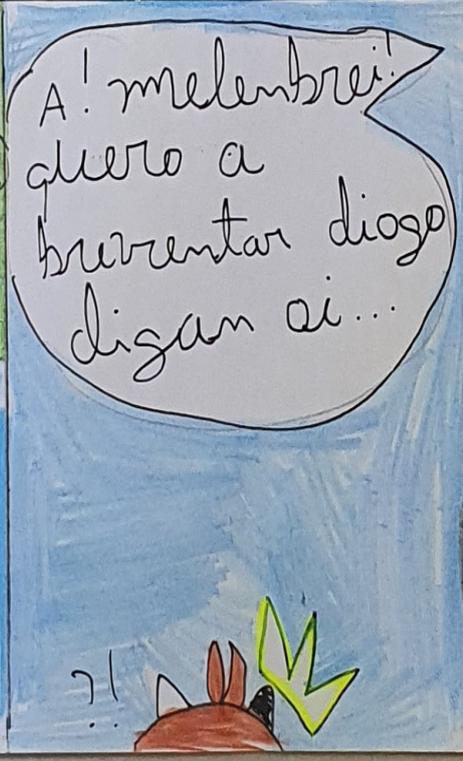
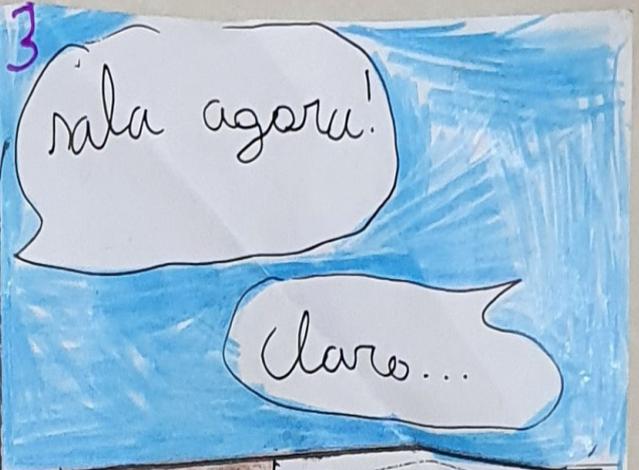
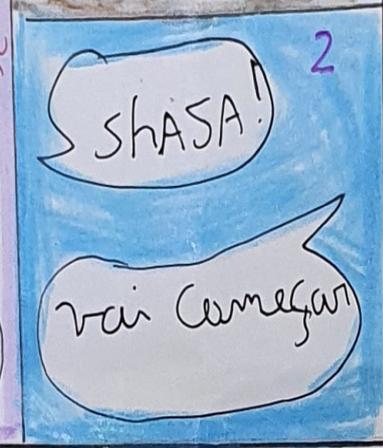
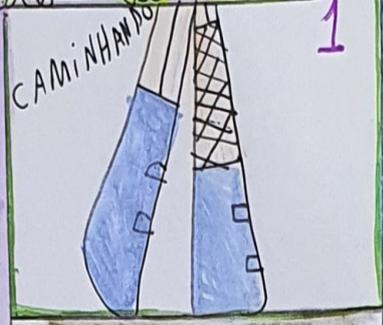
As minhas férias começaram quando eu descobri que as minhas primas do cloro viriam para São Paulo eu fiquei super feliz por que eu só vejo elas 1 vez no ano elas ficaram na casa da minha tia eu queria muito ir pra lá então agente decidiu arrumar as coisas pra ir eu e minha mãe agente foi quinta - feira e meu tio dependendo do movimento do trabalho dele ele chega 3:00 ou 2:30 da madrugada então 3:00 ele foi ir buscar agente chegamos lá 4:50 costumamos as nossas coisas e fomos dormir 10:00 algumas horas acordaram minha mãe minhas 2 Tias e meu primo eu acordei 10:30 depois de um tempo minha prima de 12 anos acordou e as outras 2 depois teve um churrasco e meu pai e meus 3 Tios Primas e Tias eu e os meus Primos tentamos entrar na piscina mais Tava tão gelada que agente teve que sair depois elas se lembraram pra minha casa ai fomos pro catamarão e depois pro cinema

Ana Caroline -
São Paulo - SP



Claugy -
São Paulo - SP

nome: Evelin ali a sua vida 10 anos
são paulo 19 de setembro de 2022



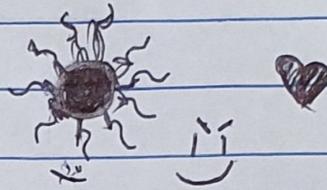
Evelin -
São Paulo - SP

nome: GABRIEL OLIVEIRA BRITO NOME DA HISTÓRIA: O MORADOR DE RUA

EM UM DIA SIMPLEZ HAVIA UM MORADOR DE RUA
ATE QUE UM DIA ELE SE CANÇOU DE SER UM MORADOR
DE RUA ELE PROMETEU A SI-MESMO QUE IA MUDAR
DE VIDA AI ELE PROCUROU E PROCUROU E ACHOU
UMA PLACA DIZENDO "ESTAMOS PROCURANDO AJUDANTES
DE LIMPEZA" QUANDO ELE ACABOU DE LER SE DIRIGIU
ATE A LOJA ENCONTROU UMA MULHER. QUANDO ELE
ACABOU DE FALAR PARA A MOÇA QUE PRECISAVA MUITO
DESSE EMPREGO A MOÇA COMEÇOU A MUMILHAR
O MORADOR DE RUA FALANDO QUE ELE NÃO IA
CONSEGUIR WAQUELE EMPREGO. QUANDO ELE JA IA SAIR
A DONA DA LOJA VIU TUDO AQUILO, DEMITIU A MOÇA
NA HORA E O MORADOR FOI ACEITO NO LUGAR DELA
O MORADOR COMPROU UMA CASA E TOMOU SEU PRIMEIRO
BANHO. FIM

Gabriel -
São Paulo - SP

nome: maycon dias Brito
São Paulo de setembro de 2022



título: Eu que quizer fui roubado no mercado

Tudo começou quando eu e minha mãe távamos na minha só eu assistindo tv e minha mãe no celular dela alguns minutos depois eu e minha mãe foi embora pra casa chegando perto da minha casa minha mãe pediu pra mim ir no mercado e eu fui mais quando cheguei já távamos fechando foi rapidinho pagar e sair depois fui pagar quando terminei de pagar indo embora o ladrão entrou quando ele entrou eu peguei a mula com o braço e fui embora cheguei em casa todo a repiada e minha mãe perguntou que foi me disse e eu respondi o mercado foi assaltado e depois contei tudo que aconteceu fim fim

maycon 10 anos 😊

Maycon -
São Paulo - SP



Rafaela -
São Paulo - SP

São Paulo, 19 de Setembro de 2022

Lessões ou como posso dizer
Flores

As vezes nascem em lugares mais ou menos
as vezes são mais fechadas ou mais abertas
Mais no final são apenas flores.

Rebecca Silva Lima 11 anos.

Rebecca -
São Paulo - SP

E. E. Romão Puiggari

Ana Caroline Ribeiro de Sousa – 11 anos - São Paulo/SP

Claugy Mbinyo Mbuela - 11 anos - São Paulo/SP

Rafaela Alves dos Santos - 10 anos - São Paulo/SP

Maycon Dias Brito - 10 anos - São Paulo/SP

Evelin Ali Aruquipa - 10 anos - São Paulo/SP

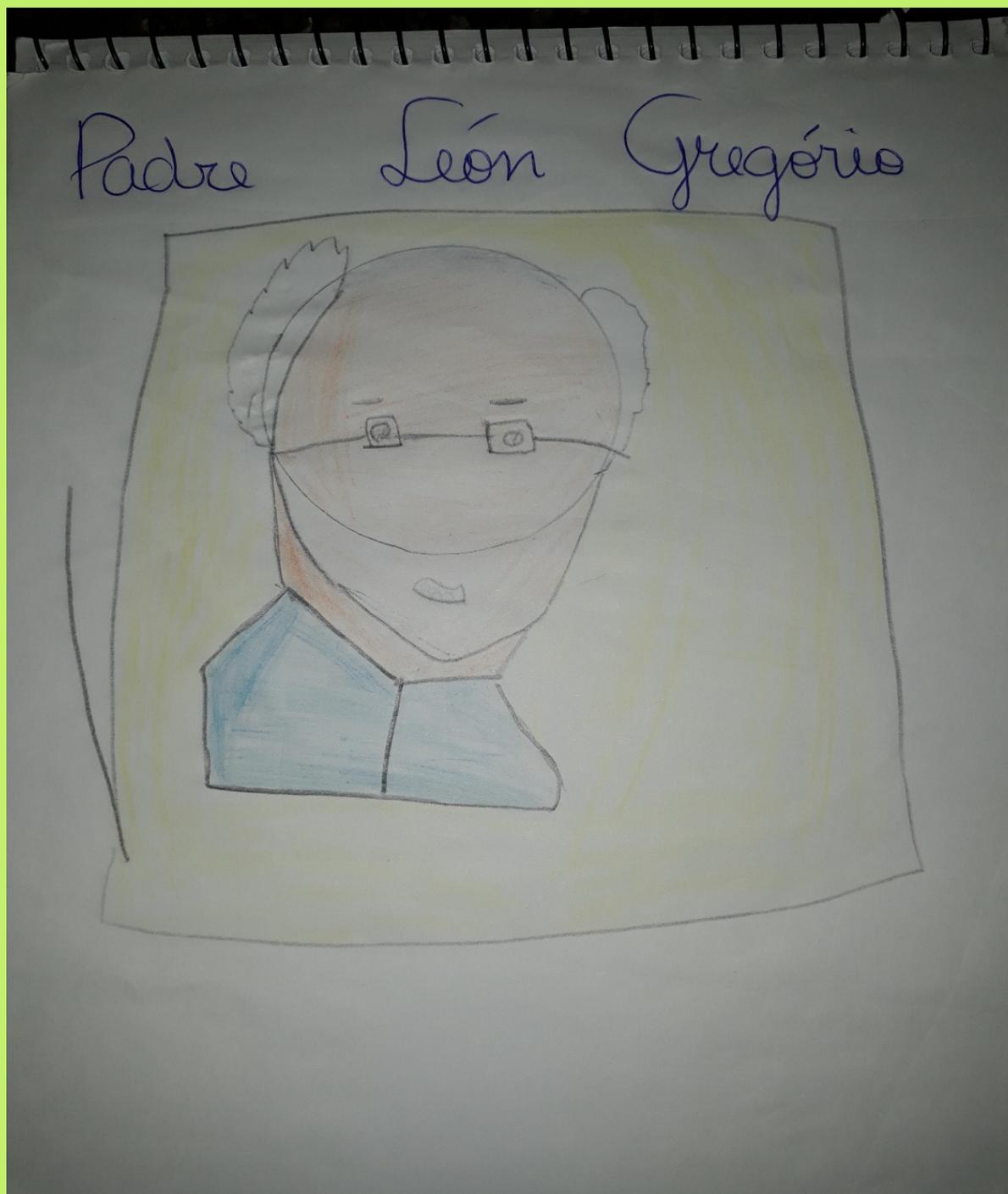
Gabriel Oliveira Brito - 11 anos - São Paulo/SP

Rebecca Silva Lima - 11 anos - São Paulo/SP

Agradecimentos a tod@s @s docentes, especialmente ao professor incentivador:

Wilson Persan

Kaio Vínicius Oliveira dos Santos, têm 7 anos, é filho de Carla e Rivaldo, é natural de Aracaju/Sergipe, reside em Nossa Senhora da Glória/Sergipe.



Homenagem a Léon Lambert Joseph Grégore (em memória)



Maria Sophia Bittar Eufrasio
(9 anos)
Campina Grande – Paraíba

MAEZINHA DO CÉU E DAS CRIANÇAS

Ave mãezinha do céu é a porta
Protege as crianças e todos os órfãos
Que vivem no mundo
Com fome e com choro sem nenhuma torta.

Ave mãezinha, mãe de todas as mães
Do Brasil é Nossa Senhora Aparecida
Olha pelas crianças alegres e tristes
Ajudai aos tristes sem nome a ter o colo de mãe.

Ave mãezinha, Senhora de Aparecida
Iluminai as crianças do meu Brasil
Negra ou branca a criança deve ser feliz
Índia ou oriental somos todos filhos da mãezinha Aparecida.

Maria Sophia Bittar Eufrazio (9 anos)

Campina Grande – Paraíba

Sophia Siqueira Ribeiro, é filha de Elisangela e Vanilson, é natural de Poço Redondo - Sergipe, reside em Sítios Novos- Poço Redondo-SE, Estudante do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Profº José Aribaldo de Campos Lima, Textos publicados em Antologia e Revistas On-line, apaixonada por leitura.

EU NÃO

Eu não estou mal

Eu não estou bem

Eu não estou feliz

Eu não estou triste

Eu não estou chorando

Eu não estou sorrindo

Eu não estou em mim

Eu só quero ficar quieta e pensar um pouco mais em mim.

Expediente

Revista Barbante
Vol. X - Nº 49 - 27 de outubro de 2022
ISSN 2238-1414
QUALIS B5

10 anos da revista Barbante

Editores
Rosângela Trajano
Samuel de Mattos

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Juli Lima
Sandra Erickson
Beth Iacomini

Conselho editorial da Barbantinha
Rosângela Trajano
Ana Priscila
Angela Ferreira

Ilustrações desta edição
Christie

Diagramação
Rosângela Trajano

Os textos assinados são de inteira responsabilidade
dos autores.

Revisão dos autores.



VEM SER FELIZ NA BARBANTE
TAMBÉM!!!

